

CARNAVAL

2 

Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Prefeito: **Raul Pont**

Vice-Prefeito: **José Fortunati**

Secretária Municipal de Cultura: **Margarete Costa Moraes**

Secretário Substituto: **Ricardo Lima**

Coordenação do Carnaval: **Mariangela Sedrez Pinto** (Coordenadora)

Pesquisa e textos: **Sandra Maia**

O direito deste trabalho foi cedido gentilmente pela autora Sandra Maia. É vetada toda e qualquer reprodução deste material sem autorização da autora.



Índice

Grupo Intermediário B

Mocidade Independente de Esteio _____	05
Academia de Samba Puro _____	07
Unidos do Guajuviras _____	13
União da Tinga _____	17
Mocidade Independente da Lomba do Pinheiro _____	23
Unidos da Zona Norte _____	29
Acadêmicos da Orgia _____	35
Protegidos da Princesa Isabel _____	41

Grupo Intermediário A

Copacabana _____	45
Real Academia de Samba _____	51
Estação Primeira da Figueira _____	53
Academia de Samba Praiana _____	59
Império da Zona Norte _____	67
Embaixadores do Ritmo _____	75
Império do Sol _____	81
Os Filhos da Candinha _____	83
Integração do Areal da Baronesa _____	89

Grupo Especial e Tribos Carnavalescas

Os Comanches _____	93
Os Tapuias _____	99
Os Guaianazes _____	105
Acadêmicos de Gravataí _____	109
Bambas da Orgia _____	113
Imperatriz Dona Leopoldina _____	121
Imperadores do Samba _____	127
União da Vila do IAPI _____	135
Estado Maior da Restinga _____	143
Unidos de Vila Isabel _____	151

Mocidade Independente de Esteio

No dia 22 de março de 1995, a comunidade do bairro Jardim Planalto, na vizinha cidade de Esteio, fundou sua Escola de Samba, dando-lhe o nome de Mocidade Independente. Hoje, ela é a entidade carnavalesca “caçula” do desfile oficial do Carnaval de Porto Alegre.

Sua bandeira recebeu as cores azul, amarela e branca.

Desfilando no Grupo de Acesso de Porto Alegre em 1998, a Mocidade Independente ingressou, de forma regulamentar, no Grupo Intermediário B. Assim, a arquibancada assistiu, no ano seguinte, ao seu primeiro desfile oficial. A colocação obtida demonstra que seus dirigentes e componentes estão no caminho certo, cientes das exigências do Carnaval competitivo.

Ano	Colocação
1999	4º lugar - Grupo Intermediário B

Vilson Oscar Nascimento é o Presidente da Escola, que teve a direção de Carnaval sob a responsabilidade de João Roberto Rodrigues da Silva.

Na direção de harmonia musical, atuou Flávio Luiz Ribeiro da Silva, o intérprete “Flavinho Júnior”, acumulando funções.

À frente da bateria, desfilou Carlos Leonardo Teixeira. O figurino da Mocidade foi obra de Maurício Schlusen.

Os passistas da Escola foram Dirceu Coelho de Souza e Sinara da Cruz Lopes.

Na condução do estandarte, revelou-se a competência de Maria Eloísa Ferreira.

Como mestre-sala e porta-bandeira, a Escola apresentou Marco Aurélio de Oliveira e Elisandra Carvalho.

O **prêmio individual** para Alegorias e Adereços no **Grupo Intermediário B em 1999**, coube ao carnavalesco Gilson Lucena, o Giguili, de reconhecida competência e talento comprovado.

Tema-Enredo

O MARAVILHOSO MUNDO DAS ARTES (aborda as manifestações de arte das principais civilizações) – Autor: Toni Di Maggio.

“Tudo começou quando anjos foram enviados pelo primeiro e único artista, de inigualável sabedoria, Deus, o Criador...”

Academia de Samba Puro

Um grupo de carnavalescos da comunidade, entre eles alguns componentes da Academia de Samba Praiana, resolveu criar, no Morro da Conceição, uma agremiação que traduzisse a cultura tipicamente popular do seu reduto, mostrando o verdadeiro samba de raiz e desfiles de Carnaval feito na garra e na coragem. Assim surgiu, a 30 de abril de 1984, a Academia Samba Puro (e não Academia de Samba Puro). Por símbolo, foi escolhido o pandeiro, instrumental do “malandro” sambista, sobre a mão que faz vibrar as platinelas. Para cores da Escola, foram escolhidas o azul, o amarelo e o branco.

Surpreendendo agradavelmente o povo do Carnaval com sua rápida ascensão nos anos oitenta, a Academia Samba Puro foi, por sua vez, surpreendida pelas dificuldades e por maus resultados na década de noventa. No entanto, a garra e a coragem, características dos seus Carnavais, fez com que os dirigentes e componentes reformulassem alguns conceitos. Um lema apenas vem sendo mantido: de que a Escola é o lazer da comunidade e esta é a maior riqueza da Samba Puro.

E a Academia Samba Puro voltou, em 1998 e 1999, a mostrar suas qualidades de Escola de Samba. É o que podemos verificar no quadro abaixo.

Ano	Colocação
1990	3º lugar - Grupo 1 B
1991	1º lugar - Grupo 1 B
1992	8º lugar - Grupo 1 A
1993	9º lugar - Grupo 1 A (rebaixada)
1994	3º lugar - Grupo 1 B
1995	9º lugar - Grupo 1 B (rebaixada)
1996	8º lugar - Grupo Intermediário B (rebaixada)
1997	Grupo de Acesso
1998	3º lugar - Grupo Intermediário B
1999	2º lugar - Grupo Intermediário B

Paulo Ricardo Caetano Gurskas presidiu a Academia Samba Puro em 1990 e em 1994. Em 1991, a Presidência coube a Gilberto Alencastro

de Vargas. Francisco de Assis Borba Pires exerceu o cargo de 1992 a 1993. No ano de 1995, Alcino Evilásio da Rosa foi o Presidente, sendo substituído, em 1998 e 1999, por Mário Jéferson Pinheiro, o premiado mestre-sala da Academia de Samba Relâmpago e da própria Samba Puro, morador da comunidade e extremamente dedicado à cultura carnavalesca.

Mário Jéferson já havia dirigido o Carnaval da Academia durante três anos alternados: 1991, 1994 e 1996. José Luiz Nunes Peres foi Diretor de Carnaval em 1990 e em 1992. Luiz Fernando Almeida exerceu o mesmo cargo em 1993. Em 1995, a Direção de Carnaval foi responsabilidade de Eugênio Silva Alencar, o "Paraquedas". Celso Luiz da Silva foi o diretor de Carnaval em 1999.

Durante sete anos, de 1990 a 1996, a direção de harmonia musical teve o nome de Ernande de Almeida. Em 1998, a responsabilidade do cargo foi passada a Tiago Chagas Pinheiro. Jefersandro Sampaio dos Santos, o compositor "Sandro Sampa", foi o responsável pela harmonia musical em 1999.

A história da Academia Samba Puro tem como grande personagem João Gomes da Silva Filho, o Mestre "Papai", legítimo comandante do ritmo e dos ritmistas, que encantou a avenida desde a fundação da Escola. Na década de noventa, Mestre "Papai" foi o soberano absoluto da regência, recebendo o **1º prêmio no quesito em 1991 e em 1994**. Sua bateria é especialmente diferente, com ritmo próprio e balanço original, que lembra o ritmo da Academia de Samba Praiana há alguns anos atrás. Se Porto Alegre tem samba de morro, ele é, sem dúvida, o samba regido por João Gomes da Silva Filho. Em 1999, a Samba Puro revelou, na direção da bateria, Miguel Antônio Rosa de Souza.

Durante quatro Carnavais, Carlos Alberto Silva de Souza desenhou o figurino da Academia Samba Puro: de 1991 a 1992 e em 1994 e 1999. Identificado com a Escola, Carlinhos sempre soube traduzir a fantasia que seu povo gosta de vestir e sabe mostrar. Teresinha Maria Borba Pires foi a figurinista em 1990 e em 1993. Em 1995, a atribuição coube a Alexandre Silva de Souza e, em 1996, a Irajará Farias. Em 1998, a Academia desfilou com o figurino desenhado pelo premiado artista Adoniran Ferreira.

Na função de porta-estandarte, a Academia Samba Puro trouxe

mulheres talentosas e competentes: de 1990 a 1991, Valquíria Almeida Pedroso; em 1992 e em 1994, Wilza Weber; em 1993, Nair Rodrigues Nunes; em 1995, Ilza Ferreira Gomes; em 1996, Carla Terezinha Souza. Nos desfiles de 1998 e 1999, Rosângela Carvalho da Silva, talentosa porta-bandeira, trocou de função e apresentou, com muito garbo, o estandarte azul, amarelo e branco.

Outra personagem da história da Samba Puro que merece menção é Luiz Henrique Gomes, o “Lilico”, passista com características absolutamente originais, que a ninguém imita e que ninguém consegue imitar. Mantendo a tradição dos antigos bailarinos do samba, aqueles que até hoje encantam nas gafieiras, “Lilico”, na função de passista do Carnaval, vem desfilando com a Samba Puro desde sua fundação. Foi passista de 1991 a 1992, em 1994, e de 1995 a 1996, recebendo o **1º prêmio no destaque em 1991 e em 1994**. A passista Dacilda Beatriz da Silva também teve competente e premiada atuação na Escola. Desfilou seu samba de 1990 a 1993, sendo a **melhor do Grupo 1 B em 1991**. A Academia revelou outros destaques na arte do samba: em 1990, o passista Iguatemi Fragoso de Braz; em 1993, Carlos Alberto de Souza. No ano de **1994**, Luiz Henrique Costa Gomes e Erla Pinheiro foram recompensados com o **1º lugar** por seu belo trabalho, permanecendo na função de passistas até 1996. Anderson dos Reis e Fabiane Goreti dos Reis foram as revelações de 1998. Anderson retornou ao desfile de 1999, acompanhado por Giovana de Carvalho Bueno.

A bandeira cujo símbolo é a mão que toca o pandeiro, sempre foi apresentada com muita dignidade e respeito, tendo os casais de mestres-sala e porta-bandeiras da Academia Samba Puro mantido, durante a trajetória da entidade, os rituais tradicionais da função. Para defender o quesito de máxima importância para sua Escola de Samba, desfilaram com a bandeira: Jorge Gabriel Soares, o “Bieco”, e Gilda Coimbra, a “Neca”, em 1990; Mário Jéferson Pinheiro e Rosângela Carvalho da Silva, em **1991** (com o **1º prêmio no quesito**) e em 1996; Cristiano Bueno e Gisa da Silva, em 1992; novamente Cristiano, com a porta-bandeira Eloísa Madruga Gomes, em 1993; Sérgio dos Santos e Carmem Maria Bicca dos Santos, em **1994** (com o **1º lugar no quesito**) e em 1995; Luiz Henrique Costa Gomes, o “Lilico”, passista premiado exercendo as atribuições de mestre-sala, e Vaníria Fagundes de Almeida, em 1998. Jorge

Nascimento, o "Zoca", e Itanajara Dione Nascimento de Almeida, a "Ita", abrilhantaram, com seu talento de mestre-sala e porta-bandeira, o desfile da Academia Samba Puro em 1999.

Temas de Enredo

1990 - DECLARAÇÃO DE ALTAMIRA: NÃO A KARARAÔ (protesto das tribos indígenas brasileiras contra a construção da represa de Kararaô) – Autor: José Luiz Nunes Peres.

"...Raoni, chefe dos txucarramãe, irritado com a insistência em construir a barragem de Kararaô, cobrindo terras indígenas, alertou para o perigo que se corre quando o índio é provocado..."

1991 - FANTASIA, SONHO SEM FIM (exalta o Carnaval, a infância e a importância da Irmã Neli para a comunidade da Escola) – Autor: Chocolate da Portela - **1º lugar no Grupo 1 B.**

"Um dia fui criança e tive a felicidade de conhecer a Irmã Neli... adulto, venho para o asfalto para de novo ser criança... neste colorido de fantasia e no embalo esse samba, faço meu coração feliz..."

1992 - SABOR DE BRASIL NO EMBALO DO SAMBA (apresenta os hábitos gastronômicos do povo brasileiro nas diversas regiões) – Autor: José Luiz Nunes Peres.

"...Em São Paulo, a exuberância da gastronomia. Todos os povos do mundo se apresentam na cozinha paulista... na Amazônia, o afrodisíaco guaraná... destaque para os frutos do mar nos estados nordestinos... os pratos gaúchos: carreteiro de charque e churrasco na brasa, acompanhados do chimarrão..."

1993 - AS QUATRO ESTAÇÕES DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO (homenagem à colonização lusitana ao sul do Brasil, enfocando os quatro centros de maior destaque: Rio Grande, Rio Pardo, Viamão e Porto Alegre) – Autor: Eugênio Silva Alencar (Paraquedas).

"...teremos também os aspectos culturais dos povos nativos, dos negros e dos pampeanos, de influência marcante no desenvolvimento destas quatro cidades..."

1994 - MAIS DO QUE NUNCA, AINDA HOJE, ZUMBI (homenagem ao rei de Palmares e exaltação à continuidade da luta pelos direitos humanos) – Autores: Eugênio Alencar, João Gomes e Ernani Almeida.

“...Desde então, passada a suposta Abolição da Escravatura, o negro vem lutando por seus direitos e por uma sociedade igualitária, como qualquer cidadão de um Brasil democrático, onde as leis existem no papel mas na prática não se cumprem... mas sempre haverá alguém atento e com coragem para denunciar...”

1995 - MAIOR MÁGICO DO MUNDO – O OPERÁRIO BRASILEIRO (a vida do trabalhador brasileiro, mal remunerado e sonhador) – Autor: Ivan Paulo Martins.

“...o operário que pergunta como sobreviver às dificuldades do dia-a-dia. Sua única alternativa é sonhar. Então se transforma em milionário. Mas o sonho chega ao fim, levando o operário a concluir ser ele mesmo um mágico por sobreviver à vida difícil...”

1996 - OS GUARDIÕES DOS TESOUROS OCULTOS (sobre as entidades elementais – os gnomos) – Autores: Mário Jeferson Pinheiro e Ana Maria Aquino.

“Os poderes mágicos que os gnomos possuem vêm do seu chapéu, que não tiram nem para dormir. A velocidade incrível que alcançam provém de suas botas mágicas. Vivem mais de 350 anos e, quando morrem, sua família crema seus corpos e atira as cinzas nos rios. Por isso, nunca encontramos seus esqueletos. Adoram se perfumar e fabricam suas próprias essências...”

1998 - FESTA NO OLIMPO (apresenta personagens e lendas da mitologia, enfocando a Grécia mitológica) – Autores: Wagner Almeida Pedroso e Álvaro Machado.

“...do Olimpo, os deuses gregos partiam para proteger, castigar ou mesmo gerar novos seres com os mortais. É um mundo sobrenatural infinito, cheio de mistérios e lendas...”

1999 - O HOMEM-MENINO NUMA VIAGEM AO TEMPLO DA CRIAÇÃO (viagem imaginária de um menino através dos reinos dos orixás africanos) – Autor: Carlos Alberto da Silva de Souza.

“...Por fim, o homem-menino se encontra com Oxalá que, cercado de pombas brancas, lhe dá como missão a esperança...dando fim à viagem, o homem-menino volta com o futuro em suas mãos...”

Unidos do Guajuviras

Da vizinha cidade de Canoas, o Carnaval de Porto Alegre recebeu a Escola de Samba Unidos do Guajuviras. Fundada em 8 de janeiro de 1991, somente em 1994 a Guajuviras ingressou no Carnaval oficial da cidade. Seu símbolo são duas mãos, uma negra e outra branca, unidas em cumprimento fraternal. Suas cores são o verde, o amarelo e o branco.

Em sua quadra, à avenida Principal, 81, componentes e diretores mantém as atividades culturais durante o ano todo, com a participação da comunidade.

Nos primeiros desfiles, a Guajuviras mostrou muita arte, talento dos seus destaques e capacidade de seus dirigentes, permitindo que se atribuísse à Escola um futuro bastante promissor. No entanto, a colocação em 1997 e o rebaixamento em 1998, como demonstrado no quadro abaixo, serviram como um alerta para que a filosofia da direção fosse reformulado e adequado ao sistema competitivo. A Guajuviras, Escola de Samba de conceito verdadeiramente comunitário, tem os requisitos necessários para competir com as maiores Escolas do nosso Carnaval, mas precisaria investir em verdadeiros talentos e ser administrada de forma mais empresarial. A colocação em 1999 revela que os resultados anteriores foram analisados e a que a Escola reformulou seus conceitos, melhorando o desempenho.

Ano	Colocação
1994	2º lugar - Grupo II
1995	1º lugar - Grupo II (promovida)
1996	3º lugar - Grupo Intermediário A
1997	5º lugar - Grupo Intermediário A
1998	9º lugar - Grupo Intermediário A (rebaixada)
1999	4º lugar - Grupo Intermediário B

De 1994 a 1996, Dorival Gonçalves foi o presidente da Unidos do Guajuviras. Em 1997, Franquito José Bairros da Silva assumiu o cargo que, em 1998, foi responsabilidade de Luiz Carlos da Rosa. Em 1999, Nilda Teresinha Escalante Freitas assumiu a presidência da Escola.

Na Direção de Carnaval da Escola atuaram, em 1994, Renato Marcelino; em 1995, a dupla Nilda Freitas e José Carlos Gonçalves; em 1996, Nilza de Souza; em 1997, Ademilde Chagas da Silva dos Santos; e, em 1998, Paulo José da Rosa. A administração de Carnaval a cargo de uma maioria feminina é característica própria da Unidos do Guajuviras. Em 1999, as atribuições da diretoria de Carnaval foram divididas entre Jorge Marques e Denilson Borges.

O compositor Carlos José de Paula, autor de belos sambas-enredo do Carnaval de Porto Alegre, foi o diretor de harmonia musical de 1994 a 1996. João Nazareno Barbosa da Silva, o "Neno Bass", cuidou da função no ano de 1997. Em 1998, o cargo foi exercido por Vilmar Inácio da Silva. No Carnaval de 1999, a harmonia musical foi dirigida por Edson Nunes Ferraz até as vésperas do desfile, quando o diretor mudou de Escola e tornou-se intérprete da Acadêmicos de Gravataí.

Do seu primeiro desfile oficial em Porto Alegre até 1997, a Escola teve Antonio Carlos Gomes dos Santos, o "Sarrinho", na direção de bateria. "Sarrinho" obteve o **1º prêmio do quesito em 1994, no Grupo II**. Carlos Leonardo da Silva comandou os ritmistas em 1998. No Carnaval de 1999, Márcio Rogério Rodrigues foi o Diretor de Bateria.

Luiz Mauro Barbosa, carnavalesco que já vinha atuando em outras Escolas de Samba, desenhou os modelos da Guajuviras em **1994**, obtendo o **1º lugar**, e em 1995. Em **1996**, outro figurinista, Joarez Gonçalves, recebeu o **1º prêmio**. Luciano Lucena é a revelação no desenho das fantasias da Escola em 1997 e em 1998. O figurinista Vladimir Pinheiro Melo responsabilizou-se pelos modelos de fantasias em 1999.

A porta-estandarte Delorde Loreci de Souza apresentou o símbolo das mãos unidas da Escola do Guajuviras, de 1994 a 1997. Em 1998, Adriana dos Santos Mendes a substituiu na função. No Carnaval de 1999, a Unidos do Guajuviras lançou a porta-estandarte Leonice Mendes Rocha, a "Leo".

Jair de Souza, o "Pelé", passista premiado com o **1º lugar no destaque em 1994**, desfilou com a Escola de 1994 a 1997. Ao seu lado, a passista Bárbara de Souza, **1º prêmio em 1994 e 1996**. Em 1998, a Guajuviras trouxe Jair Trindade e Luciana Brito. Os passistas Cristiano da Rosa Nunes e Inajara da Silva Cardoso desfilaram em 1999.

O mestre-sala Marco Aurélio de Oliveira e a porta-bandeira Gislaine Freitas Borges foram destaques no quesito de 1994 a 1995, obtendo o **1º prêmio em 1994**. Em 1996, a Guajuviras entregou sua bandeira aos cuidados de Luiz Augusto dos Santos e Inajara Amorim Tejito. Luiz Augusto foi também mestre-sala no desfile de 1997, tendo Josiane Rosa da Silva como porta-bandeira. Em 1998, o casal foi formado por José R. da Rosa e Tatiane Corrêa. No desfile de **1999**, a Unidos do Guajuviras premiou as arquibancadas com a atuação perfeita do mestre-sala Gilberto Koboldt Soares (Maico) e da porta-bandeira Gislaine Freitas (Gisa), casal que representa a grande revelação de talento na função durante a década de noventa. Justamente por sua competência e arte, foram premiados como os **melhores da avenida no Grupo Intermediário B**.

Temas de Enredo

1994 - O NEGRO CANTA E DANÇA EM REVERÊNCIA AO PRÍNCIPE DE AJUDÁ (história de um nobre africano, exilado no Brasil, que viveu no interior de Bagé) – Autor: Carlos José de Paula.

“A fim de evitar o massacre do seu povo, o príncipe de Ajudá deixou a Costa da Mina aos 31 anos de idade... partiu com a promessa solene de que seu povo não sofreria... aos 70 anos, instalou-se em Porto Alegre... filho de Ogum, o príncipe de Ajudá plantou a tradição africana nesse chão, teve força e prestígio, honra, sabedoria e dignidade...”

1995 - UMA VIAGEM ATRAVÉS DA NOITE, SEUS ENCANTOS, MISTÉRIOS E MAGIAS (a

noite e seus elementos reais e imaginários) – Autor: Luiz Mauro Barbosa.

“...Falar da noite é contemplar estrelas, cavalgar cometas, é entender a pressa dos raios e relâmpagos. Falar da noite é sentir-se poeta, é iluminar a vida com o brilho tênue dos vagalumes. Essa noite encantadoramente negra, misteriosa e mágica, tem a idade da eternidade. Tem o ventre imensurável, capaz de gerar filhos diferentes mas dotados da mesma sensibilidade...”

1996 - DO SONHO À REALIDADE – AMAZÔNIA, PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE (retrato da Região Amazônica, com sua fauna e flora, realidade e lenda) – Autor: Carlos José de Paula.

“A devastação paira perigosamente sobre a vida animal, vegetal, terrestre

e aquática, mas nem tudo está perdido...com esse tema, a Escola quer mostrar um pedaço do planeta onde o futuro está ameaçado... ter consciência ecológica é como pintar um quadro, com o prodígio harmônico das formas e uma linguagem de cores...”

1997 - QUILOMBO DOS PALMARES, O ESTADO NEGRO DA LIBERDADE (o quilombo de Zumbi e sua importância histórica e cultural) – Autor: Carlos José de Paula.

“...no coração do povo, Zumbi não morreu. Para os descendentes dos escravos, Zumbi está vivo. Hoje, é símbolo de liberdade. Ele é o rei eterno de Palmares e sempre será citado como exemplo universal da capacidade de um povo na busca de sua identidade...”

1998 - HISTÓRIA DA MÁQUINA FOTOGRÁFICA (fala sobre a invenção da máquina fotográfica, dividindo a Escola em duas fases – as fotografias em preto e branco e as fotografias coloridas) – Autores: Luciano da Silva e Gilson Lucena.

(a Escola não forneceu o texto do seu tema-de-enredo)

1999 - AMULETOS E BALANGANDÃS (descreve os objetos e costumes que fazem parte da superstição popular) – Autor: Sérgio Peixoto.

“A Guajuviras acredita em tudo, até nas crendices populares, e aprendeu com a vovó que chazinho e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. Pedindo a bênção, toma um banho de sal grosso, põe um galho de arruda atrás da orelha, afasta o mau olhado e vem pra avenida para um bom Carnaval.”

União da Tinga

No dia 13 de maio de 1989, foi fundada, no bairro Restinga, uma nova Escola de Samba como opção de cultura para a comunidade. Seu símbolo é o pavão. Suas cores são o verde, o vermelho, o amarelo e o branco. A Escola é a União da Tinga, que iniciou seus desfiles oficiais em 1991, após rápida e vitoriosa passagem pelo antigo Grupo Extra, hoje Grupo de Acesso. Carinhosamente apelidada de "Tinguinha", construiu seu nome com belos Carnavais.

No final dos anos noventa, porém, a Escola enfrentou dificuldades sérias, cometeu equívocos e, em 1997, sofreu rebaixamento. A partir de então, sua apresentação no Carnaval-espetáculo foi insatisfatória, resultando em novo rebaixamento em 1999, para o Grupo Intermediário B.

Na comunidade, a Escola compete com a grandeza da Estado Maior da Restinga, o que acrescenta maior dificuldade ao gerenciamento do Carnaval. Embora jovem como Escola, já demonstrou que seus componentes e dirigentes estão cientes das responsabilidades que envolvem a participação no Carnaval competitivo. Falta-lhe a definição dos seus reais objetivos como entidade carnavalesca.

A União da Tinga precisa lutar para reconstruir sua trajetória de sucesso do início dos anos noventa, resumida no quadro abaixo.

Ano	Colocação
1991	1º lugar - Grupo II (promovida)
1992	2º lugar - Grupo 1 B
1993	1º lugar - Grupo 1B (promovida)
1994	4º lugar - Grupo 1 A
1995	5º lugar - Grupo 1 A
1996	6º lugar - Grupo Especial
1997	9º lugar - Grupo Especial (rebaixada)
1998	4º lugar - Grupo Intermediário A
1999	9º lugar - Grupo Intermediário A

De 1991 a 1993 e no biênio 1996-1997, Itacolomi Cândido dos Santos presidiu a União da Tinga. Em 1994, o cargo foi exercido por

João Cardoso da Fonseca e, em 1995, por Luiz Carlos Machado. No Carnaval de 1998, a Escola teve Ivaldo Luiz Baptista dos Santos como Presidente. Itacolomi retornou à presidência em 1999, colocando todo o seu esforço na recuperação da Escola, o que, infelizmente, não aconteceu.

Na Direção de Carnaval, João Cardoso da Fonseca realizou um bom trabalho, que o levou à Presidência no ano seguinte. Em 1995, o Carnaval da “Tinguinha” teve a direção do experiente carnavalesco Delmar Barbosa Pavão. Gilmar José Machado assumiu o cargo em 1996. Marco Nascimento foi o responsável pela função em 1998 e Manoel Braga em 1999.

Na harmonia musical, Renato Ribeiro foi diretor de 1993 a 1994. O intérprete Sandro Gomes da Cunha acumulou as atribuições do cargo em 1995, auxiliado por Delmar Barbosa Pavão. Em 1998, a capacidade e o conhecimento de Edson Vieira contribuíram para o bom desempenho da Escola no quesito. Vanderlei Augusto Inácio da Silva foi o intérprete e o diretor de harmonia musical em 1999.

No desfile de **1991**, a União da Tinga revelou o talento de Sílvio Machado à frente da bateria, premiado com o **1º lugar do quesito no Grupo II**. De 1992 a 1994, os ritmistas foram comandados por Sílvio Luiz Pereira de Souza, premiado com o **1º lugar em 1993, no Grupo 1 B**. Em **1994**, outro **1º lugar** obtido com o desempenho da bateria, agora no Grupo 1 A e com Paulo Roberto de Souza. De 1995 a 1996, Francisco Carlos Rodrigues, o “Chico”, foi o responsável pela chamada “cozinha” da Escola. No desfile de 1998, o quesito bateria foi valorizado com a direção de Mestre Nilton Deoclides Pereira, campeoníssimo em sua categoria. João de Deus de Souza foi o diretor de bateria em 1999.

Para o quesito fantasia, a Escola apresentou, em **1991**, o trabalho do figurinista Emílio Félix, **1º prêmio no Grupo II**. No ano seguinte, foi a vez de Fabiana Veigas Figueira receber o **1º lugar** com seus figurinos. Carlos Leão assumiu o desenho dos modelos da Escola de **1993 (1º lugar do quesito no Grupo 1 B)** a 1995. Em 1996, Júlio Sérgio Gonçalves Almeida confeccionou a arte que as alas vestiram. A função foi atribuída a Cristiano Gomes Cunha em 1998. Júlio César de Almeida foi o figurinista no Carnaval de 1999.

Como porta-estandartes, a União da Tinga também revelou novos talentos ao Carnaval de Porto Alegre: em 1991, Adriana Conceição; em 1992, Rita de Cássia Gomes Cunha, que retornaria ao estandarte em 1994; Cláudia Nunes Conceição em 1993. De 1995 a 1997, Neide Maria da Silva Machado mostrou seu talento na apresentação do símbolo da Escola. Carmem Dora exerceu a função em 1998. Em 1999, a porta-estandarte foi Silvana Braga.

No trabalho difícil de mostrar ao povo como se dança o samba, desfilaram vários passistas com a União da Tinga. Em **1991**, Márcio Luiz Rosa de Oliveira ao lado de Ângela Neves, com o **1º lugar no destaque**; Márcio desfilou também em 1992, tendo como par Jacy Pereira de Abreu; no ano de 1993, Jacy formou novo casal com Airton Luiz de Oliveira. No desfile de 1994, Hamilton Silva de Moraes, o “Salsicha”, foi o passista da “Tinguinha”, dançando com Lisiane Teixeira Batista. De 1995 a 1996, novamente a Escola mostrou o talento de Márcio, com a premiada passista Cleide Regina Quevedo Guedes. Em 1998, foi a vez de Luciano Cardoso e Flávia Barbosa Cruz revelarem suas qualidades no samba. Luiz Fernando Chaves e Leticia Martins foram os passistas em 1999.

Sendo uma das mais novas Escolas de Samba de Porto Alegre, coube à União da Tinga mostrar novos destaques também nas funções de mestre-sala e porta-bandeira. Apresentaram a bandeira do pavão, em **1991**, obtendo o **1º prêmio do quesito no Grupo II**, Airton Luiz de Oliveira e Denise Fonseca Amaro. Em **1992**, já no Grupo 1 B, repetindo o **1º lugar**, Denise voltou à avenida, com o mestre-sala Carlos Roberto Pacheco Oliveira. O casal permaneceu na função até **1994**, ano em que obteve o **1º prêmio do quesito no Grupo 1 B**. No ano seguinte, Carlos Alberto teve como porta-bandeira Nádia Rosane Rodrigues. Em 1996, a Escola trouxe um talento do Rio de Janeiro: o mestre-sala Alcir Jorge de Oliveira, o “Sizinho”, que cortejou a porta-bandeira Fátima Heloísa Monteiro. O mestre-sala Eduardo Fernandes da Silva e a porta-bandeira Rita de Cássia Cunha foram responsáveis pela apresentação da bandeira em 1998. Em 1999, conduziram o pavilhão da União da Tinga José Ricardo da Rosa e Cleide Regina Guedes (ela, já revelada ao público na função de passista).

Temas de Enredo

1991 - MITOS, LENDAS, COSTUMES E FESTAS DO POVO BRASILEIRO (sobre os eventos regionais brasileiros) – Autores: J. C. Fonseca e Luiz Fernando Oliveira - **1º lugar no Grupo II.**

“...É através das tradições e costumes que se entra mais a fundo na alma da nação brasileira, um caldeamento permanente de raças...”

1992 - UMA FANTÁSTICA VIAGEM ATRAVÉS DO MUNDO FASCINANTE DOS SONHOS (viagem imaginária em uma astronave pelo Universo conhecido e desconhecido) – Autor: João Cardoso da Fonseca - **1º lugar no Grupo 1 B.**

“...Terminando a viagem, cheguei a um lugar onde vi belas mulheres, muito futebol, muito samba e Carnaval. Então percebi que esse lugar, de beleza sem igual, eu já conhecia...”

1993 - ENTRE O CÉU E A TERRA, SONHAR NÃO É PECADO (viagem espacial imaginária, com exaltação à vida no planeta Terra) – Autor não referido – **1º lugar no Grupo 1 B.**

“...mas o viajante acordou no planeta Terra, planeta vida, planeta das águas, das flores, do arco-íris, de homens e animais.. é a vida que modela a Terra e o seu ambiente...”

1994 - MISTÉRIOS, ENCANTOS E MAGIAS DA NATUREZA (homenagem à natureza e aos seres elementais que nela habitam) – Autores: Carlos Gilberto Reis e Maurício Mello Garcez.

“...os duendes habitam florestas e campos, são deuses elementais, ligados ao elemento terra... os elfos simbolizam os fenômenos atmosféricos... os silfos representam as potências do ar, comandam os ventos e as brisas... as ondinas amam as flores e assemelham-se às ondas do mar...”

1995 - AS QUATRO ESTAÇÕES DO ZODÍACO – PLANETA TERRA (apresenta as quatro estações do ano misturadas aos doze símbolos do zodíaco) – Autor: Luiz Fernando de Oliveira.

“Desde tempos remotos, quando o ser humano surgiu na face da Terra, os fenômenos da natureza têm influenciado a vida no planeta. O abismo entre o real e o fantástico levou o homem a buscar um elo de ligação... além disso, o sistema solar adquiriu sentido mágico, perdurando até

hoje o mistério dos doze signos do Zodíaco..."

1996 - ENTRE NEGROS E BRANCOS, SE NÃO É ÍNDIO, O QUE É? (OU VALE A PENA VER DE NOVO) (fala das três raças que formaram o povo brasileiro) – Autor: Júlio Almeida.

"Os portugueses vieram ao Brasil somente para explorá-lo. Dominaram os índios e trouxeram os negros como escravos, impondo seus costumes, sua língua e sua religião. Surgiu dessa violência a miscigenação do povo brasileiro..."

1997 - FESTA DE RAÇA E COSTUMES DO POVO JAPONÊS NO BAIRRO DA LIBERDADE (homenagem ao povo japonês e à sua contribuição para o desenvolvimento brasileiro) – Autores: Ângela de Souza, Eulália de Souza, Júlio Almeida, Luiz Fernando de Lima e Renato Ribeiro.

"...buscando prestar uma homenagem à colônia japonesa no Brasil, que muito contribuiu para o engrandecimento da nossa pátria... traduziremos a cultura milenar dos japoneses, seus costumes e religiosidade, em forma de Carnaval..."

1998 - CAFÉ, O PRETINHO GOSTOSO QUE SATISFAZ (a lenda e a verdade sobre a bebida

preferida dos brasileiros) – Autoras: Zilá Maria de Freitas e Noeli Santos Martins.

"... diz a lenda que, ao ingerir as frutas de um certo arbusto, as cabras de um pastor árabe ficaram agitadas. Curioso, o pastor levou os grãos a um sábio que, após fervê-los, conseguiu obter uma infusão. Assim surgiu o café, cujo nome significa força..."

1999 - JACQUES COUSTEAU NO MUNDO FANTÁSTICO DA AMAZÔNIA (narra a viagem do oceanólogo francês à Amazônia, incluindo dados geográficos sobre a bacia do rio Amazonas e lendas a respeito da região) – Autor: Delmar Barbosa Pavão.

"... Durante um ano e meio, Cousteau e 28 tripulantes do Calipso, viajou pela misteriosa Amazônia... percorreu 6.000 quilômetros e denunciou a devastação..."

Mocidade Independente da Lomba do Pinheiro

Em 5 de março de 1985, a comunidade da Lomba do Pinheiro recebia, oficialmente, sua primeira Escola de Samba. O símbolo da Escola, uma pomba entre dois pinheiros, foi escolhido para representar a paz e como homenagem ao bairro. As cores azul, verde e rosa foram destinadas a colorir o estandarte e a bandeira. Assim ingressou no Carnaval oficial de Porto Alegre, em 1993, através do antigo Grupo Extra, a Escola de Samba Mocidade Independente da Lomba do Pinheiro.

No princípio dos anos noventa, sua trajetória foi brilhante, com desfiles alegres, temática bem-humorada e número de componentes que crescia a cada apresentação. Em 1997, a Escola chegou ao Grupo Especial, passando a competir com as grandes agremiações carnavalescas da cidade. Porém, sua estrutura administrativa e sua função cultural não estavam suficientemente definidas para fazer frente às exigências do Carnaval-espetáculo. Além do despreparo, a Mocidade Independente enfrentou o problema de indefinição sobre um local permanente para sua quadra. Em 1998, as propostas de desfile não se concretizaram e a Escola foi rebaixada. No desfile de 1999, mesmo apresentando tema-de-enredo com potencial para um bom Carnaval, a Escola não cumpriu com os requisitos necessários ao espetáculo, sendo novamente rebaixada.

Faz-se necessária, no momento em que se encerra a década, uma reavaliação dos objetivos da Escola e da capacidade dos seus dirigentes. Atribuir funções a dirigentes verdadeiramente capacitados e conhecedores das regras do Carnaval-espetáculo é providência das mais urgentes a ser tomadas pelos que realmente objetivam o sucesso da Mocidade Independente da Lomba do Pinheiro.

No quadro abaixo, o desempenho da Mocidade desde seu ingresso nos desfiles.

Ano	Colocação
1993	7º lugar - Grupo II
1994	1º lugar - Grupo II (promovida)
1995	3º lugar - Grupo 1 B
1996	1º lugar - Grupo Intermediário A
1997	(promovida) 7º lugar - Grupo Especial
1998	8º lugar - Grupo Especial (rebaixada)
1999	7º lugar - Grupo Intermediário A (rebaixada)

As responsabilidades pela Presidência da Mocidade Independente foram de Rubens Guedes, em 1993, e de Jorge Luís da Silva, em 1994. De 1995 a 1996, Ézio Fajardo do Nascimento foi Presidente da Escola, sendo substituído, de 1997 a 1998, por Ivaldo Luís Baptista dos Santos. Em 1999, José Carlos da Silva Alves, o "Caio", respondeu pela presidência da Escola.

Marco Aurélio Nascimento da Silva exerceu a Direção de Carnaval em 1993 e em 1998. Nos anos de 1994 a 1997, couberam a Laerte Myra as atribuições do cargo. Luciano Borges foi o diretor de Carnaval em 1999.

O talento do músico Edson Vieira, na direção de harmonia musical, acrescentou qualidade ao desempenho da Mocidade durante todo o período (de 1993 a 1998). Ézio Fajardo Nascimento exerceu estas funções em 1999.

Na direção de bateria, a Escola apresentou Carlos Fernando, em 1993, e Fernando Silva Marcolino, em 1994. De 1995 a 1996, os desfiles revelaram Marcelo Soares Silveira à frente dos ritmistas. Marcelinho mostraria seu talento, nos anos seguintes, com a Integração do Areal da Baronesa. Em 1997, a Escola contratou o premiado mestre de bateria Estêvão Renato Pereira que, dali, sairia para Bambas da Orgia. Revelações da Mocidade foram Rodrigo Gomes Cunha, em 1998, e Tiago Luís Alves Martins, em 1999, como diretores de bateria.

Em 1993, as fantasias da Escola foram desenhadas por Éverson

Paulo. Daniel Borges fez o figurino em 1995. No ano de 1996, a Mocidade contou com a arte premiada de Guaraci Feijó. Maria Luíza da Silva desenhou os modelos em 1997 e Cristiano Gomes Cunha estreou na função em 1998. Carlos Souza, o “Cecéu”, foi o figurinista do Carnaval de 1999.

Carmem Dora da Conceição mostrou o seu belo trabalho na apresentação do estandarte da Mocidade desde 1993. Em 1994, foi substituída por Marta Chu Aires.

No destaque de passistas, a Escola trouxe Márcio Luiz Rosa de Oliveira e Maria Cristina Alves, em 1993. No ano seguinte, desfilaram José Ricardo Mendes da Rosa e Luciana Barros da Silva, que foram substituídos, em 1995, por Alexandre Benevenuto e Liziane Teixeira Batista. O desfile do ano de 1996 trouxe dois passistas premiados: Cristiano Nunes Brum e Helena Beatriz Fernandes da Silva. Em 1997, foi a vez de Alexandro Fernandes e Rita de Cássia Cunha. Em 1998, dois novos representantes do “samba no pé”: Luciano Cardoso e Flávia Barbosa da Cruz. Luciano Oliveira Alves e Patrícia Marques foram os passistas revelados pela Escola no Carnaval de 1999.

Foi com o competente mestre-sala Mário Jéferson Pinheiro que a Mocidade Independente trouxe a bandeira portada por Denise Damaceno, em 1993. No ano seguinte, a responsabilidade da apresentação do símbolo da Escola coube ao casal Marcelo Rodrigues e Maria Clarice Ferreira Moraes. Maria Clarice desfilou como porta-bandeira, novamente, em 1995 e em 1996, ao lado de Eduardo Fernandes da Silva. No ano de 1997, um casal “nota 10” levou a bandeira dos pinheiros: Luiz Marcelo Rodrigues e Paula Verônica Zylbersztejn. Eduardo retornou às funções de mestre-sala em 1998, com a porta-bandeira Rita de Cássia Cunha. Júnior Eduardo Fernandes e Tizane Silva de Souza foram mestres-sala e porta-bandeira de 1999.

Temas de Enredo

1993 - GRAMADO DAS HORTÊNSIAS NA TELA DE UM FESTIVAL (expõe as dificuldades do cinema no Brasil, os festivais de Gramado e os filmes premiados) – Autora: Maria Lúcia Silva.

“... na crise por que passa o cinema brasileiro, Gramado não só aceitou um desafio, mas ultrapassou as expectativas, consolidando um evento cultural brasileiro hoje reconhecido internacionalmente...”

1994 - DOMINGO TEM GREINAL (homenagem ao clássico jogo de futebol entre Grêmio e Internacional) – Autores: Ezio do Nascimento e Elpídio Braga - **1º lugar no Grupo II.**

“Para quem gosta de futebol, nada melhor do que um clássico num domingo de sol. O maior clássico do futebol gaúcho, o Grenal, é o duelo dos dois maiores clubes, detentores das duas maiores torcidas do Estado.”

1995 - A MOCIDADE ENTRE CONTOS E FÁBULAS (através de uma avó imaginária, sentada sobre uma estrela, desfilam os contos e fábulas infantis mais conhecidos) – Autores: Ivaldo Santos, Guaraci Feijó e Carolina Feijó.

“...Aladim aterrissou nas areias aquecidas e convidou os netinhos da vovó para uma voltinha no tapete... Do alto, Aladim mostrava o final de todos os contos e fábulas... o bem vencendo o mal...mesmo nas horas mais difíceis, sempre deve haver esperança...”

1996 - RETRATO EM PRETO E BRANCO (o feijão com arroz, mistura clássica da cozinha brasileira, tem sua história contada desde a origem) – Autor: Sérgio Peixoto - **1º lugar no Grupo Intermediário A.**

“...para que viesse a nascer o mais brasileiro de todos os pratos, seria necessário um encontro de culturas e uma troca de sabores...o prazer da feijoada, sempre acompanhada do arroz, é compartilhado de norte a sul do Brasil...nenhum país do mundo se dedica com tanto amor ao feijão com arroz...”

1997 - UM RAIOS LUMINOSO NA SUPERSTIÇÃO POPULAR (a lenda da Mãe do Ouro, indicadora dos veios preciosos aos garimpeiros) – Autor: Sérgio Peixoto.

“...minha trajetória é cintilante e o longo cortejo colorido de luzes que me seguem forma uma grande cabeleira de estrelas que, quando se apagam, transformam-se em pedras. O que é hoje uma serra de pedras, já foi gente vivente em tempos muito antigos que, por castigo do céu, endureceu de repente e caída ficou...”

1998 - A CRIAÇÃO DA RAÇA BRASILEIRA (a formação do miscigenado povo brasileiro nos limites do Quilombo de Palmares e sob as bênçãos de Zumbi) – Autora: Solange Dornelles.

“... unir-se-iam ali não só o jovem guerreiro índio com a princesa

africana, mas três raças: a indígena, a negra e a branca. Na reunião foi acertado que os filhos dessa união teriam como herança a liberdade, a terra, o céu e o mar, dos quais seriam donos e senhores absolutos...”

1999 - À NOITE, TODOS OS GATOS SÃO PARDOS. SERÁ? (conta os hábitos do bichano doméstico e as lendas que o cercam) – Autor: Sérgio Peixoto.

“Quem os vê atirados pela casa, preguiçosos no sofá, brincando com um novelo de lã, ronronando, não imagina o quanto foram amados e odiados ao longo da História... eles têm parentes famosos e andam na boca do povo...”

Unidos da Zona Norte

A Escola de Samba Unidos da Zona Norte foi fundada em 16 de março de 1984, adotando como símbolo um galo e por cores o azul, o branco e o rosa.

Com o objetivo de apresentar mais uma opção carnavalesca ao povo da Zona Norte de Porto Alegre, a Unidos vem se mantendo, durante a década de noventa, nos grupos intermediários, tendo participado do Grupo Especial (antigo Grupo 1 A) em 1991.

Em sua quadra, à rua B, 300, na Vila Dutra Jardim, dirigentes e componentes tentam manter a tradição de bons Carnavais. O público da Unidos reduziu-se consideravelmente, como tem acontecido com Escolas menores, mas a luta continua pela retomada e pela manutenção de seu lugar nos desfiles oficiais. As dificuldades, financeiras e estruturais, são as mesmas encontradas pelas Escolas de Samba que não puderam organizar-se para evoluir do Carnaval improvisado e sem regras para o Carnaval competitivo.

No quadro, uma visão do desempenho da Unidos da Zona Norte no período 1990-1999.

Ano	Colocação
1990	2º lugar - Grupo 1B (promovida)
1991	9º lugar - Grupo 1A (rebaixada)
1992	7º lugar - Grupo 1B
1993	3º lugar - Grupo 1B
1994	5º lugar - Grupo 1B
1995	7º lugar - Grupo 1B
1996	8º lugar - Grupo Intermediário A (rebaixada)
1997	5º lugar - Grupo Intermediário B
1998	6º lugar - Grupo Intermediário B
1999	6º lugar - Grupo Intermediário B

Valmir Dirceu Andrade Arrué tem sido o Presidente da Unidos da Zona Norte, desde 1990.

Exerceram as atribuições de Diretor de Carnaval: Ademir Oliveira, em 1993; Geraldo Padilha, em 1995; Adão Cláudio Vieira, em 1996; Ubirajara Azevedo, em 1997; Georgina Elizabeth de Mello Padilha, em 1998; e Paulo Fernando da Silva Freitas, em 1999.

Com a atribuição de organizar e orientar a harmonia musical da Escola, foram diretores: em 1993, Valdir Alves (intérprete da Império da Zona Norte nos anos 80); em 1995, Flávio "Batera"; em 1996, Osmar Lopes, o "Cangerê"; em 1998, Arnaldo Alves Fernandes, o "Kako" Alves, compositor de muitas contribuições ao Carnaval de Porto Alegre. Jorge Miguel de Lima, o "Doddy", dirigiu a harmonia em 1999.

À frente dos ritmistas da Unidos, os desfiles apresentaram, em 1990 e 1991, Paulo Roberto de Souza; em 1992, Carlos Alberto da Silva, o "Oreco"; em 1993, Paulo Ricardo da Rosa, o "Candinho", que retornou à função de 1995 a 1997 e em 1999. Em 1998, Ronaldo Oliveira dos Santos dirigiu o ritmo da Unidos.

A tarefa de desenhar os modelos de fantasias da Unidos da Zona Norte coube, em 1990, a Ubirajara de Azevedo, o "Bira", que retornou em 1997. Júlio César Almeida foi o figurinista em 1991. O ano de 1992 trouxe, na função, o consagrado artista Juarez Soares de Lima. Em 1993, a atribuição foi de Jari Leal e, em 1995, de Carlos Leão. Daniel Danker desenhou os modelos em 1996 e Flávio da Silveira em 1998. O talento de Alvido da Silva Machado foi demonstrado nos figurinos de 1999.

O estandarte com o símbolo do galo foi conduzido, de 1990 a 1992, por Zilá Bidarte da Rocha, a "Lála". Em 1993, a porta-estandarte foi Daniela Barrionuevo Barbosa e, em 1995, Tânia de Fátima Rangel, a "Negrinha". Eva Fernandes, em 1997, e Carla Salazar, em 1998, tiveram a atribuição de apresentar o estandarte da Escola nos desfiles do Carnaval oficial. A experiência e a categoria de Jovita Beatriz Xavier da Cunha deram maior brilho à condução do estandarte em 1999.

A tradicional família Alonso, com fortes vínculos na Escola, foi representada, também por um passista: Jorge Alonso, que desfilou em 1990, ao lado de Cláudia Regina Silva de Sales, e em 1991, com Elizete Silva dos Santos. No ano de 1992, a Unidos da Zona Norte revelou outro talentoso passista: Cristiano Nunes Brum (que, mais tarde, viria para a Praiana), 1º lugar no destaque, ao lado de Elizete; no ano seguinte, Cristiano mostrou novamente sua habilidade no samba,

formando par com Helena Beatriz Fernandes da Silva. Heleninha recebeu o **1º prêmio no destaque em 1994**. Em 1995, o casal de passistas da Escola foi formado por Sandro Natal Sabino Fraga e Márcia Helena Vieira Garré. O desfile de 1996, mostrou o samba de Luiz Gustavo e de Márcia Rodrigues. Márcia permaneceu até 1997, quando desfilou ao lado de Jaci Luiz Xavier. Em **1998**, os passistas foram Luciano de Oliveira Campos e Patrícia de Oliveira, que foi premiada como **a melhor do Grupo Intermediário B**. Em 1999, os passistas foram Leandro Oliveira de Lima e Luciana da Silva Brito.

Nos desfiles dos anos noventa, a bandeira da Unidos foi conduzida e apresentada por diversos casais de mestres-sala e porta-bandeiras: em 1990, Darcy de Azevedo, o “Moleza”, e Noemi Alves Mota, a “Mimi”; em 1991, Cláudio Macedo e Flávia Carvalho; em 1992, Renato Glademir Moura e Inajara Amorim Tejito; em 1993, Eduardo Fernando da Silva Júnior e Alexandra; em 1995, Eduardo Silva dos Santos e Elisângela Silva Pedroso; de 1996 a 1997, Marcelo de Freitas e Ana Paula Rodrigues; e, em 1998, Wanderlei Anacleto Cardoso e Andréa Mendes. O desfile de 1999 trouxe Adson Silva Garcia como mestre-sala e Márcia da Silva Garcia como porta-bandeira.

Temas de Enredo

1990 - O MAR, SUAS LENDAS, MISTÉRIOS E CRENÇAS (apresenta os mistérios e histórias do mar) – Autor não referido - **1º lugar no Grupo 1 B**.

(a Escola não apresentou o texto do tema-de-enredo)

1991 - LUA - AS QUATRO FASES DA MAGIA (descreve as quatro fases lunares e sua influência, os aspectos místicos da Lua e o que representa para a inspiração dos artistas) – Autores: Adair

Antunes, Júlio Almeida, Arthur Lemos e Bira Feijó.

“... A lua sempre foi cenário na visão dos poetas, boêmios e enamorados... Poetas, seresteiros, namorados, correi! É chegada a hora de escrever e cantar talvez as derradeiras noites de luar...”

1992 - DOS CANTOS E DAS CANTIGAS, DOS CONTOS E DAS LENDAS – EIS A MAGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO (enfoca as várias manifestações religiosas regionais no Brasil, incluindo credences populares) – Autor não referido.

“Em todas as manifestações do folclore brasileiro, os elementos de origem européia estão presentes... houve influência dos povos indígena e negro, conforme a região e a importância que tiveram no processo de colonização...”

1993 - NA ILUSÃO DAS MAGIAS E ENCANTAMENTOS, O DESPERTAR DOS MÁGICOS (fala de mágicas e de mágicos, com seus truques e ilusões) – Autor não referido.

“... mesmo com todo o progresso tecnológico, ainda recorreremos à magia e nela encontramos as respostas para muitos problemas...”

1994 - AS RIQUEZAS DO ADAGIÁRIO POPULAR BRASILEIRO (fala dos adágios ou “ditados” do povo brasileiro) – Autor não referido.

“...o adagiário popular traz sempre um conceito moral ou satírico, mostrando a criatividade, a personalidade e o espírito descontraído do nosso povo que, em qualquer situação, sempre faz do limão uma limonada, de cada crise uma piada, demonstrando que o Brasil é o país onde mais ditados populares existem...”

1995 - NATUREZA – A ESPLENDOROSA BELEZA DO MEU PAÍS (homenagem à natureza do Brasil) – Autora: Rejane dos Santos Machado.

“...é um tributo à bela natureza do Brasil, exaltando as belezas naturais, seu povo, principais características e folclore... cada região do país tem a natureza como a maior aliada...”

1996 - LENDAS, MITOS E MAGIAS DE UM POVO MÍSTICO SEM RUMO (narra os costumes do povo cigano e o mistério que representa para outros povos) – Autor: Barbosa.

“Este povo, com seu severo código de ética, está muito ligado à natureza. O grande apego à família é a base fundamental de suas comunidades, mantendo-os unidos através dos tempos. Embora olhados com estranheza e desconfiança por todos, os ciganos fascinam as pessoas por suas histórias de magia e pelo mistério com que cercam suas atividades”.

1997 - ENTRE NEGROS E BRANCOS SEMPRE HAVERÁ UMA HISTÓRIA (conta a história do Quilombo dos Palmares, apresentando-o como exemplo de democracia multirracial) - Autores: João Luís do Amaral e Airtton Alves Bittencourt.

“...é importante que tenhamos sempre presente que o Brasil, reunindo manifestações culturais de todas as origens, deve proporcionar direitos iguais a todos os brasileiros. No Carnaval, maior festa popular, isso pode acontecer como exemplo para toda a nação...”

1998 - O FANTÁSTICO MUNDO DO XADREZ (o jogo de xadrez, desde sua origem, é transportado para a temática da Escola) – Autor: Bira Azevedo.

“...Essas peças representavam os quatro elementos do exército indiano: carros, cavalos, elefantes e soldados à pé, comandados pelo rei e seu vizir. Sissa explicou que escolhera a guerra como modelo para o jogo por que a guerra era a escola mais eficiente para se aprender o valor da decisão...”

1999 - ÓI NÓIS AQUI TRAVEIZ, NA TERREIRA DE TODAS AS TRIBOS (homenagem aos atores da Terreira da Tribo) – Autor: Alvino da Silva Machado.

“...Todo o trabalho da Terreira da Tribo é baseado no coletivo, tanto na produção das atividades teatrais quanto na manutenção do espaço. Sua história é marcada por uma trajetória de ruptura, invenção e intervenção, na busca de transformação do teatro e da sociedade.”

Acadêmicos da Orgia

Fundada em 2 de fevereiro de 1960, no dia de Nossa Senhora dos Navegantes e sob as bênçãos de Iemanjá, Acadêmicos da Orgia recebeu seu povo, durante a década de noventa, na quadra da avenida Ipiranga, 2471, espaço que conquistou antes mesmo dos anos oitenta. Tendo por símbolo a personagem Zé Carioca, a Escola é representada pelas cores verde e branca.

Escola de Samba que, em outras épocas, levava verdadeiras multidões à quadra de ensaios e realizava desfiles de brilho e beleza muitas vezes premiados, Acadêmicos da Orgia passou por maus momentos no período 1990-1999, sofrendo rebaixamento.

A exemplo da Embaixadores do Ritmo e da Fidalgos e Aristocratas, a verde e branca mais tradicional de Porto Alegre não conseguiu cumprir, ao longo dos anos noventa, com os requisitos indispensáveis à competição que caracteriza o Carnaval-espetáculo. O número de componentes diminuiu, repercutindo em menor arrecadação, outras quadras maiores e mais equipadas surgiram, os eventos carnavalescos aumentaram em número e qualidade. Ocorreram, também, muitos equívocos administrativos. Por tudo isso, além de perder a colaboração de antigos e experientes aficcionados, Acadêmicos da Orgia, não mais compete entre as Escolas de Samba do Grupo Especial, oscilando em colocações intermediárias que culminaram com seu rebaixamento, em 1999, para o Grupo Intermediário B, como podemos verificar no quadro abaixo.

Ano	Colocação
1990	1º lugar - Grupo 1B
1991	6º lugar - Grupo 1A
1992	9º lugar - Grupo 1A (rebaixada)
1993	6º lugar - Grupo 1B
1994	1º lugar - Grupo 1B (promovida)
1995	9º lugar - Grupo 1A (rebaixada)
1996	5º lugar - Grupo Intermediário A
1997	7º lugar - Grupo Intermediário A
1998	6º lugar - Grupo Intermediário A
1999	8º lugar - Grupo Intermediário A (rebaixado)

Em 1990, Acadêmicos da Orgia foi presidida por um carnavalesco de comprovado talento gerencial e com raízes familiares de tradição: Aimoré Silva, que deixou a Escola para também compor o time das estrelas universais. Em 1991, assumiu a presidência Túlia Silva, mulher inteligente, com qualidades de líder, cuja capacidade executiva foi demonstrada através de sua atuação na AECPARS. Deoclécio Souza, atual Tesoureiro da Associação, exerceu a presidência da Acadêmicos da Orgia em 1992. A partir de 1993 e até 1998, Darci Soares Gonçalves, o “Cy”, músico de renomado talento, foi presidente da Escola, da qual é componente dos mais apaixonados. Em 1999, Abigail Rosa assumiu a presidência.

Na diretoria de Carnaval, Acadêmicos da Orgia teve Arlindo Ulguin, em 1993, e Delmar Barbosa Pavão, em 1994. No ano de 1995, Erson Paulo Trindade Pereira, o Paulinho, acumulou esta função com a de carnavalesco. De 1996 a 1998, o diretor de Carnaval foi Alberto Egger, premiado destaque do Carnaval e conhecido do público através das participações no Concurso de Fantasias do Baile Municipal de Porto Alegre. Antônio Ricardo Carvalho Machado foi o diretor de Carnaval em 1999.

Na direção de harmonia, Acadêmicos da Orgia teve Jefferson Borges Martins em 1993, Gilson Dornelles (que, mais tarde, se revelaria como talentoso intérprete de sambas-enredo), e Flávio Rodrigues da Costa em 1995. No ano de 1996, Paulo Renato e Carlos Alexandre Rodrigues deram sua contribuição de músicos inspirados à direção de harmonia e, em 1997, foi a vez do intérprete Roberto Costa acumular funções. Em 1998, João Batista juntamente com Alexandre, estiveram atuando para conceder à Escola a harmonia musical adequada às exigências do quesito.

Reconhecida pelo público do Carnaval por seu ritmo próprio, a bateria da Acadêmicos da Orgia teve à frente Kleber Dornelles (de família tradicionalmente carnavalesca e músico do consagrado Pagode do Dorinho), **1º prêmio do quesito** em 1990. Em 1991, revelou-se, através da regência competente, o talento com que Jorge “Tharol” Antunes premiaria a Imperatriz Dona Leopoldina no final dos anos 90. Darci Soares Gonçalves, o “Cy”, comandou os ritmistas em 1992, 1993 (**1º lugar**) e de 1995 a 1998. Profundo conhecedor da matéria, ultrapassando as limitações impostas pela situação financeira da Escola, “Cy” demonstrou arrojo e técnica, mantendo a bateria entre as melhores

de Porto Alegre. Em 1994, Hilton Gonçalves recebeu o prêmio de **melhor diretor de bateria**, iniciando a carreira que viria a consolidar na Escola de Samba Os Filhos da Candinha. Carlos Antônio Gonçalves Paz comandou a bateria da Acadêmicos em 1999.

Se, em anos anteriores, as fantasias que resultaram dos figurinos da Acadêmicos da Orgia surpreenderam favoravelmente o público das arquibancadas, o mesmo não ocorreu no período 1990-1999. Não foi por faltar à Escola a contribuição de grandes artistas na matéria. Também nesse quesito, as dificuldades financeiras impediram a realização adequada de talentos, como o de Alvino da Silva Machado, figurinista de 1990 a 1992, **1º lugar em 1990**. Em 1993, o figurino teve a assinatura de Adoniram Ferreira. No ano de 1994, coube a Edevaldo Souza o **1º lugar do Grupo** no desenho das fantasias. Erson Paulo Trindade Pereira, de larga experiência e várias premiações, foi o responsável pelo figurino em 1995. De 1996 a 1998, o dedicado e incansável Alberto Egger acumulou as funções de diretor de Carnaval com a de figurinista, tendo dividido o desenho, em 1998, com o talentoso Gilson Lucena. Em 1999, José Marciano da Cunha exerceu as funções de figurinista da Escola.

O estandarte do Zé Carioca foi levado por Neide Silva em 1990. No ano de 1991, coube a tarefa a Simone Paiva da Cunha. Gilclair Abreu, porta-estandarte de postura indiscutível e responsável por belíssimas apresentações em desfiles e shows, foi a porta-estandarte da Acadêmicos da Orgia em 1992. No ano de 1993, foi a vez de Nádia Oliveira Vianna conduzir o símbolo verde e branco. Em 1994, Lucimara Costa, a “Nega Tê”, desfilou com o estandarte em belíssimo visual de fantasia, obtendo o **1º lugar no Grupo**. Carla Cristina Garcia Varela, (filha de Lídia Fogo Garcia e neta de dona Altair, tradicionais carnavalescas da Academia de Samba Praiana), mostrou sua competência como porta-estandarte em 1996 e em 1997. Daina Conceição foi a revelação da Acadêmicos da Orgia em 1998, premiada com o **1º lugar no destaque** do Grupo Intermediário A. O desfile de 1999 revelou Silvana Oliveira de Jesus na função de porta-estandarte, considerada a “**melhor das melhores**” do Grupo Intermediário A.

Vários casais de passistas desfilaram durante os anos noventa, representando a Escola verde e branca da avenida Ipiranga. Em 1990, Éder Silva e Vera Lúcia; em 1991, Luiz Augusto Alencar, o “Guto”, e Tatiane Pires da Silva. “Guto” retornou em 1992, ao lado de Anelise da

Silva Dias, premiada com o **1º lugar do destaque** no Grupo. Em 1993, foi a vez de Altemir Oliveira da Rosa e de Janaína do Amaral Batista. No ano de 1994, Valmir Corrêa e Ana Paula Tolentino mostraram sua dança. Anelise da Silva Dias retornou à Escola em 1995, ao lado de Luciano Pereira, desfilando também em 1996, com Luciano Martins Conceição. Em 1997, 1998 e 1999, o casal de passistas André Farias Oliveira e Cíntia Maria Feijó levou o “samba no pé” para Acadêmicos da Orgia em seu desfile oficial.

A bandeira da Escola foi conduzida por premiados mestres-salas e porta-bandeiras, como Jorge Luiz Nascimento (Zoca) e Itanajara Dione do Nascimento (Ita), em 1990 e 1991. O desfile do ano de 1992 trouxe Nilo Amazonas Farias e Almerinda Soares Farias, competentes na função e carnavalescos de raiz. Em 1993, a bandeira foi conduzida por Carla Cristina Garcia Varella (de competência comprovada como porta-estandarte), cortejada por Euclides Dejour dos Santos Balbino. O **1º lugar no quesito**, em 1994, coube ao mestre-sala Betinho, que atuou ao lado de Lucirene. Em 1995, Cristiano Bueno, revelação na função de mestre-sala, cortejou a experiente e premiada porta-bandeira Solângela Borges. O ano de 1996 trouxe de volta aos desfiles o luxo da porta-bandeira Lucimara Costa, a “Nega Tê”. No ano de 1998, mais revelações de talento no quesito: Airton Luiz de Oliveira e Nire Lima Gonçalves desfilaram com beleza e correção no porte da bandeira da Acadêmicos da Orgia. No desfile de 1999, Márcia Helena Rodrigues apresentou a bandeira da Escola, sob a guarda do mestre-sala Airton Oliveira.

Temas de Enredo

1990 - PARALELO 30 - PORTO DA ALEGRIA (homenagem a Porto Alegre através da citação a alguns dos seus artistas) – Autor: Êmerson Silva - **1º lugar no Grupo 1 B.**

“...lembra suas noitadas em Porto Alegre e aconselha a necessidade de um bate-papo gostoso e da troca de informações que a noite oferece, nos bares da vida...”

1991 - S.O.S. JUSTIÇA – TEM OLHO GRANDE NESTA TERRA TROPICAL (negros, índios e brancos pedem a justiça dos homens, guiada pela sabedoria de Xangô e pela determinação de Ogum) – Autor: Alvinho Machado.

“...mas eis que surge, com o homem, a ambição e a agressão ao nosso paraíso ecológico... Os bandeirantes, destruindo as matas e escravizando índios... nossa selva queimada...”

1992 - ACADÊMICOS NA VIAGEM PITORESCA DE DEBRET (homenagem ao pintor francês Jean Baptiste Debret, que retratou o Brasil à época de Dom João VI, com destaque para as personagens populares) – Autor não referido.

“...também dedicou-se a retratar nossos índios e sua natureza, os negros nas senzalas, no tronco, nos cafezais e nos canaviais, o desenvolvimento e o crescimento da nação... fazendo com que nosso país fosse conhecido internacionalmente...”

1993 - O MENESTREL DA CULTURA POPULAR – FRANCISCO PAULO SANTANA (homenagem ao jornalista Paulo Sant’Anna) – Autor não referido.

“Mas nada foi fácil para esse menino que vendia balas, ele ambicionava ir mais além. Com garra e determinação, venceu as barreiras e ingressou na Faculdade de Jornalismo, iniciando sua carreira na imprensa escrita e falada...”

1994 - O TEMPO PASSOU MAS O SONHO NÃO ACABOU (recorda a fundação e os grandes desfiles da Escola) – Autor: Delmar Barbosa Pavão. - 1º lugar no Grupo 1 B.

“...nascia para escrever uma página da história do Carnaval de Porto Alegre, conquistando a simpatia de milhares de foliões e distribuindo vitórias aos seus componentes, tornando-se a Escola da juventude carnavalesca... Foi uma brilhante idéia da tia Carlinda, do tio Miguel e de Rubens Silva...”

1995 - RIO, BERÇO DO SAMBA E DO CARNAVAL BRASILEIRO (enfoque às tradições culturais mais populares na Cidade Maravilhosa – o samba e o Carnaval) – Autor: Alberto Egger.

...o Rio antigo, com seus lampiões à gás, bondes e arcos, os cafés da Lapa, os pontos turísticos... Os Carnavais do passado, com os bailes de máscaras, blocos de sujos... até chegar aos dias de hoje, ao sucesso mundial das Escolas de Samba... tudo embalado ao ritmo mágico do samba...”

1996 - DA MAGIA ÀS ENERGIAS DO SOL (o Sol é apresentado sob seu

aspecto místico e religioso, através dos tempos, na interpretação de diversas culturas étnicas) – Autor: Alberto Egger.

“...o sol nascente, com seus primeiros raios, clareia a Terra que estava imersa na escuridão da noite...fonte de inspiração para os poetas, ilumina e aquece os corações...o sol que bronzeia, o sol de verão. Os povos que adoram o sol, como a um deus...o pôr-do-sol mais belo do mundo, sobre o Guaíba...”

1997 - NAS ASAS COLORIDAS DA SORTE (as “simpatias”, os sortilégios, todas as formas de buscar a sorte são descritas pelo tema-de-enredo) – Autor: Alberto Egger.

“...vamos fazer tudo com fé e pensamento positivo. Assim, um dia, a sorte vai chegar. Com a aproximação da era de Aquário, no começo de um novo milênio, queremos acreditar que os novos tempos chegarão plenos de sorte, muita prosperidade e paz, principalmente para os que acreditam em simpatias e superstições. Tem sorte quem acredita nela...”

1998 - CRIANÇA ESPERANÇA (alerta às autoridades sobre o abandono das crianças brasileiras e sugestões para atenuar o problema) – Autores: Carlos Prestes e Tânia Maria

“... em seu crescimento, a criança passa por diversas fases em que necessita do carinho materno ou de alguém que possa substituir a mãe... faz-se necessário o apoio governamental naquilo que lhe compete, fundamentalmente a educação, a saúde e condições de moradia...”

1999 - OS PRAZERES DA VIDA (um brinde às emoções e às alegrias da vida) – Autor: Alberto Egger.

“... quando se fala de prazer, pensamos em tantas emoções da vida que nos fazem viajar, sentimentos e sensações agradáveis, contentamento jubiloso, divertimento prazeroso...”

Protegidos da Princesa Isabel

Também representante da Grande Porto Alegre no Carnaval, a Protegidos da Princesa Isabel, de Novo Hamburgo, foi fundada em 24 de novembro de 1969 e ingressou nos desfiles oficiais da cidade em 1993. Adotando o símbolo do teatro, as máscaras que representam a alegria e a tristeza, suas cores são verde, vermelho e branco.

Merecendo sempre os aplausos do público por seus desfiles bem sucedidos no Vale dos Sinos, faltou à Escola de Samba Protegidos da Princesa um melhor preparo para competir no Carnaval de Porto Alegre. No estágio em que se encontra o nosso espetáculo, os requisitos exigidos de uma Escola de Samba que dele participa são completamente diferenciados e muito mais difíceis de alcançar se comparados com aqueles do Carnaval no interior do Estado.

O desempenho da Escola durante o período 1993-1997 foi caracterizado por equívocos e irregularidades que causaram sua desclassificação, não tendo desfilado oficialmente nos anos de 1995 e 1998. Em 1999, um desfile bem sucedido resultou na terceira colocação, festejada por dirigentes e componentes.

Ano	Colocação
1993	4º lugar - Grupo II
1994	8º lugar - Grupo II (rebaixada)
1995	Grupo de Acesso
1996	5º lugar - Grupo Intermediário B
1997	9º lugar - Grupo Intermediário B (rebaixada)
1998	Grupo de Acesso
1999	3º lugar - Grupo Intermediário B

Sebastião Antônio Flores tem sido o presidente da Escola desde sua fundação, há trinta anos, inclusive nos anos de participação da Protegidos da Princesa nos desfiles do Carnaval de Porto Alegre.

Durante a década de noventa, exerceram as funções de Diretor de Carnaval Júlio César em 1993, Sílvio Nunes Alves, reconhecido e premiado dirigente da União da Vila do IAPI, em 1994, e Jair Antônio da Silva em 1997. Em 1999, a direção de Carnaval coube a Ivan César

do Nascimento.

Na direção de harmonia, a Escola teve Ivan Lauro em 1993, André da Silva em 1994 e Airton Garcia em 1997. O mesmo Airton Garcia mudou de função e comandou os ritmistas de 1993 a 1994. Nos dois anos seguintes, a direção da bateria coube a André de Oliveira. Em 1999, Airton Garcia retornou ao comando.

O figurino da Protegidos, em 1993, foi desenhado por João Gilberto Nunes. Em 1994, Carlos Leão, conhecido artista do quesito fantasia, foi o figurinista. Paulo de Oliveira da Silva o substituiu no trabalho em 1996. Maurício Schulsen desenhou os modelos para o desfile de 1999.

Na função de porta-estandarte da Escola de Novo Hamburgo, destaca-se Fabiana Teresinha da Silva, de 1993 a 1994.

A Protegidos da Princesa contou com a dança dos passistas Ezequiel e Elizete Pereira Flores em 1993. No ano de 1994, desfilou na função o casal Paulo Ricardo Fialho e Ana Peres.

Infelizmente, a direção da Protegidos da Princesa, assim como ocorreu com outras funções de destaque da Escola, não informou os nomes dos seus mestres-sala e porta-bandeiras no período 1993-1999. Em decorrência, não poderemos homenageá-los com o respeito que merecem.

Temas de Enredo

1993 - TERRA, PLANETA DAS MARAVILHAS (exaltação às qualidades e riquezas do planeta Terra e apelo à ecologia) – Autor não referido.

“...Terra, berço e pousada dos povos, ameaçada por seus filhos... necessita e implora proteção, com um grito que ecoa pelo ar... Terra, império de cores e fragrâncias... Terra castigada, sofrida e explorada...”

1994 - DO MORRO AO ASFALTO, A PROTEGIDOS CONTA E ENCANTA (narra a trajetória da Escola desde a fundação, com os principais desfiles) – Autor: João Neves.

“...não poderia ficar sem reverenciar seu lugar de origem e, em 1985, faz uma exaltação ao morro e à sua gente, em versos que contavam a vida daqueles que nascem e vivem no berço do samba...”

1996 - COMO É BONITA A BANDEIRA BRASILEIRA (exalta a bandeira do Brasil em suas quatro cores e o que representam) – Autor: Carlos Mosmam.

“...pra mostrar como é a bandeira brasileira...o verde é a natureza que encanta...no amarelo, a riqueza do ouro ainda não totalmente explorada...no azul do céu, a harmonia, o sonho...”

1997 - NO DELÍRIO DAS FESTAS, FEVEREIRO É A GLÓRIA DO CARNAVAL (enumera as festas

mais populares entre os brasileiros, salientando aquela realizada em fevereiro – o Carnaval) –

Autores: Sebastião Antonio Flores e Carlos Mossmann.

“...nossa Escola, com samba no pé e alegria na alma, chega para mostrar que nosso povo passa o ano inteiro inventando suas fantasias. Tudo é usado para dar forma aos sonhos mais lindos de beleza e de alegria...porque a gente vai levando a vida e se alimentando do que aconteceu no mês de fevereiro que passou...”

1999 - DANÇA – ARTE E EXPRESSÃO DE UM POVO (conta a origem e o significado da dança na história da humanidade) – Autora: Lana Flores – 1º lugar no Grupo Intermediário B.

“Não se pode dizer com certeza como, onde e quando surgiu a dança. Pode-se apenas afirmar que os movimentos corporais já existiam desde a Pré-História, quando os homens dançavam pedindo a proteção dos deuses...”

Copacabana

Uma das mais tradicionais Escolas de Samba de Porto Alegre, a “Copa”, como é conhecida pelos carnavalescos, nasceu em 2 de fevereiro de 1962, dia de Iemanjá e de Nossa Senhora dos Navegantes, como a co-irmã Acadêmicos da Orgia. O símbolo da Copacabana é uma sereia e suas cores são rosa, azul e branco.

A característica mais forte da Escola de Samba Copacabana é a presença da família Barbosa nas várias atribuições que integram o gerenciamento do Carnaval. Sua sede é a moradia da família e o lar dos Barbosa é a quadra da sereia.

Mesmo sendo berço de muitos carnavalescos talentosos, a Escola vem enfrentando, na década de noventa, as dificuldades decorrentes da evolução do Carnaval de rua. Em 1999, o povo do Carnaval teve a grata surpresa de um excelente desfile e conseqüente campeonato, mostrando uma Escola competitiva e organizada.

No quadro, podemos analisar seu desempenho:

Ano	Colocação
1990	2º lugar - Grupo II
1991	7º lugar - Grupo 1B
1992	9º lugar - Grupo 1B (rebaixada)
1993	3º lugar - Grupo II
1994	3º lugar - Grupo II
1995	5º lugar - Grupo II
1996	6º lugar - Grupo Intermediário B
1997	7º lugar - Grupo Intermediário B
1998	7º lugar - Grupo Intermediário B
1999	1º lugar - Grupo Intermediário B (promovida)

De 1990 a 1995 e até 2000, Francisco de Paula Barbosa, o eternamente jovem “Chiquinho do Pandeiro” está na presidência da Escola de Samba Copacabana. De temperamento forte e conhecido por pronunciamentos emocionais, “Mestre Chiquinho” merece o carinho e o respeito do povo do Carnaval por sua trajetória de trabalho em prol da maior festa popular. Em 1996 e 1997, Francisco de Paula Barbosa foi

substituído por sua filha "Mocinha", Dalvenice Barbosa de Freitas, talentosa porta-bandeira e representante das tradições carnavalescas da família.

No início da década, "Mestre Chiquinho" e seu filho, o premiado figurinista Evandro Roberto da Silva Barbosa, alternaram-se nas funções de Diretor de Carnaval. Nos anos seguintes o Presidente da Escola nomeou outros carnavalescos para exercer os cargos diretivos. Na direção de Carnaval, em 1996, tivemos Hélio Dias, tradicional figura do Carnaval de Porto Alegre, conhecido carinhosamente por "Tio Hélio", profundo conhecedor dos segredos da nossa festa maior e, atualmente, nas funções de Secretário-Geral da AECPARS. Em 1997, Luiz Cláudio Duarte Fernandes foi o Diretor de Carnaval, cargo ocupado em 1998 por Antônio Ricardo Silveira, o "Chula". Uma comissão exerceu as funções em 1999.

Francisco de Paula Barbosa, músico de talento, também foi diretor de harmonia no início dos anos noventa, sendo substituído nessa função, em 1994, por Carlos Eduardo Delgado e, em 1996, pelo compositor Izolino Antônio do Nascimento. Em 1998, foram do Presidente da Escola, novamente, as atribuições da direção de harmonia. O consagrado compositor Luiz Henrique Lopes, o "Balau", dirigiu a harmonia musical no Carnaval de 1999.

À frente da bateria, a Copacabana trouxe Emídio Vidal Duarte em 1990. De 1991 a 1999, a Escola apresentou mais um representante da família Barbosa, desta vez no comando dos ritmistas: Devair da Silva Barbosa, o "Nenê", **campeão no quesito em 1994 e em 1999**.

Reconhecida como vertente de talentos, foi na Copacabana que os figurinos premiados de Evandro Roberto da Silva Barbosa, o "Barbosinha", foram apresentados ao povo do Carnaval. Atualmente responsável pelo desenho das fantasias da campeã Imperadores do Samba, "Barbosinha" fez os figurinos da "Copa" de 1990 a 1992, em 1994 e em 1996. Daniel Borges, pupilo de Evandro, desenhou as fantasias da Escola da sereia em 1993. Em 1995, coube a atribuição a Alvinho da Silva Machado. O ano de 1997 revelou o figurino desenhado por Watusy Barbosa da Silva (também da família de Mestre Chiquinho). Vera Lúcia Santos dos Santos desenhou as fantasias em 1998 e Irani Floriano Machado da Silva em 1999.

O estandarte azul, rosa e branco tem em Cleusa Bastos sua

representante máxima. Como porta-estandarte, foi premiada com o **1º lugar em 1994**. Na função, Cleusa Bastos vem desde 1990, somente interrompendo sua trajetória em 1992, quando foi substituída por Vera Cristina Prestes Neves, **1º lugar no destaque em 1992**. Márcia do Amaral conduziu o estandarte da Copacabana em 1999.

Vários casais de passistas representaram, na avenida, o samba da Copacabana. Em 1991, Deraldo Souza Raimundo e Luciana Braga; em 1992, Rogério Barbosa e Glória Regina Paiva Nunes; em 1992, Paulo Ricardo Ribeiro Garcia e Simone Lopes. No ano seguinte, a Escola apresentou um passista que permaneceria por vários Carnavais: Glaucemar Moura, o “Mano”, que dançou ao lado de Alexandra da Silva em 1993, com Liége Gomes em 1994 e com Liegene Fagundes em 1995. O passista Leandro Farias Fernandes, desfilou ao lado de Liegene em 1996 e de Rochele Ferreira em 1997. Jeferson Fabiano Maciel de Araújo e Liége Guterres fizeram a demonstração do samba da Copacabana em 1998. Jeferson mostrou seu talento ainda em 1999, agora acompanhado por Alexandra Medeiros Luís.

Se o estandarte da Escola tem a “cara” de Cleusa Bastos, a bandeira tem o nome de Dalvenice Barbosa de Freitas, a “Mocinha”, que desfilou de 1990 a 1992, obtendo o **1º lugar em 1991**, ao lado do mestre-sala Jorge Luís Pereira Rodrigues. De 1993 a 1994, a Copacabana trouxe José Virgínio Schmidt e Elisângela Alves Schmidt portando sua bandeira. Em 1995, “Mocinha” retomou a função, agora ao lado do premiado mestre-sala da Relâmpago e atual presidente da Samba Puro, Mário Jeferson Pinheiro. De 1996 a 1997, “Mocinha” foi cortejada por Antônio Ricardo Silveira. Nos anos de 1998 e 1999, a Copacabana apresentou a porta-bandeira Magda Beatriz Reis dos Santos e o mestre-sala Alessandro Plácido dos Santos, o “Pimpolho”.

Temas de Enredo

1990 - SAUDOSO ROXO, QUE TE QUERO ROXO (homenagem ao radialista e carnavalesco Carlos Alberto Barcellos, o “Roxo”) – Autores: José Valdecir Barbosa e Dalvenice Barbosa de Freitas.

“...Roxo foi embora deixando em nós, carnavalescos, a sensação de um vazio imenso, mas também uma certeza: ninguém fez tanto em tão pouco tempo...”

1991 - E O BRASIL DANÇOU... (conta a história da “dança” do povo

brasileiro desde antes do descobrimento, falando sobre os problemas enfrentados no dia-a-dia e sua forma de sair deles) – Autor: Evandro Silva Barbosa.

“Livre e solto, ainda nem era Brasil, nosso país dançava ao som dos tantans indígenas, embalado pelo grito das araras... vieram Cabral, caravelas, soldados e jesuítas, e aí o Brasil começou a dançar outros ritmos... o samba embalou acalantos africanos misturados ao folclore português...”

1992 - SAMBA, SUOR E LÁGRIMAS (procura demonstrar que, para o verdadeiro carnavalesco, o que importa é a alegria de participar do Carnaval) – Autor não referido.

“... para o verdadeiro carnavalesco, para aquele que tem o samba correndo nas veias, o que realmente importa é a alegria de participar do desfile. Participar deste mundo de sonho e ilusão, quando se esquece das lágrimas, dos sacrifícios e das derrotas...”

1993 - NOITES DE LUA DO PISTON NA COPACABANA (homenagem ao músico Francisco Xavier Santos, o “Mestre Lua do piston”) – Autores: Zilah da Silva Barbosa, Francisco Dutra dos Santos e Dalvenice Barbosa de Freitas.

“...é motivo de orgulho homenagear um músico maravilhoso, gaúcho de coração, aplaudido por várias gerações, em todo o tempo em que esteve entre nós... Mestre Lua, com seu bom astral, paira sobre a Escola...”

1994 - CARNAVALEANDO COM PERNAMBUCO (homenagem ao carnavalesco Waldemar Moura Lima, o “Pernambuco”) – Autora: Gisele Moura.

“...em 1982, cria a Rua do Perdão, um espaço aberto ao povo, inicialmente entre as ruas da República e José do Patrocínio. As diversas bandas da cidade não tinham espaço para desfilar no Carnaval oficial nem local específico para sua apresentação. A proposta era reunir as diferentes bandas para que o povo brincasse sem regulamentos nem custos...”

1995 - UMA LINDA SEREIA EM ROSA, AZUL E BRANCO (o símbolo da Escola – a sereia – é o assunto central do tema-de-enredo) – Autor: Edson Leandro.

"Há muito tempo, o deus Netuno protegia os pescadores. Seu corpo era metade peixe, metade homem. Na mesma época, mulheres misteriosas, filhas de Netuno, atraíam os pescadores para as águas profundas, cantando com voz melodiosa sobre as rochas onde os navios quebravam seus cascos..."

1996 - O CANTO E O ENCANTO DO UIRAPURU (uma lenda indígena sobre o uirapuru, pássaro que possuiu um canto mágico e harmonioso) – Autor: Evandro Roberto Barbosa.

"...uma história de amor de duas índias pelo cacique da aldeia...o amor seria disputado em competição de arco e flecha, casando-se a vencedora com Cauim-Trovão. A vencedora da disputa foi Jandira...Tupã transformou em pássaro a Maíra, índia derrotada, um pássaro que, ao cantar, esquecia sua tristeza..."

1997 - A TRADIÇÃO DA CAVALHADA (narra os eventos da "Cavallhada", festa tradicional do Planalto Central do Brasil) – Autor: Sérgio Peixoto.

"...mesclada por festejos religiosos e profanos, a festa é constituída por novena, folia, procissão, missa, "roqueira", mascarados, cavalladas, pastorinhas e apresentação de grupos folclóricos..."

1998 - SOIS REI, SOIS REI! (CLARO QUE SOU!) (homenagem ao carnavalesco Édio Onofre Gonçalves, o Queixinho) – Autores: Evandro Barbosa e Sérgio Peixoto.

"...Depois de toda essa trajetória por Tribos e Escolas de Samba, resolvi, juntamente com amigos, criar um trabalho social, com a fundamental participação das famílias, dos monitores e das crianças da Febem: a Escola de Samba Renascer da Esperança... arte, trabalho, crianças, garra e samba no pé foram nossos ingredientes..."

1999 - VIU NO QUE DEU, NOÉ? (sátira ao episódio bíblico da Arca de Noé) – Autor: Sérgio Peixoto.

"...Enquanto Noé dormia no compartimento superior, o vip, alguns animais, pelas longas madrugadas, vinham realizando festinhas no andar inferior, o porão."

Real Academia de Samba

A Real Academia de Samba foi fundada em 20 de fevereiro de 1972 e pertence ao grupo das doze Escolas de Samba mais antigas do Carnaval de rua da cidade. Durante muitos anos esteve licenciada, retornando ao desfile oficial em 1997, após obter a primeira colocação no Grupo de Acesso. Seu símbolo é uma coroa real sobre a letra R (maiúscula) e suas cores são o vermelho e o branco.

As boas colocações nos desfiles de 1997 a 1999, demonstram que a Real Academia voltou para ficar e firmar o seu nome, mais uma vez, entre as entidades que participam do Carnaval-espetáculo.

Ano	Colocação
1997	4º lugar - Grupo Intermediário B
1998	1º lugar - Grupo Intermediário B (promovida)
1999	4º lugar - Grupo Intermediário A

Na Presidência, a Real teve Ademir de Oliveira, o "Gago", em 1997, e Manir Godoy Salomão em 1998 e 1999.

Foram seus Diretores de Carnaval José Giovanni da Silva, Ricardo Finn Salomão e Deoclécio Souza, em 1997, 1998 e 1999, respectivamente.

Na Direção de Harmonia, dois músicos de talento comprovado: Izolino Antônio do Nascimento, em 1997, e Luiz Roberto Costa, em 1998 e 1999, acumulando as funções de intérprete.

No comando dos ritmistas, Giovanni Sebastião Vitória (ex-Academia de Samba Praiana) atuou em 1997. No ano de 1998, a Real trouxe o ensaiador José Rogério do Nascimento, que permaneceu na função em 1999.

Figurinistas premiados e experientes acompanharam o retorno e as boas colocações da Escola nos dois anos de desfile: Alberto Egger, Daniel Borges e Sérgio di Tânger. Em **1999**, Sérgio recebeu o **1º lugar do destaque no Grupo Intermediário B**.

Como porta-estandartes, a Real Academia de Samba trouxe

Elenice Furtado em 1997 e Lenise Machado Pinto em 1998. Em 1999, o estandarte foi conduzido por Charlene de Azevedo.

Os casais de passistas foram representados, no primeiro ano, por Anderson Belmonte Pereira e Índia Jaciara Dias do Amaral. Em 1998, foi a vez de Rodrigo da Rosa Rufino e Eliana Cristina da Silva Machado mostrarem o “samba no pé” da vermelho e branco da Zona Norte. Regis Barão e Solange Ferreira de Matos foram os passistas no desfile de 1999.

Em 1997, a Real apresentou sua bandeira nas mãos de Patrícia Helena Mendes da Silva, que teve como mestre-sala João Batista Vieira. No ano seguinte, a porta-bandeira Márcia Nogueira formou par com o mestre-sala Edson Gomes Nogueira. Claudinho, o conhecido Cláudio Almeri Macedo da Silva, em 1999, foi o mestre sala que guardou o pavilhão vermelho e branco da Real Academia de Samba, conduzido pela porta-bandeira Sílvia Regina da Silva.

Temas de Enredo

1997 - AS VIAGENS MARAVILHOSAS DO PENSAMENTO (contando as diversas fases do pensamento, a Escola se propõe a trazer sonhos positivos) – Autor: Ademir de Oliveira.

“...sendo um ser pensante, o homem viaja em suas divagações pela mente, realizando no pensamento seus sonhos, fantasias e desejos. Seu espírito, através da força do pensamento, transporta suas utopias para um cenário supra-realista, baseado na concepção de que cada um de nós tem no pensamento a mais alta e estranha realidade da vida...”

1998 - NO ESPLENDOR DA AVENIDA, A ACADEMIA DÁ A REAL (pretende mostrar, através do desfile da Escola, a realidade que enfrenta o brasileiro em seu dia-a-dia) – Autor: Mano Brum.

“...Estranha realidade é essa que nos leva a uma batalha durante o ano inteiro para poder extravasar alegria em apenas uma noite carnavalesca de verão...”

1999 - NA REAL, O FRUTO VIROU SAMBA (conta a história da laranja como alimento de vários povos) – Autor: Sérgio Di Tânger.

“...Flor da fertilidade...é a felicidade nas mãos das noivas a caminho do altar. A laranja já foi filme e seleção...Hoje é alegria, samba, diversão...”

Estação Primeira da Figueira

Tendo por símbolo a árvore do mesmo nome e adotando as cores verde e branca, a Estação Primeira da Figueira foi criada no dia 7 de julho de 1983, com o objetivo de ser a Escola de Samba representativa da comunidade do Morro Santana.

A Figueira iniciou a década de noventa no Grupo 1 A (atual Grupo Especial) do Carnaval de Porto Alegre. Seus desfiles primaram pelo inédito, pela diversidade e qualidade de adereços e de alegorias, principalmente devido ao talento de Mano Brum e Álvaro Machado. Os temas-de-enredo, baseados na sátira inteligente, caracterizaram a Escola e despertaram a simpatia popular. Divergências internas provocaram seu licenciamento em 1993. No ano seguinte, a Escola retornou, desta vez ao Grupo 1 B. Em 1996, sua colocação a habilitou a reingressar no grupo das maiores Escolas de Samba. Em 1999, como resultado de uma direção de Carnaval equivocada, que extrapolou os objetivos possíveis a uma Escola de Samba de nível médio como é a Figueira, ocorreu seu rebaixamento para o Grupo Intermediário A.

Enfrentando os problemas de uma Escola de Samba sem quadra fixa, os dirigentes e componentes têm realizado os ensaios no campo do Esporte Clube Cruzeiro, à avenida Protásio Alves, 8301, local já adotado pela comunidade do Morro Santana.

No quadro abaixo, o desempenho da Estação Primeira da Figueira no período 1990-1999.

Ano	Colocação
1990	7º lugar - Grupo IA
1991	5º lugar - Grupo 1A
1992	5º lugar - Grupo 1A
1993	Licenciada
1994	2º lugar - Grupo IB
1995	4º lugar - Grupo IB
1996	2º lugar - Grupo Intermediário A (promovida)
1997	6º lugar - Grupo Especial
1998	6º lugar - Grupo Especial
1999	9º lugar - Grupo Especial (rebaixada)

O talentoso carnavalesco Álvaro Luiz de Mello Machado presidiu a Estação Primeira da Figueira de 1990 a 1992, surpreendendo a arquibancada, a cada desfile, com a modernidade de suas criações. Ao retornar aos desfiles, após o licenciamento em 1993, a Escola teve como Presidente Jair Ribeiro, até 1995. De 1996 a 1997, a presidência foi ocupada por Jorge Luiz Ribeiro. Jair retornou ao cargo em 1998 para um mandato de dois anos, falecendo tragicamente às vésperas do desfile de 1999.

Na gestão de Álvaro Machado, surgiu a grande revelação carnavalesca dos anos noventa, Dirceu R. Brum, adotado pela comunidade caravalesca como Mano Brum. Nascido em São Sepé, "Mano" foi responsável pela Direção de Carnaval da Figueira de 1990 a 1992. Em 1995, a função coube a Francisco Dutra, o "Chiquinho". No ano seguinte, Helena Ribeiro, componente apaixonada pela Escola, foi a Diretora de Carnaval, sendo substituída, em 1997, por uma comissão de dirigentes. Em 1998, a família Machado retornou à Figueira, representada por André, jornalista e repórter, como autor do tema-de-enredo e diretor de Carnaval. Adelmo Moraes de Almeida, conhecido como julgador dos desfiles e por suas idéias e conceitos polêmicos, assumiu a direção de Carnaval em 1999.

A Estação Primeira da Figueira não informou quem foram seus Diretores de harmonia musical até 1994. Adair Antunes foi responsável por essa função em 1995. Nosso poeta Wilson Nei cuidou da harmonia musical da Escola em 1996 e Izolino Antônio do Nascimento o substituiu em 1997. Guarajara Santos Souza, o "Garoto do Trombone", foi o diretor em 1999.

À frente da bateria, Mestre "Inho" teve desempenho competente de 1990 a 1992. De 1994 a 1995, a tarefa de comandar o ritmo coube a Carlos Alberto Araújo, o "Catito". A partir de 1996 e até 1998, outra "cria" de Mestre Nilton, a exemplo de Cláudio Toralles na Fidalgos e Aristocratas, surge com destaque à frente da bateria da Figueira: Sérgio Vinícius Rodrigues. É mais um "candidato" a mestre, por sua competência e conhecimento. Em 1999, a bateria foi comandada por Ubirajara Barcellos Viana, o "Birinha".

A Figueira inovou nos desfiles com figurinos criativos e totalmente originais, apresentando fantasias insólitas e usando materiais até então incomuns no Carnaval de Porto Alegre, para

confeccionar adereços e alegorias. Foram responsáveis pela arte dos modelos: o saudoso Luiz Fernando Silva, **1º prêmio no quesito, em 1990**; o artista Sérgio Pinto, em 1991; a Diretoria de Carnaval, liderada pelo competente Mano Brum, que obteve o **1º lugar em 1992**. Daniel Borges, outra revelação dos anos 90, fez os figurinos de 1995 a 1997. Em 1998, o mestre-sala Claudinho (Luiz Cláudio Fernandes) mostrou, nos modelos de fantasias, que sua arte não se limitava a guardar a bandeira. Júlio Sérgio de Almeida desenhou os figurinos para o Carnaval de 1999.

Como inovou em alegorias, adereços e fantasias, a Figueira também apresentou novos conceitos na condução do estandarte. Em 1990, a responsável pela função foi a campeoníssima Lígia Ivana Flores, várias vezes premiada como porta-bandeira. Em 1991, houve o episódio controvertido da ausência da porta-estandarte Sandra Maia no desfile da Escola. Em 1992, na apresentação do estandarte verde-e-branco, a avenida assistiu à arte exótica de Dandara Rangel, travesti de fama nacional. Clélia Natalina Paim foi a porta-estandarte da Figueira na fase pós-licenciamento, de 1994 a 1997, desempenhando suas funções de forma competente e marcando seu nome na avenida. Em 1998, "Lica" (Eliane Fernandes) assumiu o estandarte, deixando a bandeira que tantas vezes portou ao lado do irmão, o mestre-sala Claudinho. Carmem Ananias apresentou o estandarte em 1999.

A passista que mais se identificou com a Figueira foi Célia Brito, que dançou ao lado de Fernando Saraiva, em 1990, e de Régis "Barão", em 1991. Em 1992, a Escola apresentou os passistas Júnior e Glória Neves. Em 1995, Éder e Edna Malaquias Almeida foram os destaques do samba "no pé". Glaucemar Brum Moura desfilou em **1996** e ganhou o **1º prêmio do destaque**, tendo como par Cíntia Taís Souza e retornando em 1997, ao lado de Janaína Delfino, a "Jajá". Em 1998, foi a vez da passista Janaína retornar ao desfile, agora formando par com Everton Borges Ferreira. Glaucemar Brum Moura voltou à função para o desfile de 1999, ao lado de Silvana Beatriz Ferreira dos Santos, a "Bia".

Luiz Cláudio Fernandes foi o mais destacado mestre-sala da Estação Primeira da Figueira, ao lado das porta-bandeiras Júlia Goulart (a grande Júlia dos anos setenta da Imperadores do Samba), em 1990; de Regina Alves (a Regininha, filha de Oscar e Guiomar, tradicionais destaques do Carnaval de Porto Alegre), em 1991 e em 1992 (neste

ano com o 1º lugar no quesito); em 1997, Claudinho formou par com sua irmã, Eliane Fernandes, a "Lica". Em **1994**, a Figueira obteve novamente o **1º lugar no quesito**, mas não divulgou o nome do casal responsável pela bandeira. Jorge Luiz Pereira Rodrigues foi o mestresala de 1995 a 1996, tendo como porta-bandeiras Ângela Silva Nunes no primeiro ano e a experiente Almerinda Farias no ano seguinte. Em 1998 e em 1999, a Figueira teve sua bandeira apresentada pelos premiados José Carlos Rodrigues de Oliveira ("Zé Cartola") e Neli Teresinha Silva, que arrebataram o prêmio de "**melhor dos melhores**" no quesito do Grupo Especial do Carnaval de Porto Alegre em **1998**.

Temas de Enredo

1990 - "VÔ BOTÁ" PIMENTA NISSO (fala da pimenta como condimento e do seu significado nos costumes populares e na religião, citando a "Pimentinha", Elis Regina) – Autor: Álvaro Machado.

"...Trazemos a ironia debochada, a fofoca apimentada das comadres, o comentário maldoso da inveja, o olhar penetrante de seca-pimenteira. É a pimenta no dia-a-dia do brasileiro. Mas a pimenta é também sagrada. Da negra África nos trouxeram os ensinamentos do feitiço, a pimenta da Costa fogue das mesas e vai para as encruzilhadas..."

1991 - A HISTÓRIA SEM FIM (conta a história imaginária da princesa Jara e de seu reino tomado pelo Nada, com as aventuras do príncipe Arteio, que faz renascer o Reino da Fantasia) – Autor: Álvaro Machado.

"Arteio atravessa o Portal do Sonho, onde somente sua coragem poderia ajudá-lo... durante a jornada, é avisado que o Nada aprisionara os habitantes de Fantasia... A escuridão total invade Fantasia... Juntando as forças, Arteio mantém vivos os seus sonhos e faz renascer a imaginação... após libertar a princesa Jara, é festejado como herói no campo dos sonhos da paz, fazendo de Jara a rainha de Fantasia..."

1992 - DIET FIGUEIRA (homenagem satírica aos gordos, com citações a obesos famosos) – Autor: Álvaro Machado.

"...Longe se vai o tempo em que os quilos a mais eram sinônimo de beleza e de saúde. Belas damas, ostentando suas polegadas de sobra, posavam faceiras para os grandes pintores renascentistas... a moda mudou de rumo e o belo tomou outros ares. Começou, assim, uma verdadeira guerra contra as polegadas de sobra... mas, quando as forças

estão esparsas, nada melhor do que convocar o batalhão aliado...”

1994 - IYÁ DUDU, A VOLTA DA GUERREIRA (história de uma personagem lendária do Morro Santana, com sua religiosidade, no retorno da Escola à passarela do Carnaval) – Autor: Adair Antunes - 1º lugar no Grupo 1 B.

“...vamos apresentá-la como guerreira, forte, disposta a continuar lutando pelo reconhecimento das suas qualidades, da sua importância para a sociedade. É a rainha Ginga, representada em todas as Iyás Dudus, todas as iyalorixás, todas as baianas...”

1995 - E A FESTA CONTINUA - PALMAS PARA IYÁ DUDU (mais uma homenagem à mãe negra do Morro Santana, agora envolvida com a tribo fictícia dos adolãs) – Autor: Adair Antunes.

“...a Ilha de Marajó foi habitada pelo povo adolã, sendo sua soberana a Princesa das Palmas... com a invasão européia, o povo adolã, ultrajado e saqueado, partiu para o sul nas asas de um pássaro dourado. Do alto, avistaram os rios que cercam Porto Alegre e pousaram no Morro Santana, sendo recebidos com festas por Iyá Dudu...”

1996 - É DOMINGO, É SOL, É PRAIA, É FAROFA-FA-FÁ (um domingo típico de “farofeiros” à beira do mar, numa apresentação alegórica) – Autor: Álvaro Machado.

“É domingo. Sol, calor e a multidão enlouquecida vai ao encontro do mar, procurando se refrescar. Conhecidos como farofeiros, de óculos escuros, roupas de praia, muita comida, bebida e espírito aventureiro, são tolerados por uns e odiados por outros. Em ônibus lotados, partem em clima de muita alegria, pagode e humor, em busca do cenário desejado: o mar.”

1997 - O QUE É QUE O FIGO E A FIGUEIRA TÊM (homenagem à árvore que tem o mesmo nome da Escola e sob a qual foi fundada) – Autor: Edmar Baptista dos Santos.

“...fato curioso da nossa narrativa é que, sendo o figo fruto da figueira (sic), cultivado em várias partes do mundo nas mais variadas espécies, somente em Porto Alegre, no Morro Santana, exista uma rara espécie dessa árvore: a Estação Primeira da Figueira...”

1998 - BOM FIM – FINAL FELIZ! (apresenta a história e os tipos característicos do bairro Bom Fim) - Autor: André Machado.

“...conta uma história de amor que tem como pano de fundo a homenagem a um dos mais importantes bairros de Porto Alegre. Tradicional na cultura e na boemia, o Bom Fim é também corredor de passagem para quem vai do Centro da cidade ao Morro Santana...”

1999 - AVENIDA FARRAPOS, DO TRABALHO AO DEVANEIO, DO FAZER AO PRAZER E SUA TRANSMUTAÇÃO (homenagem à avenida Farrapos)

- Autores: Adelmo Moraes de Almeida e Mário Lima.

“...Nossa Escola vem contar, na avenida do samba, não apenas o progresso e a pujança da avenida Farrapos, mas mostrar os contrastes existentes entre seu dia e sua noite...”

Academia de Samba Praiana

A Academia de Samba Praiana foi criada em 10 de março de 1960, por um grupo de rapazes que freqüentava o restaurante do mesmo nome, na Rua da Praia. Reconhecida como a Escola de Samba pioneira em luxo e na introdução do conceito de alas ao desfile de Carnaval, foi a primeira a apresentar ala de baianas. Com as cores verde e rosa, adotadas para substituir o azul e dourado do seu início, a Escola tem como símbolo uma coroa real sobre a letra P, entre dois cavalos marinhos.

No período 1990-1999, a Academia de Samba Praiana viveu o drama mitológico da Fênix e, como essa personagem, ressurgiu das cinzas após o rebaixamento, mostrando toda a força de uma Escola de Samba tradicional. Passando por fases difíceis que resultaram em desfiles irregulares, a Escola desceu, em 1996 e em 1999, para o Grupo Intermediário A, verdadeiro castigo para seus componentes, habituados há anos com o prestígio da verde e rosa e orgulhosos de pertencer a uma entidade carnavalesca reconhecida em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Dizem que os momentos maiores de glória não são aqueles em que comemoramos vitórias, mas sim os instantes que seguem à superação das derrotas. Se é verdadeira essa assertiva, a Academia de Samba Praiana experimentou, na década de noventa, grandes momentos de glória, pois os componentes da Escola conseguiram fazê-la vitoriosa na hora mais dramática. O povo do Carnaval espera, após o rebaixamento ocorrido em 1999, que a Escola supere novamente os problemas decorrentes e ressurja da mesma forma como o fez em 1997.

Os analistas do Carnaval atribuem os maus resultados dos desfiles da Academia de Samba Praiana, durante a década, à existência de conflitos internos e à interferência dos conselheiros em assuntos de Carnaval. Seja qual for a causa, em 1997, a Escola demonstrou que pode superá-la e novamente brilhar nos Carnavais do terceiro milênio.

No quadro abaixo, as colocações obtidas pela Escola no período 1990-1999:

Ano	Colocação
1990	5º lugar - Grupo 1A
1991	8º lugar - Grupo 1A
1992	7º lugar - Grupo 1A
1993	7º lugar - Grupo 1A
1994	8º lugar - Grupo 1A
1995	8º lugar - Grupo 1A
1996	9º lugar - Grupo Especial (rebaixada)
1997	1º lugar - Grupo Intermediário A (promovida)
1998	2º lugar - Grupo Especial
1999	7º lugar - Grupo Especial (rebaixada)

Por uma coincidência que somente os deuses do Carnaval podem esclarecer, a presidência da Academia de Samba Praiana foi, no início da década e em seu encerramento, exercida por Humberto Silva. Como Roberto Corrêa Barros na Imperadores do Samba, Humberto Silva tinha a “cara” da Praiana. Por sua vez, as realizações da Escola retrataram as qualidades gerenciais e o espírito verde e rosa de seu presidente. Com características de personalidade bem diversas daquelas apresentadas por Betinho, mas com a mesma visão administrativa, ele deu sua vida à Academia desde que dela começou a participar como componente. Poucos sabem dos sacrifícios pessoais impostos ao presidente Humberto Silva em troca de dedicar-se à Escola, mas quem privou de sua amizade também foi parceiro de momentos difíceis e sofridos. A história do Carnaval de Porto Alegre teve, em Humberto Silva, personagem realmente significativa e com valores indiscutíveis, de extrema dedicação à Praiana e que soube cercar-se de pessoas capazes na realização do espetáculo. Logo após o Carnaval de 1999, Humberto Silva nos deixou, carnavaileando para outras dimensões.

É tradição na Academia de Samba Praiana que o cargo de presidente tenha suas atribuições distribuídas a outros membros do Conselho ou a convidados. Assim, no decorrer da década, com o auxílio das chamadas “juntas”, presidiram a Escola: em 1991, Osvaldo Abenserrage, o querido “Godô”, um dos fundadores da Praiana e conhecido também por suas qualidades de mestre em culinária; em

1992, Danilo Andrade Silva, carnavalesco e comunicador, babalão respeitado; Luiz Felipe Vieira, em 1993, componente tradicional e apaixonado; em 1993 e 1994, da segunda geração dos praianenses, Marco Aurélio Abenserrage, filho do “Godô”; em 1995, Sérgio Severo Santos Simões, o Serginho, cuja administração se caracterizou pela abertura ao ingresso de novos componentes e destaques. Em 1996, Marco Aurélio Souza foi o Presidente da Escola. A qualificação da equipe de Carnaval foi consolidada, nos últimos anos da década, com a liderança de João Carlos Franckini (magistrado cuja competência extrapola a interpretação das leis) e a capacidade de Vera Daisy Barcellos (ex-julgadora de desfiles e jornalista de talento reconhecido). Observa-se, também, crescente conscientização dos componentes e uma adaptação cada vez maior aos novos tempos.

Com exceção de Luiz Mauro Barbosa, em 1993, e de Delmar Barbosa Pavão, em 1996, a Academia de Samba Praiana manteve na direção de Carnaval seus componentes e fundadores. Em 1994, Sérgio Severo Santos Simões dirigiu o Carnaval, dividindo o encargo, no ano seguinte, com Pedro da Rosa, o “Pedrão”. Em 1997 e em 1998, foi diretor de Carnaval Luiz Felipe Vieira, que já exercera a presidência em 1993. Para 1999, a Escola atribuiu as funções de diretor de Carnaval a Cássio Carvalho, carnavalesco premiado.

Ciente da importância da harmonia musical nos desfiles carnavalescos, a Escola teve, na tarefa de dirigir esse quesito, músicos de reconhecido talento e competência. João Guaraci Barbosa Pontes, o “João Aruanda”, dirigiu a harmonia da verde e rosa em 1993. No ano de 1994, o cargo foi entregue a José Antônio da Silva Júnior, o “Zé Grande”, autor do samba-enredo antológico, *As Alegrias da Vida*. João Manoel da Rocha Soares, o “Joãozinho Sete Cordas”, artista consagrado do violão, foi diretor de harmonia em 1995. No ano de 1996, convidado o experiente e talentoso músico Morency da Silva Teixeira, o “Moura do Cavaco”, por razões que só o Carnaval justifica, não exerceu as funções. Tabajara Ortiz, conhecido compositor, foi o diretor de harmonia em 1997 e, em 1998, coube a função a outro compositor, Silfarlei da Silva Alves. “Cabeto”, Carlos Alberto Oliveira da Rocha, foi diretor de harmonia em 1999.

A bateria da Academia de Samba Praiana sempre se destacou no Carnaval de Porto Alegre, sendo seu ritmo reconhecido à distância devido à agregação do “sopapo” ao naipe instrumental. O “molho” e o

balanço da bateria verde e rosa têm feito história e merece destaque. À frente da bateria desfilaram diretores dignos do nome de “mestres”, como Jorge “Tharol” Antunes, em 1990, e Luiz Carlos Machado da Silva, o “Caloca”, de 1991 a 1992. “Caloca” foi o responsável por ter introduzido na bateria, em épocas passadas, as características que a diferenciam das demais. Em 1993, a Praiana teve a competência de mestre Irajá Guterres à frente dos seus ritmistas, relevante contribuição por ter sido a função exercida em momento difícil da história da Escola. Em 1994, a direção de bateria coube a Giovani Sebastião Vitória e, de 1995 a 1996, a Rubens Luiz Francisco dos Santos, o “Carioca”. Em 1997, retorna à Praiana seu tradicional mestre de bateria, “Caloca”, que ajudou a reconduzi-la ao seu lugar no Grupo Especial e nela permaneceu até 1999.

Os figurinos da Academia de Samba Praiana representaram, em décadas passadas, o momento de transição do Carnaval das fantasias simples e uniformes para o Carnaval luxuoso e requintado. Nos anos noventa, artistas premiados desenharam os figurinos da Escola, como Adoniram Ferreira, **1º prêmio no quesito em 1990**, e Garri de Jesus Rodrigues, em 1991. Em 1992, tentando inovar, a Praiana entregou essa tarefa a uma equipe de arte da Escola. Não obtendo resultados compensadores, em 1993, os dirigentes foram buscar Guaraci Feijó, de competência e criatividade indiscutível, e Dirson Catani em 1994, o artista responsável pelo conceito de brilho e luxo das alas da verde e rosa. De 1995 a 1996, o figurino coube a Sérgio Di Tânger. Em 1997, a Praiana vestiu fantasias desenhadas pelo premiado Evandro Barbosa. Nos anos de 1998 e 1999, revelou-se, através do figurino, o talento de Cássio Carvalho, com experiência no Carnaval carioca e “adotado” pelo Carnaval gaúcho.

Ser porta-estandarte da Academia de Samba Praiana sempre foi motivo de orgulho para as mulheres que se destacaram nessa função. Em 1990, Sandra Regina Barbosa conduziu o símbolo dos cavalos marinhos. De 1991 a 1992, a atribuição coube a Juciane Afrausino Ferreira, a “Ju”, que seria campeã do destaque, em anos seguintes, pela Imperatriz Dona Leopoldina. Em 1993, Sandra Maia obteve o **1º lugar na função, no Grupo Especial**. Cleide Maria Fagundes Alves foi porta-estandarte em 1994 e Georgina Elizabeth de Mello, a Beth, em 1995. Atuando na costureira forma competente e tranqüila, Kátia Cherry (Kátia Beatriz Junqueira de Oliveira) não permitiu que os

problemas ocorridos durante o desfile de 1996 prejudicassem a condução do estandarte verde e rosa. Para 1997, a Academia de Samba Praiana precisaria contar com sua melhor equipe, com os destaques verdadeiramente oriundos de seus quadros e apaixonados pela Escola. Foi em 1997, ciente da necessidade da Praiana reconquistar seu lugar no Grupo Especial, que a porta-estandarte Sandra Maia, então convidada, procurou Humberto Silva e expôs a necessidade de trazer à função a campeoníssima Nara Mattos, abrindo mão da honra de levar o símbolo da Praiana. O resultado foi o **1º lugar** de Nara no Grupo Intermediário A, naquele ano, e a confirmação do seu talento em 1998. Como Rose na Bambas da Orgia, Nara é verdadeira representante da Escola na função de conduzir seu símbolo máximo. Em 1999, a Academia de Samba Praiana revelou ao Carnaval o talento da porta-estandarte Regina Freitas da Conceição.

Dois nomes se destacam na Praiana quando lembramos seus assistas: Régis Batista Oliveira, o “Régis Barão”, e Cleide Regina Quevedo. Régis desfilou com a Escola em 1990 (**1º lugar no destaque**) e de 1992 a 1996, demonstrando qualidades de sambista. Cleide, mulata de muita beleza e muito balanço, desfilou de 1990 a 1994, integrando, nos anos seguintes, a União da Tinga. Outros assistas destacados foram Éder, que dançou com Cleide em 1991, e Simone Silva Ribeiro, que dançou com “Régis Barão” em 1995 e 1996. Nos anos de 1997 e 1998, um novo casal de assistas vem revelando talento de sambista e identificação com a verde e rosa: Cristiano Nunes Brum e Kizie Lins dos Santos. Em 1999, desfilaram Marcus Vinicius Silva e Cristiane Munhoz.

Os mestres-sala e porta-bandeiras da Academia de Samba Praiana sempre foram exemplo de competência e, quando se transferiram para outras entidades carnavalescas, honraram suas novas bandeiras. No ano de 1991, a Escola trouxe Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira, o “Tadeu”, e Michele Moura Lima, de brilhante trajetória nos desfiles de Carnaval, que obtiveram o **1º lugar no quesito**. “Tadeu” permaneceu na Praiana até 1992. Jucimara Ferreira, que seria julgadora do Carnaval no final da década, foi sua porta-bandeira em 1991. Em 1992, Maria Aparecida Meirelles formou par com “Tadeu”. O desfile da Academia de Samba Praiana em 1993 trouxe para a avenida um casal de talento comprovado pelos prêmios recebidos até então: José Ademir Santos da Silva e Solângela Amélia Alexandre Borges, que levaram a bandeira até 1994. Solângela desempenhou sua função com Alcir Jorge de Oliveira,

o mestre-sala carioca “Sizinho”, em 1995, e com Cristiano Bueno em 1996. Com o rebaixamento da Escola, os componentes tradicionais, como Célia Louruz, a conhecida “Nenê da Praiana”, providenciaram o retorno da campeoníssima porta-bandeira Michele Moura Lima para o desfile de 1997. Sem dúvida, a participação de Michele, com seu primeiro mestre-sala, Cláudio Almeri M. Silva, contribui para o retorno da Praiana ao lugar merecido no Grupo Especial. Cláudio, que vem de Santa Maria, permaneceu na Praiana até 1998, desfilando com Cristiane Santos Silva como porta-bandeira. Estreando na passarela em 1999, desfilaram na função de mestre-sala e porta-bandeira Luiz Gustavo da Silva e Suelene Palma.

Temas de Enredo

1990 - NOS SONHOS DO UNIVERSO, QUE REI SOU EU? (narra o sonho de um operário de ser rei e de ser mais feliz) – Autores: Sérgio Almeida e Suelci Silva.

“Nossa fantástica viagem começa no exato momento em que um operário, após o almoço, resolve tirar uma soneca enquanto aguarda a hora de voltar ao trabalho. Sua imagem se transporta para o universo no dorso de um cavalo alado e ele passa a viver as delícias de ser rei em todos os lugares do mundo...”

1991 - ARTE, CULTURA E BELEZA NO CARNAVAL DE UMA PRINCESA (apresenta as origens de Pelotas, sua evolução e seu presente, enfocando as artes locais e personagens famosos da cidade) – Autor não referido.

“... mostrando os guaranis, donos da terra, os açorianos e os escravos das charqueadas, com suas contribuições à cultura... a música, o teatro... a tradição de beleza das mulheres pelotenses... a literatura e a poesia...”

1992 - QUEM É DO MAR NÃO ENJOA (homenagem ao mar e às suas riquezas) - Autor não referido.

“...infelizmente, a humanidade ainda não se deu conta das maravilhas que o mar esconde sob suas águas, destruindo-o e poluindo suas praias, extinguindo suas formas de vida...”

1993 - LUA E SOL – CENÁRIO INSPIRADOR DE UM POETA (homenagem ao compositor Túlio Piva) – Autor não referido.

"As notas musicais extraídas de uma gaitinha de boca e os acordes de um violão seresteiro ainda estão no ar. Unem o passado ao presente, misturando o real à fantasia. Mágicos, os sons dos instrumentos enlaçam a lua e o sol...quando o cenário é este, arranjado de forma inspirada a fim de homenagear um grande seresteiro, o sonho toma proporções infinitas..."

1994 - UMA PAIXÃO EM VERDE E ROSA (homenagem à Escola e aos seus grandes desfiles, através do amor de seus componentes) Autores: Sandra Maia e Departamento de Carnaval.

"Teu povo retorna à casa e saúda sua Academia de Samba. Em homenagem, desfila sua história na avenida da ilusão. É a história de um amor que existe há mais de 30 anos. Um amor que começou na Rua da Praia, com uma Escola de Samba vestida de azul e dourado, realizando os sonhos de um grupo de jovens..."

1995 - ARROBOBÓI – O ARCO-ÍRIS TRANSFORMA AS CORES DA MAGIA (apresenta a relação do arco-íris com os orixás do candomblé) – Autor: Sérgio Di Tânger.

...a relação do arco-íris com os rituais do candomblé...Oxumaré, divindade da transformação, que carrega todos os opostos básicos: o dia e a noite, o bem e o mal. Enquanto divindade masculina, é representado pelo arco-íris, regulando as chuvas e as secas..."

1996 - A HISTÓRIA DE UMA HISTÓRIA – UM ATO DE AMOR (homenagem à controvertida figura do presidente Getúlio Vargas, exaltando suas obras sociais) – Autor: Sérgio Di Tânger.

"Um gaúcho, pai de todos os brasileiros, comoveu o país com sua carta derradeira. Saiu da vida para entrar na História aquele que sempre foi escravo do povo. Deu espaço para as aves de rapina, que fizeram de sua amada nação um castelo de horrores...mas o povo, que segue seus ensinamentos, não se queda e não se dobra..."

1997 - A MELHOR NOTÍCIA DO DIA "TÁ" NA GAZETA DA PRAIANA (apresentação, em tom de sátira carnavalesca, das várias seções de um jornal) – Autores: Álvaro Machado e André Machado – **1º lugar no Grupo Intermediário A.**

"...o café da manhã já está servido. Surge, então, a hora de entrar em contato com o mundo, passear pelas mais diversas culturas...Uma das maiores invenções do ser humano, o jornal faz parte do dia-a-dia da

humanidade...”

1998 - O BOM FILHO À CASA TORNA (apresentação dos ditos populares, dentre aqueles de uso mais comum em alguns estados brasileiros) – Autores: Cássio Carvalho e João Carlos Franckini.

“...aqui chegando, os negros aprenderam a língua dos portugueses e, por força da tradição, imprimiram ao vocabulário uma forma mais ágil, fácil e simples de comunicar, que mais tarde formaria os ditos populares... a Academia de Samba Praiana retorna ao Grupo Especial, de cara e alma novas, pronta para soltar a língua na avenida e escrever novamente seu nome no principal quadro do nosso Carnaval. Quem viver, verá!”

1999 - DE 1.000 PASSARÁ, A 2.000 NÃO CHEGARÁ. SERÁ? (apresenta as profecias da Bíblia, de Nostradamus e de outros astrólogos) – Autoria: Assessoria de Carnaval.

“...mas resta uma esperança: a conscientização do homem em salvar a Terra, a natureza e, em conjunto, lutar por um mundo melhor. Com a Era de Aquarius, o homem viverá também a era do ouro, período em que teremos a paz universal...”

Império da Zona Norte

Fundada em 20 de março de 1975, a Império da Zona Norte escreveu páginas de importante significado para a história do Carnaval de Porto Alegre. Na década de oitenta, a Escola foi responsável pelos primeiros capítulos do Carnaval-espetáculo que viria a se afirmar nos anos noventa. Tendo como símbolo dois leões e uma coroa real (sua Escola de Samba madrinha é Imperadores do Samba), a Império da Zona Norte adotou as cores amarelo, prata e branco.

Pioneira da fase moderna do Carnaval de Porto Alegre, a Escola atravessou, nos últimos anos, períodos de profunda crise e conflitos internos que a afastaram dos campeonatos e ocasionaram, inclusive, seu rebaixamento. Enquanto no início da década a quadra da avenida Sertório, 1021, abrigava multidões em eventos bem sucedidos, do meio para o fim do período ocorreu um esvaziamento que repercutiu nas apresentações da Império. Conforme informações de fundadores e antigos dirigentes, dignos de toda a credibilidade, a má administração financeira e gerencial foi a causa maior dos maus resultados.

Para o Carnaval de 1999, quase nada restava do patrimônio da Império, nem mesmo instrumentos da bateria, que a Escola sempre possuiu em grande número. As bases de ferro para os carros alegóricos estavam sucateadas. A quadra bem construída, que serviu de palco a grandes eventos carnavalescos, encontrava-se abandonada e vazia. A Escola, pressionada por credores, dificilmente poderia reerguer-se. O apoio possível foi oferecido pela AECPARS e alguns ex-dirigentes procuraram recompor a situação através da realização de projetos e eventos. Dentre estes, é obrigatório o registro do nome de Antônio Ademir de Moraes, o conhecido "Urso", apaixonado pela Escola e líder no esforço por seu reerguimento. O povo do Carnaval que esperava a plena recuperação da Império da Zona Norte e seu vitorioso retorno à competição carnavalesca, para a qual contribuiu com tanto brilho, teve uma grata surpresa em 1999. A Império realizou um dos melhores desfiles dos últimos anos em sua história. Patrimônio da cultura de Porto Alegre, a Escola parece ter encontrado o caminho que já trilhou, encantando aqueles que amam o Carnaval.

O quadro a seguir revela sua trajetória nos anos noventa:

Ano	Colocação
1990	4º lugar - Grupo 1A
1991	7º lugar - Grupo 1A
1992	4º lugar - Grupo 1A
1993	4º lugar - Grupo 1A
1994	9º lugar - Grupo 1A (rebaixada)
1995	1º lugar - Grupo 1B (promovida)
1996	7º lugar - Grupo Especial
1997	8º lugar - Grupo Intermediário A (rebaixada)
1998	3º lugar - Grupo Intermediário A
1999	3º lugar - Grupo Intermediário A

Pedro Guilherme Lopes (em 1990, 1991 e 1997), João Carlos da Silva Martins (em 1992, 1993 e 1998), Antônio Ademir de Moraes (em 1994) e Rubens Silveira Menezes (em 1996), foram Presidentes da Império da Zona Norte, que teve uma mulher, Maria Helena Cabellera, na Presidência em 1995. Em 1999, a coragem e o dinamismo de Rubens Silveira Menezes voltaram a contribuir para o esperado renascimento da Escola.

Pedro Guilherme Lopes também foi Diretor de Carnaval em 1993. Neste cargo atuou, em 1994, uma equipe formada por Jaime Santos, Juarez Silva Machado e Sérgio Peixoto da Silva. Rubens Silveira Menezes exerceu as funções de Diretor de Carnaval em 1996 e em 1997. No ano de 1998, a Escola teve a contribuição de Luiz Fernando Gomes Medeiros, ex-presidente da Diplomatas de Alvorada. Vladimir Nunes de Sá foi o Diretor de Carnaval em **1999**, recebendo o prêmio de **“melhor dos melhores”** em seu Grupo.

A Direção de Harmonia da Império da Zona Norte foi exercida, em 1993, por Carlos Viana dos Santos (julgador do Carnaval-1998/99), pelo compositor Carlos Alexandre Rodrigues em 1994 e por Guarajara Santos Souza (“Garoto do Trombone”) em 1996. No ano de 1997, Paulo Souza dirigiu a harmonia e, em 1998, coube a função ao músico Jorge Alberto Nogueira Ramos. O compositor Flávio Rodrigues (Flávio Batera), diretor de harmonia no Carnaval de **1999**, recebeu o prêmio de **“melhor dos melhores” do Grupo Intermediário A.**

A Escola teve consagrados mestres de bateria durante a década de noventa. Um deles foi Nery Gonçalves, o “Nery Caveira”, em **1990**, com o **1º lugar no quesito**. Álvaro Francisco Capelão de Oliveira, Mestre “Chiquinho”, comandou o ritmo da Escola de 1991 a 1993. No ano de **1994**, mais um **1º lugar** em bateria, desta vez conquistado por Estêvão Renato Pereira. Em 1995, a bateria foi regida por Luiz Vicente Fayet. De 1996 a 1998, Mestre “Chiquinho” retornou à Império para mostrar seu trabalho à frente dos ritmistas. Marcelo Soares Silveira, o “Marcelinho”, com seu talento, comandou os ritmistas da Império em **1999**, recebendo o **1º lugar no Grupo Intermediário A**.

Inovadora no quesito fantasia, a Império da Zona Norte contou com grandes artistas no desenho de figurinos: Guaraci Feijó em **1990 (1º lugar)**, Pedro Salles em 1991, Adoniram Ferreira em **1992 (1º lugar)**, Alvino Machado em 1993, Erson Paulo Trindade Pereira (“Paulinho”) em 1994 e em 1996, Walter Luiz Carvalho em 1995, Eugênio Silva Alencar em 1997 e Marlene Souza Costa em 1998. Alvino da Silva Machado, de gloriosa história no Carnaval de Porto Alegre, desenhou os modelos de fantasias em 1999.

Na função honrosa de porta-estandarte, a Escola teve, em 1990, o garbo e a firmeza de Gilclair Regina de Abreu. Em **1991**, a porta-bandeira premiada de Bambas da Orgia, Lígia Ivana Flores (**1º lugar no destaque**) mostrou que sua competência não se limita àquela função. Fabiane Moreira Machado conduziu o estandarte amarelo e branco em 1992. Nos dois anos seguintes (1993-1994), o Carnaval de Porto Alegre foi apresentado ao talento indiscutível, comprovado nos anos seguintes, de Guislaine Pereira Santos, **1º lugar no destaque em 1994**. Maria Noeli de Souza Alonso, de tradicional família carnavalesca e apaixonada pela função de porta-estandarte, desfilou em 1995 e em 1996. Em 1997, por problemas de saúde que a impediram de desfilar, Noeli entregou seu estandarte a Sandra Maia. No ano de 1998, a Império da Zona Norte teve o símbolo apresentado pela revelação Adriana Machado Medeiros, uma das estrelas que surgiram no Carnaval dos anos noventa. Em 1999, Maria Noeli de Souza Alonso retornou, com toda a sua competência, à função de porta-estandarte.

Jamais poderá ser negada, na história do Carnaval de Porto Alegre, o valor de Rosalina Conceição em Bambas da Orgia, de Oldair Laci dos Santos na Estado Maior da Restinga, e de Alexandre Geraldo Barbosa na Imperadores do Samba, por terem se fixado em uma Escola

de Samba e a ela devotado seu trabalho e seu talento, criando verdadeiras “escolas” de estilo e apresentação. Na Império da Zona Norte o mesmo ocorre com a passista Ana Marilda Bellos, a filha de dois “imperianos” de coração, “Xuxa” e Marli. De 1990 até 1999, Ana Marilda desfila sua arte e sua beleza na avenida do Carnaval, obtendo o **1º lugar no destaque em 1990, 1991, 1992, 1994, 1996, 1997, 1998 e 1999**. Contestada por ter inovado na apresentação de sua função, a passista Ana Marilda já demonstrou que é personagem obrigatória na história do Carnaval de Porto Alegre por seu talento e técnica. Um preparo físico invejável, aliado ao conhecimento da dança em suas variadas nuances, a faz digna dos aplausos da arquibancada. Seus parceiros, também verdadeiros talentos do samba, foram Paulo André Ribeiro Corrêa (1990 e 1991), Gustavo Adolfo Giró (em 1992) e João Carlos Santos Viana, o “Caio”, também várias vezes premiado em outras Escolas de Samba e atualmente na Estado Maior da Restinga (de 1993 a 1995). O passista Alex Alonso Dutra, ao lado de Ana Marilda Bellos de 1996 a 1999, com o **1º lugar no destaque em 1998 e 1999**, integra a constelação das estrelas reveladas na década de noventa.

Mestres-sala e porta-bandeiras da Império da Zona Norte foram e são casais de renome em nosso Carnaval. Em 1990 e 1991, os premiados José Carlos Rodrigues de Oliveira (“Zé Cartola”) e Neli Teresinha Marques Silva apresentaram a bandeira da Escola. Em **1992**, obtiveram o **1º lugar no quesito** o mestre-sala Jorge Luiz Santos Nascimento (“Zoca”) e a porta-bandeira revelação do ano, Roseclair Padilha. “Zoca” desfilou novamente em 1993 e em 1996, com a talentosa Itanajara Dione Nascimento, a “Ita”. Em 1994, foi porta-bandeira Roseclair Padilha e, em 1995, Inajara Amorim, tendo Luiz Augusto Alencar dos Santos como mestre-sala. Nos desfiles de 1997 e 1998, a Império da Zona Norte trouxe para a avenida o casal considerado por muitos especialistas em Carnaval como a grande revelação dos anos noventa no quesito mestre-sala e porta-bandeira: Gilberto Koboldt Soares, o “Maiko”, e Gislaine Teresinha Escalante Freitas, a “Gisa”, **“os melhores” do Grupo no quesito, em 1998**. Em 1999, a Império da Zona Norte colocou o pavilhão nas mãos da porta-bandeira Letícia Adriano da Costa, nova estrela do Carnaval de Porto Alegre, filha da apaixonada carnavalesca Vera Costa. Ao lado de Letícia, o mestre-sala Abelardo Feliciano, o “Peres”, mostrou competência na guarda da bandeira.

Temas de Enredo

1990 - PLUMAS E CHIBATAS, LOUVADA SEJA A ARTE POPULAR (reúne e homenageia as três raças que forjaram o perfil sócio-cultural do povo brasileiro) – Autor: Guaraci Feijó.

“...Louvado seja o ser que canta, dança, encena e pinta. Louvado seja o ser que crê, modela, esculpe, trama e cozinha. Louvada seja a arte popular brasileira, a arte de misturar artes, de associar estilos, classes e de reconhecer valores.”

1991 - ATRAVÉS DOS TEMPOS, NA ERA DA MUTAÇÃO (comenta as transformações do Carnaval e alerta para sua possível descaracterização) – Autor não referido.

“... o Carnaval, que é a festa do povo, se realizava de forma simples e participativa, sem preocupações com regulamentos... começou a era do Carnaval competitivo, um espetáculo ainda popular mas com visual diferente, uma verdadeira mutação...”

1992 - VIAGEM A OFIR, MARAVILHOSO MUNDO VERDE (propõe que o Reino de Ofir, com as preciosidades pertencentes ao Rei Salomão, encontra-se na Amazônia. Diz ainda que Ofir foi descoberto por povos africanos, em expedição marítima sob as bênçãos de Netuno) – Autor: Adoniram Ferreira.

“...Chegando ao sul, em cantiga liderada pelos malês, o tesouro de Salomão é mostrado à comunidade que, admirada, retribui com alegria a chegada da expedição vinda do longínquo continente africano...”

1993 - IMPÉRIO NUMA GRANDE FESTA CÓSMICA (viagem imaginária pelo espaço sideral, identificando as galáxias com aspectos que caracterizam o Carnaval) – Autor não referido.

“...não vacilem diante dos raios explosivos, eles somente anunciam que o grande momento está para chegar. Venham conosco deslizar pelo arco-íris... Este calor alucinante nada mais é que o astro-rei em dia de festa... deixem que os guerreiros do Sol abram caminho...Vamos dar as mãos às crianças e deixar que elas nos conduzam ao grande despertar...”

1994 - BRASIL, IMPÉRIO DA MISCIGENAÇÃO (fala da raça brasileira e de sua origem indígena, negra e portuguesa) – Autores: Jaime Santos, Juarez Machado e Sérgio Peixoto.

“...mostraremos as três raças que contribuíram na formação desse Brasil

mulato na dança, no folclore, nas lendas, na música e nos costumes... império da miscigenação é a vitória diária dos

brasileiros ao superar dificuldades, diferenças e incompreensões... mas, sobretudo, com o cimento da alegria em obediência à lei do amor..."

1995 - MANDELA, DA ÁFRICA BRASILEIRA À ÓPERA DA CONQUISTA (exaltação ao líder africano Nelson Mandela, colocando-o como exemplo de coragem ao povo brasileiro) – Autor: Juan Carlos Sosa.
– 1º lugar no Grupo 1 B

"A miséria, como uma ópera, invade com sua sinfonia surrealista, um grande segmento da sociedade. O triunfo de Mandela nos leva a acreditar na ópera da conquista, com ritmos africanos iluminando os sonhos de dias melhores para os discriminados..."

1996 - PELOS CORREDORES DO PALÁCIO (OU AS FAÇANHAS AMOROSAS DE UM GRANDE CONQUISTADOR) (relato de uma aventura amorosa de Dom Pedro I) – Autor: Sérgio Peixoto.

"Dom Pedro casou-se, mas conta-se que jamais esqueceu Noemy. Após a separação e o casamento arranjado com Dona Leopoldina, iniciaram-se os vários casos amorosos do jovem conquistador. Apesar de ter morrido moço, com apenas 36 anos, o Imperador teve vida amorosa das mais calorosas..."

1997 - VIAGEM EM BUSCA DAS BELEZAS E RIQUEZAS DESTES PAÍSES (roteiro através das regiões brasileiras, exaltando suas características) – Autor: Paulo Ricardo Machado Lopes.

"...no cenário que o Brasil descortina para o mundo, há um céu de intensos luares e um "show" de estrelas...um sol tropical, que doura as regiões brasileiras, dá um espetáculo de rara beleza..."

1998 - ATRAVÉS DOS TEMPOS PASSEI, HOJE SOU REI E O ESPETÁCULO CONTINUA (uma história sobre o mundo do circo e sobre sua evolução através dos tempos) – Autor: Mano Brum.

"Desde as épocas mais remotas que os povos precisam de diversão. Às vezes perversas para os nossos padrões atuais, mas místicas em todos os tempos. Puramente diversão, chegando quase às raias da inocência... quando então surge, por influência do povo etrusco, o primeiro grande circo: o Circus Máximus..."

1999 - OS BALUARTES DA ESPERANÇA (apresenta personalidades que se transformaram em guerreiros por um mundo melhor) – Autor: Alvino da Silva Machado.

“...a Império da Zona Norte vem saudar aqueles que seriam os verdadeiros alicerces de resistência em defesa da humanidade, como Chico Mendes, Betinho e Madre Tereza de Calcutá...”

Embaixadores do Ritmo

A Escola de Samba que tem por símbolo a cartola e a bengala de “embaixador”, fundada em 11 de fevereiro de 1950, tem como cores o bordô e o branco. Sua quadra está localizada à avenida Ipiranga, 3890.

Na década de noventa, Embaixadores do Ritmo tem conhecido momentos difíceis. Com um passado de conquistas que a fizeram ser conhecida como Escola de Samba de prestígio e competência, a modernidade do Carnaval-espetáculo foi de encontro à forma tradicional com que suas atividades vinham se processando. O choque inevitável com as exigências do desfile competitivo prejudicou o desempenho da Escola e levou sua Direção a reformular conceitos. Por outro lado, as dificuldades econômicas que caracterizaram o período, conduzem à menor participação do povo nas Escolas de Samba. Embaixadores do Ritmo sofreu com a diminuição do número de componentes que, nos anos vindouros, poderá ser fator de rebaixamento para muitas entidades carnavalescas. Realizando um trabalho social que envolve a comunidade e justificando sua função cultural e assistencial, a direção da Escola repensou sua estratégia de mercado, para vender adequadamente o produto que fabrica: o Carnaval. Por isso, fez um grande Carnaval em 1999, cujo maior mérito foi o de aproveitar, nas diversas funções de destaque, a “prata da casa”. No último Carnaval do milênio, Embaixadores do Ritmo mostrou que pode reprisar os grandes Carnavais dos seus cinquenta anos.

No quadro abaixo, verificamos as colocações obtidas pela Escola no período 1990-1999.

Ano	Colocação
1990	6º lugar - Grupo 1B
1991	4º lugar - Grupo 1B
1992	5º lugar - Grupo 1B
1993	8º lugar - Grupo 1B
1994	8º lugar - Grupo 1B
1995	8º lugar - Grupo 1B
1996	6º lugar - Grupo Intermediário A
1997	6º lugar - Grupo Intermediário A
1998	5º lugar - Grupo Intermediário A
1999	2º lugar - Grupo Intermediário A

Embaixadores do Ritmo se confunde com a figura de Adolfo Giró, patrimônio vivo do Carnaval de Porto Alegre e seu presidente de 1990 a 1999. Como Ariovaldo Paz, ex-presidente de Bambas da Orgia, Giró é considerado uma “raposa” dos bastidores carnavalescos. Definido como homem da “velha guarda”, Mestre Giró tem demonstrado capacidade de adaptação às mudanças ocorridas no desenvolvimento da maior festa popular. Nos últimos anos, formou em sua Escola destaques de peso e competência, fazendo frente às exigências do Carnaval competitivo. Sua participação é ativa junto ao Conselho de Presidentes da AECPARS, tendo suas opiniões acatadas com respeito pelos demais membros. Paralelamente ao gerenciamento da Escola de Samba, Mestre Giró lidera importante e efetivo trabalho de assistência social às crianças da comunidade.

Na direção de Carnaval da Embaixadores do Ritmo durante a década de 90, destaca-se a atuação de Kleber Dilamar Giró, filho do presidente. Em 1996, Glória Maria Barbosa exerceu o cargo, retornando Kleber nos anos de 1997 e 1998. Em 1999, foi diretor de Carnaval Paulo Fernando da Silva Freitas.

Na direção de harmonia, além do mesmo Kleber Dilamar Giró, estiveram atuando em 1995, Pedro Roberto Conceição da Silva e, em 1997, o compositor Jefersandro Sampaio dos Santos (Sandro Sampa).

Na regência da bateria da Escola estiveram, em 1990, Natalício dos Santos, de 1991 a 1993, Marcelo Soares Silveira (1º lugar em 1991). De 1995 a 1998, os ritmistas desfilaram sobo comando de Pedro Roberto Conceição da Silva, o “Pedrinho”. Em 1999, Gilnei Borba Soares, o “Patê”, assumiu a direção de bateria. Discípulo do talentoso Mestre Inho, “Patê”, através de trabalho competente, contribuiu para a excelente classificação da Embaixadores do Ritmo.

Vários artistas desenharam os figurinos da Escola desde 1990, quando o trabalho foi feito por Lídia Richinitti. Em 1991, Alvino da Silva Machado (que viria a ser o carnavalesco da Imperatriz Dona Leopoldina); em 1992, a estréia como figurinista de Kleber Giró; em 1993, José Marciano; em 1995, Daniel Borges; em 1996, o competente e criativo Sérgio Pinto; em 1997, Jonatas Rosa da Silva e, em 1998, César Torres. Em 1999, Cida Blanco desenhou os modelos da Embaixadores do Ritmo.

Incluindo-se o desfile de 1990, o estandarte da Escola bordô e branca foi carregado, durante vários anos e com muito brilho, por Glaci Pereira de Abreu, que retornou à função em 1998. Em 1995 e 1996, Embaixadores do Ritmo revelou o talento de Daniele Silva de Moraes, neta de Mestre Giró. Andréa Gonçalves Corrêa foi porta-estandarte em 1999, revelando-se uma estrela que poderá conferir extremo brilho aos Carnavais do terceiro milênio.

Os pés treinados de diversos passistas, homens e mulheres do samba, desfilaram sua arte com a Embaixadores. Em 1990, tivemos Jair Trindade da Silva (Pelé) e Bárbara Pereira da Silva. Em 1991, Gilmar Machado (Nenê) e Lurdes Omara Duarte (Lu). Em 1992, foram passistas J. R. Silva e Janaína Delfino (Jana); em 1993, Luiz Gustavo e Ariane. Em **1994**, o casal de passistas da Embaixadores obteve o **1º lugar no destaque** do seu Grupo, embora seus nomes não tenham sido divulgados. Em 1995, retorna Luiz Gustavo, desta vez acompanhado pela premiada Ana Lúcia Machado. Sílvio Lucena e Patrícia Goulart desfilaram em 1996. Em 1997, foi a vez de Iverton do Nascimento Machado e Fabiana Lopes Cardoso mostrar sua arte na avenida. Em 1998, atuaram como passistas da Embaixadores do Ritmo os jovens Leandro Munhoz Olex e Patrícia Silva de Jesus.

A segunda mais antiga Escola de Samba a desfilar no Carnaval de Porto Alegre mantém a tradição de profundo respeito à bandeira e ao ritual que envolve sua apresentação na avenida. Conduziram o pavilhão bordô e branco, em 1990, duas personagens ilustres da história de Porto Alegre: Pedro Homero e Jussara Gauto. Em 1991, foi a vez de Carlos Roberto Oliveira (Galo) e, trocando a função de passista por porta-bandeira, Jaci Abreu (Mola). No ano de 1992, Vanderlei Anacleto Cardoso e Aline Fabiane Silva Oliveira foram os responsáveis pela guarda da bandeira. Em 1993, estiveram na função Maiko e Kelly. Paulo Roberto de Borba Soares e Flávia Carvalho desfilaram em 1995 e 1996. Já em 1997 e 1998, a Embaixadores do Ritmo trouxe ao desfile a competência e o sincronismo de Jorge Santos do Nascimento (Zoca) e de Itanajara Dione do Nascimento (Ita), casal cuja arte já havia sido várias vezes premiada no destaque e no quesito mestre-sala e porta-bandeira. Para o desfile de 1999, a Escola entregou sua bandeira à arte de dois novos talentos, que se transformaram em grata surpresa ao povo do Carnaval: Ana Paula Rodrigues da Silva e Marcelo Rodrigues de Freitas.

Temas de Enredo

1990 - ONTEM, HOJE, 40 ANOS DE HISTÓRIA (conta os temas-de-enredo da Escola desde sua fundação até completar 40 anos) – Autores: Adair Antunes e Adolfo Giró.

“...Embaixadores do Ritmo orgulha-se de nunca ter deixado de desfilar em seus 40 anos de vida... É uma vida, uma história, a arte de fazer samba...”

1991 - DRUMMOND TINHA RAZÃO: E AGORA, JOSÉ? (baseado na poesia de Carlos Drummond de Andrade, o tema chama a atenção para a injustiça social no Brasil, propondo-se a utilizar o Carnaval como meio de valorização das classes oprimidas) – Autores: Paulo Moraes, Manoel M. da Silva e Osvaldo F. dos Reis.

“...Até quando José resistirá à força da opressão? Até quando José ficará sem o ouro? José não tem respostas. Das promessas não cumpridas, o Zé já está cansado. Até hoje, nada foi cumprido. Mas ele ainda tem uma esperança... E agora, José?”

1992 - CIRCO BRASIL, O PAÍS DOS ENGANADOS (a saga do brasileiro pobre atrás dos seus sonhos, comparando o céu do país à lona de um circo) – Autor não referido.

“...Zé aposta na sorte para melhorar a vida, aposta na vida com a esperança de dias melhores, aposta no Brasil novo à cada eleição, mas as coisas não mudam... Então olha para o céu e descobre que é uma lona de circo, a cobrir sua cabeça com os símbolos da Pátria...”

1993 - OLHA AÍ, É O MEU GURI (expõe a situação dos meninos de rua e propõe soluções para o problema) – Autor: Kleber Giró.

“...diariamente, convivemos com crimes praticados contra menores e também por eles. A sociedade discrimina a criança que, não por sua culpa, é jogada nas ruas à mercê da sorte, dorme em caixas de papelão e se droga para esquecer...”

1994 - NA NATUREZA, UM MUNDO DE AMOR À VIDA (fala dos seres mágicos que habitam a natureza, com ênfase aos gnomos) – Autor: João Acir Oliveira.

“Depois disso, tudo mudou, os gnomos foram obrigados a se retirar da sociedade, indo para os esconderijos das florestas, muitas vezes subterrâneos e de acesso difícil... você pode não vê-los, mas eles estão

lá...”

1995 - NO CARNAVAL, TRISTEZA NÃO TEM LUGAR (o tema-de-enredo aborda os sentimentos do folião quando chega o Carnaval) - Autor: Adair Antunes.

“A Escola de Samba é a sociedade mais democrática que o homem criou. A tristeza, nem disfarçada de colombina consegue entrar porque a alegria não permite que ela se instale... somos os artistas do universo da fantasia e, em nosso Carnaval, não temos lugar para momentos tristes...”

1996 - VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, A POPULAR “VOLUNTA” (história e tipos característicos da rua Voluntários da Pátria, sua) – Autores: Paulo Roberto Bittencourt e Paulo César dos Santos.

“Uma das mais famosas ruas de Porto Alegre, a Voluntários da Pátria tem muitas histórias. Inicialmente chamada Costa do Rio, depois teve o nome de Caminho Novo. Seu nome é homenagem aos civis que se alistaram voluntariamente para a Guerra do Paraguai... Chamada popularmente de Volunta, essa rua também abriga as vítimas da injustiça social.”

1997 - DO REINO DE IFÉ, A DÁDIVA DA CRIAÇÃO DO MUNDO (a criação do mundo e dos seres vivos é abordada segundo a tradição religiosa dos povos africanos) – Autores: Jefersandro Sampaio dos Santos (Sandro Sampa) e Jonataz Rosa da Silva.

“...a mitologia africana nos revela que o grande deus Olorum, senhor do infinito, ordena a Obatalá que faça a criação do mundo em seu todo. Na qualidade de criador, Obatalá recebe as fórmulas e os segredos mágicos para a formação da Terra, do Sol, do Céu, da Lua e do Mar, um mundo exuberante a contento do grande deus Olorum...”

1998 - SONS E LAMENTOS NA ÓPERA DOS TAMBORES (o desenvolvimento do tema-de-enredo é centralizado no atabaque, instrumento de percussão utilizado pelos escravos negros) – Autor: Sérgio Peixoto.

“...O lamento triste que ecoa desses instrumentos produz uma verdadeira ópera de tambores. Uma ópera para a paz e para a guerra... símbolo da resistência e da sobrevivência dos escravos nos porões dos tristes e vergonhosos navios negreiros... som negro, vertido de uma cultura de raiz, que explode na Bahia e abriga todas as raças e credos...”

1999 - DA SEMANA DE ARTE MODERNA, EMBAIXADORES DO RITMO TRAZ MÁRIO DE ANDRADE (fala sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 e sobre o escritor e poeta Mário de Andrade) – Autor: Alvinio Machado.

“...nenhum se compara a Mário de Andrade, o papa do modernismo brasileiro. É, indiscutivelmente, pela seriedade de sua pesquisa, pela agudeza de sua visão, pela profundidade da sua cultura, a personalidade mais influente na cultura brasileira durante a radical mudança ocasionada pela Semana de Arte Moderna.”

Império do Sol

Fundada em 20 de fevereiro de 1988, a Escola de Samba Império do Sol, com sede em São Leopoldo, ingressou no Carnaval oficial de Porto Alegre somente 10 anos depois, advinda do Grupo de Acesso.

Seu símbolo, a coroa real gravada sobre um sol dourado, traz a lembrança dos mistérios do povo inca, que inspirou o nome da Escola. Suas cores são o verde, o vermelho, o amarelo e o branco.

O quadro seguinte revela o desempenho da Império Sol em seus primeiros desfiles no Carnaval-espetáculo de Porto Alegre.

Ano	Colocação
1998	2º lugar - Grupo Intermediário B (promovida)
1999	5º lugar - Grupo Intermediário A

Responsável por trazer sua Escola à competição acirrada que ocorre em nosso Carnaval, dando-lhe características de empresa, Alzemiro Jacintho da Silva, o "Miro", teve a assessoria constante e inteligente de sua esposa, Tânia Nara Silveira da Silva, porta-estandarte dedicada e responsável.

Um grupo de trabalho da Império, supervisionado pelo Presidente, foi o responsável pelas atribuições da Diretoria de Carnaval no ano de 1998. Em 1999, o presidente "Miro" acumulou as funções de diretor de Carnaval.

No quesito harmonia musical, a Escola foi a **melhor das melhores (1º prêmio) em 1998**, com o talento de Izolino Antônio do Nascimento. Em 1999, o intérprete Joel Alves desdobrou sua atuação como diretor da harmonia musical da Escola.

À frente dos ritmistas, Sílvio Silva de Oliveira mostrou um trabalho correto como diretor, em 1998. Para o desfile de 1999, a Escola trouxe Luiz Fernando Silva de Carvalho à frente da bateria.

Com o **1º lugar do Grupo Intermediário B** no quesito fantasia, os figurinos de Almeida e Daniel Borges vestiram a Império de forma criativa e adequada no desfile de **1998**. Paulo Castilhos desenhou os modelos de 1999.

Entre os destaques, o passista Jáder Inácio Camargo, com formação de bailarino clássico, apaixonado pelo samba e pelo Carnaval, mereceu dos julgadores o **primeiro prêmio no Grupo em 1998**. Seu par foi Simone Scharão, que retornou no desfile de 1999, ao lado de Cleber da Silva.

Revelados em talento e sincronia, o mestre-sala Ramon Carvalho e a porta-bandeira Patrícia Martins encantaram a avenida em **1998**. Sua premiação como os **melhores do quesito no Grupo Intermediário B**, recompensou a atuação perfeita, nos moldes exigidos pela tradição do Carnaval. Em 1999, a Império do Sol trouxe o competente casal novamente à avenida.

Temas de Enredo

1998 - COM QUE ROUPA QUE EU VOU? (a história da moda e seu papel cultural através dos tempos) – Autora: Sandra Maia - **1º lugar no Grupo Intermediário B**.

“...Na mesma máscara negra que cobre teu rosto, eu quero matar a saudade. Coube à moda, misteriosa e coquete, introduzir em Veneza um Carnaval diferente, onde a multidão mascarada entregava-se à brincadeira, misturando-se nos préstitos ricos pobres...”

1999 - FESTA DO SOL (narra a maior festa dos descendentes dos povo inca) – Autor: Alzemiro Jacintho da Silva e Sirlei Ávila

“...A mais bela festividade religiosa estava ligada ao culto do Sol e se realizava anualmente em Cuzco, por ocasião do solstício de inverno no hemisfério sul... por meio de rituais mágicos, eles tentam trazer o Sol para mais perto da Terra...”

Os Filhos da Candinha

Um condor de dupla cabeça foi o símbolo escolhido pelo grupo de carnavalescos, liderado pela família Montieir, que fundou a Escola de Samba Os Filhos da Candinha, em 26 de novembro de 1980. As cores verde e amarelo-ouro, com os tons prateados, serviriam para colorir seus desfiles.

Através do esforço dos dirigentes e componentes, a Escola oferece ao público carnavalesco uma excelente quadra, no bairro Partenon, à rua Juarez Távora, 548.

Os Filhos da Candinha teve trajetória ascendente no período 1990-1999, saindo do Grupo II em 1990 e chegando ao Grupo 1 A (atual Grupo Especial) em 1994, onde permaneceu até 1999, quando sofreu rebaixamento por ter se classificado em 8º lugar. Embora seja considerada "Escola de comunidade", ainda lhe falta agregar maior número de componentes fixos, o que lhe permitirá competir com igualdade junto às maiores agremiações carnavalescas do Grupo Especial. É um trabalho a longo prazo, que poderá ter seus objetivos alcançados através de atividades gerenciais adequadas.

Adotando como lema "Nem melhor nem pior, simplesmente Candinha", uma das mais originais características da Escola é sua Ala Gay, que possui grande número de participantes e que escolhe sua "Rainha" durante evento que já se tornou tradicional. Os componentes dessa ala são fiéis à Escola, participando de todas as atividades sociais, ao mesmo tempo em que revelam, durante os desfiles, sua paixão pela maior festa popular.

No quadro, as colocações da Escola, de 1990 a 1999:

Ano	Colocação
1990	1º lugar - Grupo II (promovida)
1991	2º lugar - Grupo 1B
1992	4º lugar - Grupo 1B
1993	2º lugar - Grupo 1B (promovida)
1994	5º lugar - Grupo 1A
1995	6º lugar - Grupo 1A
1996	5º lugar - Grupo Especial
1997	5º lugar - Grupo Especial
1998	5º lugar - Grupo Especial
1999	8º lugar - Grupo Especial (rebaixada)

Escola de Samba cuja direção é exercida por um grupo familiar, Os Filhos da Candinha manteve, na década de noventa, o sobrenome Montier na presidência. Exceção feita a Walmor Rodrigues Alves, presidente que contribuiu decisivamente para a ascensão da Escola e que atuou de 1990 a 1992. João Gilberto Garcia da Silva, o “Beto”, foi eleito para o biênio 97-98, mas não completou sua gestão. De 1993 a 1996 e até 1999, foi presidente João Luiz Montier dos Santos.

Na Direção de Carnaval, Os Filhos da Candinha teve Marco Aurélio Montier dos Santos em 1990, João Luiz Montier dos Santos em 1991, 1992, 1997 e 1998 (acumulando a função de presidente), Carlos Alberto Dornelles em 1993 e Bráulio Pires Pontes Neto, o “Braulinho”, em 1994. No ano de 1995, Walmor Rodrigues Alves emprestou sua experiência vitoriosa na presidência às atribuições de Diretor de Carnaval. Sérgio Renato Machado Bastos, julgador do quesito tema-de-enredo, ex-Imperadores e ex-Bambas da Orgia, dirigiu o Carnaval em 1996. Vicente Vanderlei Flores foi diretor de Carnaval em 1999.

A Direção de harmonia musical teve os seguintes titulares: Bráulio Pires Pontes Neto, o “Braulinho”, em 1993; o experiente e premiado João Guaraci Barbosa Pontes (“João Aruanda”), em 1994; Valdir Santos de Oliveira em 1995; Jefersandro Sampaio dos Santos, o “Sandro Sampa”, em 1996; o intérprete campeão da avenida Paulo da Silva Dias, o “Jajá”, em 1997; e Vicente Vanderlei Flores em 1998. No Carnaval de 1999, a Escola teve Rogério Luiz na função de diretor de harmonia.

Hilton Rogério Gonçalves foi o mestre de bateria responsável

pela organização e conceituação da bateria da Candinha. **Campeão do quesito de 1990 a 1992**, Mestre Hilton também comandou os ritmistas em 1995 e de 1997 a 1998. Outro grande nome do quesito bateria e do Carnaval de Porto Alegre levou seu talento de mestre aos desfiles da Candinha em 1993, 1994 e 1996: Júlio César de Lucena, o “Mestre Inho”, que obteve o **1º lugar em 1993 e em 1994**. Sergio Vinícius Rodrigues, cujo talento já fora revelado na Estação Primeira da Figueira, comandou a bateria em 1999.

No julgamento da fantasia, Os Filhos da Candinha recebeu o troféu de campeã do quesito em 1990, com Adroaldo Silva, em 1991, com Sandra Maia, e em 1994, com Adoniram Ferreira. No ano de 1992 os modelos foram desenhados por Carlos Alberto Dorneles, que dividiu a tarefa com o artista Juarez Soares de Lima no ano seguinte. O talento premiado de Xico Corrêa e de Evandro Roberto Barbosa foi responsável pelos figurinos de 1996 e de 1997. Em 1998, a Escola desfilou com os modelos desenhados por Adroaldo Ives, o “Nêni”. Luiz Bueno desenhou os modelos de fantasias para o Carnaval de 1999.

De 1990 a 1991, Eli Cardoso dos Santos, esposa do presidente João Luiz, carinhosamente apelidada de “Lilica”, desfilou na avenida com o estandarte auri-verde da Escola, função que havia exercido com dignidade e respeito nos anos oitenta. Foi em 1992 que um jovem talento revelou-se à arquibancada: Fernanda Ferreira Bittencourt, filha, neta e sobrinha de grandes mulheres do Carnaval de Porto Alegre, assumiu a função de porta-estandarte e nela foi vitoriosa. Desfilando de 1992 a 1994 (**1º lugar no estaque em 1993 e em 1994**) e em 1996, Fernandinha foi competente estrela em suas funções. Em 1995, Kelly Cristina da Rosa e, em 1997, Kátia Beatriz Junqueira de Oliveira, a “Kátia Cherry”, em mais um desfile correto, tiveram a atribuição de conduzir o estandarte do condor. No ano de 1998, Os Filhos da Candinha trouxe para a avenida Simone Ávila dos Santos, filha de Jorge Montieir dos Santos, terceira geração da família a defender as cores da Escola. Andréia Mendes foi a porta-estandarte revelada pela Escola em 1999.

Gerson Luiz Santos Dihel e Vera Lúcia Flores mostraram o “samba no pé” em 1992, função de Vanderlei Anacleto Cardoso e de Rosângela Silva em 1993. Os passistas premiados “Caio” (João Carlos dos Santos Viana) e “Dendeca” (Tatiana Renata do Nascimento) desfilaram com a Escola em 1994. Jaqueline Xavier de Andrade, a “Jackie”, foi a passista de 1995 a 1998, tendo formado par com Sílvio Adriano Souza Lucena no primeiro ano, com Luiz Fernando Rosa Chaves em 1996, com “Régis

Barão" (Régis Batista de Oliveira) em 1997 e com Márcio Souza, o "Faisca", em 1998. Márcio continuou na função em 1999, ao lado da passista Indiara Dias Amaral.

Os Filhos da Candinha, com todas as dificuldades que possa ter enfrentado nos anos noventa, caracterizou-se pela qualidade do casal escolhido para portar sua bandeira. Em **1990**, um bailarino de excepcional talento foi seu mestre-sala: Ocimar Guedes da Rosa, o "Cy". A porta-bandeira seria, nos anos seguintes, consagrada como porta-estandarte da Imperadores do Samba: Deníria Dailane Silva Faleiro, a "Tiquita". O casal foi **campeão no quesito** e, para pesar dos admiradores, não mais desfilou na avenida para apresentar uma bandeira. O desfile do ano de 1991 lançou definitivamente o mestre-sala Márcio Lopes, na guarda à bandeira conduzida pela bonita Dayse Ilha. No ano seguinte, Dayse teve ao seu lado o premiado Mário Jeferson Pinheiro, consagrado mestre-sala da Academia de Samba Relâmpago, premiado em vários desfiles nos anos oitenta. Mais talento e competência na apresentação da bandeira: em 1993, José Roberto Santos Crescêncio, o "Betinho", mestre-sala de Tizane Silva de Souza. Dois grandes nomes no desfile de 1994: Luiz Marcelo Rodrigues (Marcelinho) e Isabel Cristina da Silva Costa, ambos de trajetória significativa na história do Carnaval. Mestre-sala e porta-bandeira de reconhecido currículo, Jorge Luiz Santos Nascimento, o "Zoca", e Itanajara Dione Nascimento, a "Ita", desfilaram em 1995. No ano de 1996, novamente a arte de guardar a bandeira esteve representada na atuação de Luiz Marcelo Rodrigues, o "Marcelinho", ao lado da talentosa Paula Verônica Zylbersztein. Em 1997, a porta-bandeira Aline Oliveira, "cria" da Bambas da Orgia, carregou o símbolo da Escola ao lado de José Roberto Santos Crescêncio, substituído por Márcio Lopes em 1998. Márcio continuou, em 1999, guardando a bandeira do condor, ao lado da porta-bandeira Lica.

Temas de Enredo

1990 - BRASIL, CONTA OUTRA (o tema reclama das mentiras que pregam diariamente ao povo brasileiro, que já não acredita em milagres) – Autores: João Luiz Montieir dos Santos e Marco Aurélio Montieir dos Santos - **1º lugar do Grupo II.**

"...Que saudade hoje eu tenho do passado, da virgindade da menina, da inocência do guri, das vitórias do meu time, da baiana quituteira, da

gasolina barata, do Carnaval de antigamente, coisas que não voltam mais... Brasil, eu permaneço nesse lindo torrão verde e amarelo, cheio de esperança e, mais uma vez, querendo acreditar..."

1991 - MAGIAS DE UMA NOITE PRATEADA (fala dos mistérios da noite, da lua e das estrelas, enfocando rituais religiosos) – Autor não referido.

(a Escola não forneceu o texto do tema-de-enredo)

1992 - ALÔ, BRASIL! ESTOU "SOFT" MAS COM "AQUILO" ROXO (crítica a falta de ideais do povo brasileiro em relação à educação, aos esportes, às crenças. Reclama da falta de líderes políticos e de rumos para o Brasil) – Autor: João Luiz Montieir dos Santos.

"O que aconteceu com os ideais do povo brasileiro, da seleção canarinho, da educação, do colono com terra para plantar, da crença nos políticos, nas lideranças estudantis?... e quando não encontro respostas, eu fico soft, mas com aquilo roxo..."

1993 - UM ANJO NEGRO DE ASAS BRANCAS CHAMADO LIBERDADE (fala das crenças, da arte e de personagens da raça negra, enfatizando a liberdade como sua maior conquista) – Autor não referido – **1º lugar no Grupo 1 B.**

"...A magia que rezam ajelus e orixás, grita sua arte e bravura em um só coração: - Chega de chibata, chega de senzala! Hoje é batuque, é canto, é dança... Eu clamo aos meus orixás e peço a chave da libertação, eu quero as minhas quimeras, um anjo negro de asas brancas chamado Liberdade..."

1994 - NA APOTEOSE DO SAMBA, BRILHA UM SER DE LUZ (homenagem à cantora Clara Nunes) – Autores: Maurício Guzinski, Gisele Rodrigues, Newton Pinto da Silva e José Cláudio Rodrigues - **1º lugar no Grupo 1 A.**

"...Clara veio do povo e teve a mesma simplicidade desse povo... se transformou em sabiá, dona dos versos de um trovador... espantava a dor com a força do seu cantar. Aguardamos o céu clarear na esperança de vê-la, mas ela se foi para cantar muito além do luar, onde moram as estrelas..."

1995 - DO MERCADO MODELO À LAVAGEM DO BOM FIM, UMA ÁFRICA CHAMADA BAHIA (as belezas e mistérios da Bahia) – Autor: Xico Corrêa.

"...a cultura milenar africana que até hoje tem por tradição a capoeira,

o candomblé, o culto aos grandes deuses orixás. A Bahia dos afoxés, dos quitutes da culinária, da beleza das praias, do patrimônio histórico com suas belezas plásticas...”

1996 - PARTENON – HISTÓRIA DE UMA DIVAGAÇÃO ROMÂNTICA (apresenta a história do bairro Partenon a partir da Sociedade Partenon Literário) – Autores: Xico Corrêa e Sérgio Bastos.

“Em 1880, começa a funcionar o Prado Boa Vista...instalado onde hoje passa a rua Vicente da Fontoura. Dois meses antes, começaram a passar os trilhos da Companhia Carris e, em seguida, o primeiro bonde puxado por burros, ostentando o nome da linha: Partenon-Prado Boa Vista...Quatro anos depois, sucumbia o sonho do Partenon Literário...”

1997 - NEM MELHOR, NEM PIOR, CANDINHANDO É O QUE É – GELO EM MIM, DONA! (desenvolve, de forma cronológica e evolutiva, a história do sorvete) – Autor: Luiz Fernando Gomes Medeiros.

“...o sorvete remonta ao tempo dos faraós, sendo os chineses seus primeiros apreciadores. Naquela época, o sorvete era apenas uma mistura de gelo com suco de frutas, mas já encantava a humanidade...”

1998 - “KAWÓ – KABIYESILÉ” (conta a lenda africana sobre a origem e a vida do orixá Xangô) – Autores: João Luiz Montier e Leandro Cardoso Santos.

“...Este sacerdote lhe entregou uma caixa de bronze e ouro e recomendou que só fosse aberta em caso de extrema necessidade de defesa do seu reino e que estava proibido de revelar a alguém esse segredo... Curioso, ele resolveu contar a Iansã... ambos abriram a caixinha antes do tempo. Imediatamente, surgiram relâmpagos e trovões...”

1999 - UM SONHO NO UNIVERSO DA MÃE DAS ARTES (fala da dança através dos tempos e dos povos) – Autor: Ismar Silveira.

“Há mais de dez mil anos, o homem dança sobre a face da Terra. Primeiro a dança era um ritual mágico. Depois, significou homenagem aos deuses, em ginástica e em teatro. Por fim, converteu-se em divertimento...”

Integração do Areal da Baronesa

Um pequeno grupo de grandes foliões, ao separar-se de sua Escola de Samba, resolveu que fundaria uma outra, com raízes no samba e características inovadoras. Assim, em 26 de fevereiro de 1994, nasceu a Integração do Areal da Baronesa, exatamente no local onde Porto Alegre festejou, há décadas atrás, seus mais autênticos Carnavais.

Misteriosas serpentes compõem o símbolo da “Arealzinha”, até 1998 a mais nova Escola de Samba do Carnaval oficial de Porto Alegre. A “cor de maravilha”, original e estranha, foi adotada pelos fundadores, ao lado do branco, do dourado e do prateado.

Saindo do Grupo Extra depois de deslumbrar a todos que assistiram no bairro Cavalhada, em desfile que homenageou o Mestre Nery Caveira, a Integração do Areal da Baronesa obteve o campeonato em seu primeiro desfile oficial, em 1996 (quadro abaixo). Apesar das colocações em 1998 e em 1999, a Escola tem todas as condições para trilhar uma estrada de sucesso no Carnaval-espetáculo.

Ano	Colocação
1996	1º lugar - Grupo Intermediário B (promovida)
1997	3º lugar - Grupo Intermediário A
1998	7º lugar - Grupo Intermediário A
1999	6º lugar - Grupo Intermediário A

Da fundação até o Carnaval de 1998, a Integração teve somente um presidente: Luiz Celso Caetano Alves. Quando essa pesquisa estava se encerrando, também terminava a missão de Celso nesse mundo. Em outra dimensão, certamente, outros seres estão organizando a mais perfeita Escola de Samba do Universo e o “Nêgo Celso” deverá ser o Presidente. Para substituí-lo junto à comunidade, assumiu Telmo Eduardo Flores, que vem revelando liderança e conhecimento dos segredos do espetáculo carnavalesco.

Na Integração do Areal da Baronesa, as funções diretivas foram exercidas em parceria com a presidência e assessoradas por fundadores e amigos da Escola.

Como titulares do Departamento de Carnaval, atuaram Cleusa Astigarraga, em 1996 e 1999, e Vladimir Nunes de Sá, o "Nico", de 1997 a 1998.

Como diretores de harmonia musical, a Escola teve o grande compositor Jorge Moacir da Silva, o "Bedeu", em 1996, "Mestre Kid" (Jorge de Mattos) em 1997, e Carlos Eduardo Cunha em 1998. No Carnaval da Integração, participando das atividades de barracão e de gerenciamento do Carnaval, esteve, até 1997, Juarez Silva Machado, um dos seus fundadores. Em 1999, Jorge de Mattos, o "Kid", atuou na função de diretor de harmonia musical.

À frente da bateria da Escola, Hilton Roberto Gonçalves recebeu o **1º prêmio do quesito em 1996**. Marcelo Soares Silveira, o "Marcelinho" (outra "cria" de Mestre Nilton), dirigiu a bateria nos dois anos seguintes. Mestre Hilton retornou ao comando dos ritmistas em 1999, trazendo nota máxima ao quesito.

Os modelos de fantasia do desfile de **1996** foram desenhados pela dupla Rosane Lopes de Almeida e Luiz Mauro Barbosa, premiados com o **1º lugar do quesito**. Erson Paulo Trindade Pereira, o "Paulinho", fez os figurinos em 1997 e em 1998. Guaraci Feijó, estrela maior do Carnaval de Porto Alegre, desenhou os modelos de 1999.

Porta-estandarte de talento, revelada nos anos noventa, Xênia Astigarraga desfilou de 1996 a 1999, revelando paixão pela Escola e dedicação ao trabalho.

Na função de passistas, a Escola apresentou Alexandra Cristaldo, **1º prêmio no destaque em 1996**. João Carlos e Simone da Silva Ribeiro desfilaram em 1997. No ano seguinte, Simone desfilou novamente, tendo Cristiano Mata Soares como par. Em 1999, permaneceu o passista Cristiano, apresentando seu trabalho ao lado de Kelen Cristina.

A bandeira "cor de maravilha" foi apresentada por Marzo Vargas dos Santos e Letícia Astigarraga, de 1996 a 1997. No ano de 1998, Silvio Luiz Godinho foi o mestre-sala e Guacira Godinho a porta-bandeira da Areal da Baronesa. No Carnaval de 1999, a Integração do Areal da Baronesa revelou, em seu desfile, dois novos talentos: o mestre-sala Emil Antônio da Silva e a porta-bandeira Raquel Pereira da Silva.

Temas de Enredo

“MUAMBA” – FALSO OU VERDADEIRO, O QUE ELES NÃO FAZEM PRA GANHAR DINHEIRO (conta as aventuras dos “sacoleiros” que fazem compras em Miami e Ciudad Del Este) – Autores: Jorge Alberto Souza, Sérgio Peixoto e Juarez Silva Machado.

“...homenagem aos sacoleiros ou muambeiros, grupo excluído do mercado de trabalho e que recorre à economia informal como única forma de sobrevivência...submetidos à sorte, tendo de pagar taxas extras para manter consigo as mercadorias compradas com sacrifício...noites mal dormidas pelas estradas da vida...”

JOÃO CÂNDIDO, O ALMIRANTE NEGRO (homenagem ao marinheiro gaúcho João Cândido, que liderou a “Revolta da Chibata”, no Rio de Janeiro, buscando melhores condições de vida para os homens do mar) – Autores: Juarez Silva Machado e Jaime Santos.

“...João Cândido, o líder da revolta, foi o primeiro marinheiro no mundo a comandar uma esquadra. Mesmo assim, abriu mão da farda de almirante, mantendo a sua veste branca, de praça, cujos complementos eram um lenço vermelho amarrado ao pescoço, um apito e uma velha espada de abordagem...”

A MÁGICA SEDUÇÃO DO DIA DA ALEGRIA – O DOMINGO (tudo o que o brasileiro costuma fazer no domingo é contado através do tema-de-enredo) – Autor: Jorge Alberto Souza.

“... No sétimo dia, Deus precisou descansar e criou o domingo, o dia da alegria...”

BATE TAMBOR NESSA ÁFRICA CHAMADA BAHIA (aborda a influência africana na cultura brasileira, em especial na Bahia) – Autores: Guaraci Feijó e Luiz Mauro.

“... Negros, índios e brancos formaram, juntos, a cultura e o folclore brasileiro, em especial na Bahia. Mas foram os negros, com sua manifestação de pura arte, que tomaram o lugar de destaque. Hoje, a Bahia mostra ao mundo a influência negra dos seus projetos culturais e o ritmo litúrgico vibrante dos afoxés...”

Os Comanches

A mais antiga das Tribos Carnavalescas que desfila no Carnaval de Porto Alegre até os dias de hoje, foi fundada em 10 de outubro de 1959. É Doutora em Carnaval, por ter obtido cinco campeonatos consecutivos na década de oitenta. Com sede no bairro Partenon, mais propriamente no morro São José, berço de grandes artistas do Carnaval, a “Taba de Urupá”, na rua Borborema, 979, é local onde sempre se ouve boa música e se come bom churrasco, sendo os visitantes recebidos com fraternidade e alegria. É ali que se executam, durante todo o ano, as atividades relativas aos desfiles, inclusive a confecção de alegorias e adereços. A “taba” dos índios comanches mantém suas portas abertas, sempre com a finalidade de renovar-se, crescer e manter as tradições do nosso Carnaval.

Para o bairro Partenon, a quadra da Tribo Os Comanches é mais do que reduto de “índios” do Carnaval. É local de reunião, de encontro entre amigos, todos os dias. Cercada por habitações modestas, a “Taba de Urupá” representa, para muitos moradores da região, a única opção de lazer e diversão. Os Comanches utiliza a cultura carnavalesca para se aproximar do povo da cidade, cumprindo sua função sócio-cultural.

A Tribo tem como símbolo a face de um índio comanche e suas cores são amarela, vermelha e branca. Sua colocação nos desfiles, a partir de 1990, demonstra que a Direção da Tribo reformulou seus objetivos, aboliu o improviso e passou a planejar e a executar para competir e ganhar. A considerável perda de 46 pontos no desfile de 1995, por atraso na concentração e na apresentação do estandarte, serviu como alerta para uma tomada de posição mais consciente frente ao importante papel que a Tribo Carnavalesca representa para a tradição cultural da cidade. Nos anos seguintes, o visual apresentado nos desfiles revela interesse pela pesquisa, adequação tanto à história real quanto às lendas indígenas e, acima de tudo, profissionalismo como requisito essencial ao Carnaval-espetáculo. Embora careça de maior número de componentes, pode-se dizer que, no final dos anos noventa, mesmo com o último lugar em 1999, Os Comanches é a Tribo Carnavalesca que melhor representa a tradição do Carnaval “indígena” de Porto Alegre.

Ano	Colocação
1990	2º lugar
1991	2º lugar
1992	1º lugar
1993	1º lugar
1994	2º lugar
1995	3º lugar
1996	2º lugar
1997	1º lugar
1998	1º lugar
1999	3º lugar

Desde 1990 aos dias atuais, o “cacique Itaúna”, Valdir de Souza Ribeiro, tem sido o presidente da Tribo Carnavalesca Os Comanches, assessorado na direção de Carnaval pela incansável Georgina Fernandes Ribeiro, que também representa a Tribo junto à AECPARS. Outros membros atuantes da Tribo são Inaihá Silva Prado, a “tia Naiá”, sempre presente nas atividades da taba, Rogério dos Santos Jochims, ex-bandeirista de talento e vice-presidente nos últimos anos da década, e Nelsindo Mendonça, o Chim, que já deu sua voz à encenação de muitos desfiles. Também tem sido importante a colaboração de Ubirajara Franco de Oliveira, o Bira da Restinga, também conhecido como “Gadanha”, de cuja arte nascem os cocares que vêm enfeitando as cabeças dos guerreiros e guerreiras comanches.

A harmonia musical da Tribo, nos últimos anos, contou com a participação qualificada de Altair Barbosa Pontes, **1º lugar em 1998**, e a colaboração ímpar de João Guaraci Barbosa Pontes, o conhecido João Aruanda, diretor da Imperadores do Samba. Em 1999, a direção de harmonia coube a Valmir dos Quadros Fortes. O cavaco de Charles Lenhonat abrilhantou muitos dos desfiles durante o período 1990-1999.

Na bateria, Os Comanches revelou grandes talentos, como Dico (Nevaldir Lima da Silva), de 1990 a 1995, **campeão em 1992, 1993 e em 1995**. Também diretor de bateria campeão foi Nilton Paulo Lima da Silva, em 1996. Cláudio Machado dos Santos, o Camisa, regeu a bateria de 1997 a 1999, tendo obtido o **1º prêmio em 1998**.

O figurino da Tribo Os Comanches foi assinado por vários

talentos, entre os quais Eugênio Silva de Alencar, o Paraquedas, **1º lugar em 1991 e 1992**. Nilton Mendonça foi o figurinista que obteve o **1º lugar em 1993 e em 1995**, desenhando também em 1994. Jurema Silva teve seu figurino premiado com o **1º lugar em 1996**. Sérgio Pinto desenhou os modelos em 1997. Em **1998**, a Tribo recebeu o **1º lugar** com o figurino de Claudinho (Luiz Cláudio Fernandes, conhecido como mestre-sala da Estação Primeira da Figueira), que desenhou os modelos também em 1999.

Até 1993, a função de porta-estandarte foi exercida por um homem, Eli Bispo Lima Filho, **campeão em 1991**. Marlene Silva Machado, Nair Nunes, Sandra Maia e Rosane Brito Silva carregaram o estandarte da tribo nos anos seguintes. Em **1998**, coube a Karen de Oliveira Claro o **1º lugar** entre as porta-estandartes das Tribos Carnavalescas. Karen voltou à função em 1999.

Bailarinos e bailarinas de destaque emprestaram seu brilho à dança tribal, entre eles João Roberto Chagas Martins e Rosane da Silva Ribeiro, que retornaria à função em 1999, **1º lugar em 1991**. Oscar e Guiomar Alves desfilaram em **1993** (quando Oscar obteve o **1º prêmio no destaque**) e em 1994. Em 1995 e 1996, Marco Antônio Marques Nunes - **1º lugar em 1995** - e Vânia Farias foram os destaques nesse quesito, tendo Vânia sido **campeã em 1995 e em 1996**. Vânia foi também bailarina em 1997, ao lado de Sepé Tiaraju. Em 1998, desfilaram Paulo Almeida e Greice Pedroso. Eli Bispo Lima Filho, porta-estandarte premiado em desfiles anteriores, foi o responsável pela função de bailarino em **1999**, ao lado de Rosane da Silva Ribeiro, tendo o casal recebido o **1º lugar no destaque**.

No quesito mais original das Tribos Carnavalescas, a de bandeirista, Os Comanches apresentou grandes artistas de avenida: Paulo Virgílio, em 1990, Carlos Alberto Gonçalves da Silva, em **1991** (com o **1º lugar**) e 1992 e Clóvis Alberto Rosa, com o **1º lugar em 1993**. Em 1994, a bandeira foi apresentada pelo saudoso Delamar Custódio dos Santos, considerado o bandeirista mais competente na história moderna das Tribos Carnavalescas, irmão do também "índio comanche" Cláudio Barulho. José Laurentino carregou a bandeira da Tribo em 1995. Nos anos de 1997 e 1998, retornando à Tribo, Clóvis Alberto Rosa vem mostrando seu talento como malabarista da bandeira, obtendo o **primeiro prêmio em 1998**. Clóvis desfilou também em 1999, com seu indiscutível talento prejudicado por três caciques que

insistiram em ocupar seu espaço durante a evolução da Tribo.

Muitos carnavalescos são “comanches” por escolha e paixão. Entre eles, os intérpretes Carlos Medina (Nuvem Cinzenta), Cláudio Barulho (Poty-Guaçu) e Paulo da Silva Dias, o “Jajá (Nuvem Negra), o diretor de harmonia “João Aruanda” (Jurataí) e o músico Morency Teixeira, o “Moura do Cavaco”. Sandra Maia é “Vitória-Régia”, nome escolhido por seu padrinho Cláudio Barulho. O consagrado carnavalesco Álvaro Machado é “Tibiriçá”, Delmar Barbosa Pavão é “Itaguaçu” e José Estrada, destaque de fantasia em muitos desfiles de Carnaval, é “Tabaína”.

O objetivo de preservar e divulgar a cultura indígena brasileira nem sempre é atingido através da manifestação das Tribos Carnavalescas. Nos últimos anos da década de noventa, Os Comanches tem primado por apresentar temas-de-enredo baseados em pesquisa criteriosa, cujos títulos e conteúdos exprimem com veracidade as tradições dos índios do Brasil. de 1990 a 1991, foram os seguintes os temas-de-enredo que a Tribo Carnavalesca Os Comanches desfilou pela avenida do Carnaval:

Temas de Enredo

1990 - A FESTA QUE NÃO ACABOU (um encontro entre comanches e kaingangues para expor a cultura das duas tribos) – Autores: Guarajara Santos Souza (Garoto do Trombone) e Sandra Rita da Silva.

“... foi nesse encontro que resolveram realizar uma exposição dos seus trabalhos de arte, levando a cultura indígena ao povo branco para mostrar que ela ainda continua...”

1991 - TEMA PARA JANANÇAI (lenda sobre a disputa pela índia da tribo caxinauã, Janançaí, entre os guerreiros Tupã-Gê e Xeremoré) – Pesquisa de Eugenio Silva de Alencar - 1º lugar.

“... Contam velhos índios na beira da estrada que, há muitas e muitas luas, existia na grande tribo dos Caxinauãs uma linda caçara de nome Janançaí, filha do cacique... Ao ver Janançaí, Tupã-Gê compreendeu ser ela a força cósmica que sempre buscara... Vendo Xeremoré a fragilidade de Tupã-Gê para a luta, desafia-o para lutar até a morte...”

1992 - A FESTA DA MOÇA NOVA (sobre o ritual praticado pela nação tucuna, durante a apresentação das índias virgens à tribo) – Autor

não referido.

"...Então chega o dia da festa e os pais retiram as meninas da reclusão, acompanhadas das conselheiras. Vestidas com penas coloridas, elas voltam ao convívio da tribo, escolhendo seus maridos... a tribo tucuna faz uma festa que dura três dias, com muita comida e bebida, cantos e danças..."

1993 - A LENDA DE CANAÃ (lenda de um menino índio do Planalto Central, morto por conquistadores portugueses) – Autor: Nelsindo Mendonça – 1º lugar

"...Açay-açu nadava no rio quando uma enorme sucuri a envolveu em abraço mortal, cuja pressão provocou o nascimento da criança que esperava. O movimento brusco da cobra provocou ondas que transportaram o curumim até a margem... foi levado para a aldeia e criado por seu pai, que o chamou de Canaã, o protegido de Iara, dedicando-lhe muito afeto..."

1994 - SÓ OS MORTOS NÃO REGRESSAM (homenagem às tribos africanas escravizadas no Brasil, cujo maior sonho era retornar à África) – Autor: Nelsindo Mendonça.

"... os comancheiros são homens brancos que fazem comércio com os índios. Eles vão receber muito ouro para levá-los até um navio que os conduzirá de volta à África... E assim aconteceu. Três anos após, estavam de volta... Omobutu e seus homens chegaram no dia da festa aos orixás, como Mabu Tobomi previra..."

1995 - OIANA – POVO DE PENA BRANCA (uma lenda da tribo oiana, que vive ao norte do Brasil e ao sul da Guiana Francesa) – Autor: Eugênio Silva de Alencar.

"...Falou então Pena Branca ao seu povo que ali eles acampariam, que ali eles construiriam suas ocas e viveriam para sempre, pois ali era o território Oiana, prometido por Tupã..."

1996 - ESTA TERRA JÁ TEM DONO (sobre os índios guaranis do Rio Grande do Sul que viveram nos Sete Povos das Missões) – Autor: Álvaro Machado.

"Era Sepé Tiaraju, o grande guerreiro, que mais tarde viria guiar seu povo à luta pela liberdade, com a proteção de Tupã. Conseguiu fazer ecoar por todo o Rio Grande seu grito de guerra e de libertação do povo

guarani: - Essa terra já tem dono!"

1997 - **UMA HISTÓRIA DE AMOR NA TERRA DAS GRANDES QUEDAS (lenda kaigangue sobre o surgimento das cataratas do rio Iguaçu) – Autor: Álvaro Machado – 1º lugar**

...furioso, M'Boy penetrou nas entranhas da terra e, retorcendo o corpo, produziu enorme fenda, que formou gigantesca cascata. A canoa dos jovens foi completamente envolvida pelas águas, fazendo com que os fugitivos caíssem de grande altura. Durante a queda, Tarobá foi transformado em palmeira e Naipi em uma rocha...

1998 - **DO ALTO, DOS RIOS, DOS VENTOS – COMANCHES NA TERRA DAS ÁGUAS QUE SOBEM (visita dos comanches às tribos habitantes do Pantanal) – Autor: Álvaro Machado – 1º lugar.**

"...Os terenas eram conhecidos como filhos do vento, já que seu surgimento deu-se pela ação de um espírito das selvas, chamado Xaraé que, durante uma tempestade, espalhou brotos de ipê que floresceram gerando os terenas... O canto dos tuiuius, a força dos jacarés, a dança dos bugios nas árvores, o vôo dos tucanos e a altivez dos povos que domaram a natureza os tornaram os primitivos donos das terras das águas que sobem."

1999 - **O TRISTE FIM DOS IBIRAIARAS EM CAMPOS DE NEVE – (uma lenda brasileira sobre a origem do pinhão) – Autores: Delmar Barbosa Pavão e Paulo da Silva Dias (Jajá)**

"... a colheita do pinhão era perigosa, pois motivava a ira do deus Guanu. Porém, os ibiraiaras continuavam a colheita para se alimentar durante os invernos rigorosos. Nos campos cobertos de neve, o espírito de Guanu vagava em busca dos pedaços do corpo, separados por Tupã..."

Os Tapuias

A mais jovem das Tribos Carnavalescas foi fundada em 19 de abril de 1963, no Dia do Índio. Os Tapuias tem sua sede (a "Taba de Quixapaí") localizada à avenida Princesa Isabel, 151. Suas cores são azul, amarela e branca. Um índio guarani, na posição de costas no solo, com arco e flecha erguidos na caça às aves, é o símbolo da Tribo.

Alternando com Os Comanches a obtenção da primeira colocação dos desfiles, a Tribo Carnavalesca Os Tapuias foi campeã por quatro vezes no período 1990-1999. Pode-se verificar que o desempenho dessa Tribo é o mais estável dentre as três que ainda resistem à modernidade do Carnaval. Sua sede, como a "taba" comanche, também está aberta durante todo o ano, reunindo carnavalescos da própria Tribo e das Escolas de Samba.

Analisando o período pesquisado, verifica-se que Os Tapuias obteve sucesso, sofreu algumas derrotas, recuperou-se em 1994 e 1995 e perdeu os últimos desfiles por não ter mantido a característica de Tribo que tanto empolgou o público da arquibancada. Cabe aos seus dirigentes uma reflexão e uma escolha: adequar a entidade carnavalesca às exigências dos desfiles competitivos, mantendo a tradição de reverenciar o povo e a cultura indígenas, ou desfilar somente nas manifestações participativas. O povo do Carnaval pôde verificar, em 1999, a reformulação que trouxe o 2º lugar à Tribo.

Ano	Colocação
1990	1º lugar
1991	1º lugar
1992	2º lugar
1993	3º lugar
1994	1º lugar
1995	1º lugar
1996	3º lugar
1997	2º lugar
1998	2º lugar
1999	2º lugar

Nestor Maria Barbosa é o mais conhecido presidente da Tribo, “Índio” atuante que cultiva as tradições carnavalescas de Porto Alegre. Exerceu o cargo de 1994 a 1997. Araci Pedro da Silva, em 1990 e 1993, e Delmar Ubirajara Rodrigues de Campos, em 1991, ocuparam a presidência. Em 1998, Os Tapuias foi presidida por Astrogildo da Silva Nunes e, em 1999, por Ivo Jerônimo Peres.

Na direção de Carnaval, a Tribo teve Paulo da Silva Dias, o “Jajá”, em 1993, José Emílio Lima em 1994, José Maria de Oliveira em 1995, Nilton Mendonça em 1996 e 1997, e, em 1998, contou com o trabalho de Genésio Conceição Lima. Em 1999, Os Tapuias teve o trabalho qualificado do conhecido Getúlio Assis Brasil da Rosa, bailarino de grandes apresentações, atuando como diretor de Carnaval.

Na harmonia, 1993 foi o ano de José Negrinho e 1994 o de Euclides Ribeiro. De 1995 até 1998, João Geraldo Oliveira de Souza vem atuando na direção musical da Tribo Os Tapuias. Em 1999, Adão Feijó exerceu as funções de diretor de harmonia.

Por várias vezes premiada, a bateria que ensaia na “Taba de Quixapai” teve, em **1990**, André Almeida (**1º lugar**), e, em **1991**, Natalício dos Santos (**1º lugar**) como diretores. Em 1992, Gilson Valêncio Mendonça comandou os ritmistas “tapuias”. O mais conhecido do povo do Carnaval é Nilton Paulo Lima da Silva, o “Niti”, diretor da bateria em 1993 e **1994**, sendo **campeão** neste último ano. Roberto Soares em 1995, Luiz Alberto da Silva em 1996 e José Emílio Conceição Lima em 1997, foram os responsáveis pelo ritmo dos índios “tapuias”. Em 1999, Jorge Derli Fontoura foi o diretor de bateria.

Nilton Mendonça desenhou os figurinos da Tribo em **1990 (1º lugar)**, em 1992 e em 1996. No ano de 1991, o presidente Bira Campos acumulou as funções de figurinista e, em 1993, Paulo da Silva Dias, o “Jajá”, mostrou que intérprete também pode executar o figurino. A Tribo Carnavalesca Os Tapuias levou para a avenida, as fantasias desenhadas por Roberto Marques da Silva, **1º lugar em 1994**, por Adão Ivor Rodrigues em 1995 e por J. Altair em 1998. Para o desfile de 1999, a Tribo contou com o talento de Getúlio Assis Brasil da Rosa no desenho dos seus figurinos.

Como porta-estandarte de Tribo Carnavalesca, Neusa Machado é a mais famosa, carregando o símbolo tapuia e apresentando os integrantes da Tribo de 1990 a 1996, e obtendo o **primeiro prêmio**

em 1990, 1992, 1993, 1994 e 1995. Alvo de críticas e brincadeiras de alguns “carnavalescos” que ridicularizam o trabalho das Tribos, Neusa nunca permitiu que esses fatores prejudicassem seu desempenho. Ela é competente no que faz, mostrando, na avenida, um dos mais belos estandartes confeccionados para Tribos Carnavalescas, em veludo negro, com a efígie de um índio tapuia à frente e uma onça bordada na parte posterior. O povo do Carnaval deve homenagem a Neusa Machado por seu trabalho, sempre correto na função de apresentar o símbolo da sua Tribo e adequado em fantasia. É graças a pessoas como ela que a tradição dos desfiles de Tribos Carnavalescas ainda se mantém no Carnaval de Porto Alegre. Em 1998 e em 1999, Os Tapuias trouxe Rosane Britto Silva na função consagrada por Neusa Machado.

Os bailarinos da Tribo foram campeões várias vezes nos desfiles do período 1990-1999. Em 1990, obteve o **1º lugar** o bailarino Getúlio Assis Brasil da Rosa (que, mais tarde, se integraria à Tribo Os Guaianazes). Em 1992, Jorge Alves foi o **melhor da avenida** e, em 1994, José Emílio Lima recebeu o troféu de **1º lugar**. Outros destaques na função foram João Roberto Chagas Martins, em 1993, e Eli Bispo Lima Filho (ex-porta-estandarte da Tribo Os Comanches) em 1995 (**1º lugar**), 1996 e 1998. As bailarinas também deram vários prêmios à “Taba de Quixapáí”: Andréa da Rosa, **campeã em 1991**, Carmem Jussara Lima, **1º lugar em 1994 e em 1995**, e Kelly Cristina dos Santos Pinto, a **melhor bailarina de 1998**. De 1992 a 1993, Noeli da Silva Leal exerceu a função na Tribo Os Tapuias. Em 1999, os bailarinos tapuias foram Carlos Alberto da Silva Oliveira e Luiza Vanda Trindade Souza.

Aulê da Silva é o bandeirista mais conhecido dentre os que levaram a bandeira da Tribo, desfilando em 1990, 1992 (com o **1º lugar**), de 1993 a 1996 (com o **1º lugar em 1995**) e em 1998. Outros bandeiristas que marcaram sua passagem na avenida, representando Os Tapuias, foram Alcides da Silva em 1991 e Clóvis Alberto da Rosa (**1º lugar em 1992**). Em 1999, Os Tapuias inovou, trazendo para o desfile uma mulher na função de bandeirista: Nara Verlaine Luciano dos Santos.

Temas de Enredo

Na pesquisa e na apresentação, os temas-de-enredo da Tribo Carnavalesca Os Tapuias comete alguns equívocos na década de noventa, como a temática norte-americana no enredo de 1990 e uma “criação” não fundamentada da cultura africana, em 1992. Nos últimos desfiles da década, observa-se maior cuidado na escolha e as lendas brasileiras são privilegiadas.

1990 - ENTERREM MEU CORAÇÃO NA CURVA DO RIO (baseada em “best-seller” norte-americano, a história de um índio navajo que dedicou sua vida a lutar pela liberdade dos pele-vermelhas) – Autor: Nilton Mendonça - 1º lugar.

“...sentindo a vida extinguir-se, reuniu seu povo e falou: - Manitu nos criou livres, vagando pelas planícies e desbravando os horizontes. Carapálida nos força a viver neste pequeno e árido pedaço de terra, limitando nossos passos e racionando nosso alimento...”

1991 - TUPÃ CRIOU SEU FILHO NESTA TERRA (lenda sobre uma tribo comandada pelo cacique Urutanga, que disputa com o guerreiro Urutau o amor de Janaína, mas se apaixona por Tamirém) – Autores: Nilton Mendonça e Sílvio Mendonça.

“...Na disputa, Urutau demonstrou habilidade, coragem e sabedoria, cumprindo as tarefas corretamente. Ururaca, durante a peleja, tentou trapacear e, mesmo assim, foi perdedor. Convencidos de que Urutau era obra e graça de Tupã, os índios da tribo o acataram com respeito e veneração...”

1992 - TAPUIAS – DIA, NOITE E AS QUATRO ESTAÇÕES (um negro escravo conta aos índios a sua versão sobre a criação do dia e da noite, com a origem das quatro estações a partir de quatro filhos nascidos de dois príncipes africanos) – Autor: Nelsindo Mendonça - 1º lugar.

“...um feiticeiro apaixonou-se pela mais linda donzela da aldeia... entre a donzela e um bravo guerreiro havia um amor que nenhuma macumba conseguiu destruir... então, o feiticeiro transformou o guerreiro em dia e a moça em noite, para que eles nunca mais se encontrassem...”

1993 - OS VERDADEIROS DONOS DESSE PLANETA CHAMADO TERRA (relaciona os grupos indígenas à época do descobrimento do Brasil)

– **Autor: Paulo da Silva Dias (Jajá).**

“...calculam os antropólogos que, à época das descobertas, existiam na América cerca de 2.500 pequenas tribos com dialetos próprios, agrupadas em aproximadamente 60 grupos de nações. Esses diversos grupos possuíam cultura característica e diversas formas de subsistência... eram pescadores, coletores, caçadores ou agricultores...”

1994 - **A GRANDE BATALHA ENTRE TUPIS E GUARANIS (conta a batalha entre tupis e guaranis causada pela disputa da índia Bartira) – Autores: Moacir Remião e Jorge Amaro Machado - 1º lugar.**

1995 - **GERÔNIMO, O BRAVO GUERREIRO (as aventuras do lendário apache que ganhou o nome de Gerônimo e venceu inúmeras batalhas contra os conquistadores europeus) – Autor: Moacir Remião (Bonzo).**

“...entregando-se sem qualquer resistência ao exército americano, Gerônimo evitou a maior carnificina da história dos povos indígenas...a rendição de um único guerreiro, líder de uma nação de bravos, é símbolo da resistência dos donos da terra contra os invasores...”

1996 - **O GUARANI (baseado no romance de José de Alencar) – Autores: Nilton Mendonça e Nelcindo Mendonça.**

“Ceci acorda , recosta a cabeça no ombro de Peri e diz: - Ao teu lado, eu não temo a morte. A tranqüilidade do momento é quebrada por uma violenta tormenta que a tudo inunda. Com grande esforço, Peri arranca do solo uma palmeira, sobre cujas folhas flutua abraçado a Ceci. Prova de que o amor transcende à tragédia.”

1997 - **UM BELO SACRIFÍCIO AOS DEUSES PARA SALVAR UMA GRANDE NAÇÃO (história imaginária sobre o encontro dos tapuias com os índios peruanos) – Autor: Mano Brum.**

...Cacobé disse que os deuses somente ficariam apaziguados se os incas lhes entregassem o mais belo dos machigangas juntamente com a mais linda das virgens tapuias. Os dois deveriam ser lançados na torrente durante uma cerimônia religiosa...

O casal foi vestido com os mais lindos adornos, enquanto o cântico de morte subia aos céus. Invocando o perdão dos deuses, o cacique tapuia os abençoou, lançando-os nas águas fervilhantes...”

1998 - **FESTA DA CERÂMICA DOS ÍNDIOS CARAJÁS – (apresentação**

dos mercados artesanais e da cultura dos índios carajás) - Autor: J. Altair.

“...Os seres que se movimentam sob as águas não afugentam os peixes. Baseado nesse princípio, Pinavaçu mergulhava no rio e agarrava-se ao dorso dos peixes...”

1999 - OS OLHOS DE SARUÃ (lenda do guaraná) – Autor: Getúlio Assis Brasil da Rosa

“Tupã escutou tantos lamentos que, ali onde o menino foi enterrado, fez crescer uma planta milagrosa, cujos frutos eram iguais aos olhos de Saruã, doces e negros...”

Os Guaianazes

Fundada em 30 de dezembro de 1959, quase tão antiga quanto Os Comaches, a Tribo Carnavalesca Os Guaianazes tem sua sede à rua Damasco, 187, no bairro Medianeira. Identificada com a família Bartochak, Os Guaianazes escolheu as cores azul, vermelha, amarela e branca.

Nos desfiles do período 1990-1999, a Tribo obteve colocações que, obrigatoriamente, deveriam levar a uma reflexão sobre sua estrutura. O terceiro lugar obtido na maioria dos desfiles durante a década de noventa, significa última colocação entre as tribos que restam aos nossos desfiles oficiais. E, em dez anos, Os Guaianazes foi classificada em última posição por cinco vezes, obtendo apenas dois campeonatos (1996 e 1999). O campeonato de 1996 foi obtido com a repetição de um tema-de-enredo e de um hino que já haviam concorrido em 1991 e merecido, então, o último lugar.

A Direção da Tribo Os Guaianazes, com certeza, refletiu sobre os destinos de sua entidade carnavalesca, adaptando-a aos novos tempos, buscando colaboradores capazes, sempre dentro dos objetivos que justificam a existência histórica de Tribos nos desfiles do Carnaval de Porto Alegre. Como resultado, obteve o indiscutível 1º lugar em 1999.

Ano	Colocação
1990	3º lugar
1991	3º lugar
1992	3º lugar
1993	2º lugar
1994	3º lugar
1995	2º lugar
1996	1º lugar
1997	3º lugar
1998	3º lugar
1999	1º lugar

Nos últimos dez anos, Os Guaianazes teve em sua presidência, alternadamente, José Mário Bartochak, o "índio" mais conhecido da Tribo, e seu filho José Ceslavo dos Santos Bartochak. Foram componentes atuantes Getúlio Assis Brasil da Rosa e Valdir Simeão de Mello, que se

transferiram, no final da década, para a Tribo Os Tapuias. Ênio Moisés Silveira (Patinete) e Roberto Santos deram sua contribuição como diretores de Carnaval, tendo Carlinhos Santos e Adão Feijó desempenhado as funções de diretor de harmonia. Evaristo dos Santos foi o responsável pela função em 1999.

O conhecido "Patinete", ex-integrante da bateria da Imperadores do Samba, também atuou como diretor de bateria, função que revelou o trabalho de Remi Inácio, Carlos Alberto Santos, Jorge Derli Fontoura e Cláudio da Silva. Em **1999**, Nilton Paulo Lima da Silva foi o diretor de bateria, recebendo a premiação de "**melhor dos melhores**".

Dentre os figurinistas da Tribo Os Guaianazes também aparecem representantes da família Bartochak, através dos desenhos de Pedro, em 1990, 1996, 1998 e 1999. Adão Rodrigues desenhou as fantasias em 1994 e em 1995, Mário Daniel em 1991, Henrique Almeida Coelho Filho em 1992 e **1993 (1º lugar no quesito)**, e Getúlio Assis Brasil da Rosa em 1997.

Na função de porta-estandarte, Os Guaianazes teve Adriana de Fátima Gonçalves em 1990 e Patrícia Castro Correa em 1991. Nair Nogueira atuou durante vários desfiles, de 1992 a 1995 e em 1997. Em **1996**, Kelly Cristina dos Santos Pinto obteve o **1º lugar**. Em 1998 e em 1999, a Tribo Os Guaianazes resgatou a popularidade e a simpatia da porta-estandarte Neusa da Silva Santos Machado, campeã durante vários anos pela Tribo Carnavalesca Os Tapuias.

Tapir Vieira é o bailarino mais premiado da Tribo Carnavalesca Os Guaianazes, tendo obtido o **campeonato em 1992 e em 1996**. Getúlio Assis Brasil da Rosa deteve a função desde 1997, ganhando o **primeiro prêmio em 1998**. Em 1999, Tapir Vieira retornou à função. De 1990 a 1999, muitas bailarinas desfilaram na Tribo, como Nair Nogueira, em 1990, que viria a desempenhar também as funções de porta-estandarte, Noeli da Silva Leal em 1991 e Kelly Cristina dos Santos Pinto, de **1992 a 1993 (com o 1º lugar nos dois desfiles)** e de 1996 a 1999. Maria Conceição Santos Barbosa foi a bailarina de Os Guaianazes em **1994**, com o **1º lugar**, retornando à função em 1998.

O bandeirista mais premiado da Tribo Carnavalesca Os Guaianazes é Clóvis Henrique Garcia, que levou a bandeira de 1992, 1993, 1994, 1995 e 1996, obtendo os **campeonatos de 1992 e de 1996**, e retornando em 1998 e 1999. Carlos Alberto da Silva, o

"Betinho", foi bandeirista de 1990 a 1991 e também em 1997.

Temas de Enredo

Na proposição dos seus temas-de-enredo, a Tribo Carnavalesca Os Guaianazes, embora com o objetivo de divulgar a cultura indígena, optou por temática africana (1994 e 1997), mais apropriada a Escolas de Samba. Os desfiles de 1998 e de 1999 apresentaram temas-de-enredo que contavam lendas indígenas norte-americanas.

1990 - SOCORRO, TUPÃ (TUPÃ S.O.S.) **(a tribo pede socorro a Tupã para evitar a destruição da flora e da fauna brasileiras) – Autor não referido.**

"...e Tuíra desce ao som do batuque, lançando um pó dourado e amaldiçoando os garimpeiros..."

1991 - A LENDA DE UM BRAVO **(a história de um menino índio que Tupã trouxe novamente à vida) – Autor: José Mário Bartochak.**

"...No momento em que o pajé invocava Tupã, o vento soprou forte nas planícies e a mãe-Terra entristeceu com uma força sobrenatural, trazendo de volta à vida o querido curumim. Diz a lenda que até os dias de hoje, os descendentes dos navajos comemoram a sua volta..."

1992 - TUPÃ, O FEITICEIRO DO UNIVERSO **(afirma que a criação do Mundo é obra de Tupã, representando-o como divindade milenar das três raças – negros, brancos e índios) - Autora: Paula Naion.**

"...no início, Tupã criou o céu e depois o mar. Finalmente, a terra e depois as matas e a Lua. Mais tarde, criou o Sol para tudo aquecer..."

1993 - ARUANÃ, A DANÇA MISTERIOSA DOS CARAJÁS DA OCA SAGRADA **(conta o costume carajá de manter uma veste misteriosa na oca sagrada, destinada aos rituais religiosos) – Autores: Mário Bartochak e Valdir Simeão de Mello – 1º lugar**

"...Ozulé passou levemente a máscara sagrada no rosto de Xocundozé, fez preces e evocou o espírito dos grandes deuses que, encarnando em seu corpo, salvaram a indiazinha do grande mal..."

1994 - A DANÇA DA OCA SAGRADA **(narra a história do guerreiro zulu, Nagazoo, e de seu amor pela bela Mambaia) – Autores: José Mário Bartochak e Valdir Simeão de Mello - 1º lugar.**

"...ambos eram valentes e destemidos. Não haveria barreiras que não

ultrapassassem. A grande barreira, o desafio derradeiro, era alcançar o pico da montanha de Angaratu... Nagazoo cravou

1995 - A LENDA DE IBICUIRETÃ (uma narrativa do drama de Obirici, a índia que perdeu seu amor para outra mulher) – Autores: Valdir Simeão de Mello e Mário Bartochak – 1º lugar.

“...Obirici, cheia de medo de perder seu amado, tremeu na hora de atirar a flecha e errou. A outra, que não estava apaixonada, acertou, sendo aclamada noiva do chefe. Obirici retirou-se para junto da figueira e chorou durante toda a noite de lua cheia, formando o riacho Ibicuietã, que ligava os rios Guaíba e Gravataí...”

1996 - A VOLTA DO CURUMIM (a história do menino índio que Tupã trouxe novamente à vida) – Autor: José Mário Bartochak. (Obs.: o tema é exatamente igual àquele desenvolvido em 1991, obtendo, na época, a última colocação) – 1º lugar.

“No momento em que o pajé invocava Tupã, o vento soprou forte nas planícies e a mãe-Terra entristeceu com uma força sobrenatural, trazendo de volta à vida o querido curumim. Diz a lenda que até os dias de hoje, os descendentes dos navajos comemoram a sua volta...”

1997 - ZIMBABWÉ, A DANÇA DOS GUERREIROS DA LUZ (sobre a cultura do povo do Zimbabwé, antiga Rodésia, na África) – Autores: Getúlio Assis Brasil da Rosa e José Mário Bartochak.

...a tribo era opulenta, de gente bela e orgulhosa, extremamente fanática em suas crenças, ídolos e tradições. Povo guerreiro e conquistador, tinha nas hostes da Ordem do Falcão a maior expressão...”

1998 - GUERREIROS NAVAJOS FAZEM PRECES AO GRANDE DEUS MANITÚ (história baseada na cultura dos índios norte-americanos da tribo navajos) – Autores: Taís Juala dos Santos e Getúlio Assis Brasil.

“...A notícia espalhou dor e sofrimento a todos na aldeia. O cacique morubixaba ordenou que todos fizessem preces ao grande deus Manitu para que devolvesse a vida ao cacique... uma brisa levantou do solo, dando vida ao cacique Águia Negra...”

1999 - CANACATÚ (lenda Wayanna-apalai) – Autor: José Mário Bartochak e Nilton Mendonça

“...quando o monstro investiu contra a mãe índia, o pajé armou a lança e, com maestria, acertou o olho esquerdo de Canacatú... estremecendo, ele abre a boca, de onde saem os curumins que tinham sido devorados...” – 1º lugar.

Acadêmicos de Gravataí

Fundada em 26 de fevereiro de 1961, a Escola cujo símbolo é a onça negra, tem as cores vermelho, preto e branco. A Acadêmicos é uma das entidades carnavalescas que representa a Grande Porto Alegre nos desfiles do Carnaval Oficial. Sua quadra está situada à rua Amélia Fonseca, 31, em Gravataí.

Em 1996, a Escola realizou um Carnaval que lhe conferiu o 2º lugar e o ascenso para o Grupo Intermediário A. Já em 1997, um outro 2º lugar, desta vez contestado por grande maioria do povo carnavalesco e pela imprensa, promoveu a Escola ao Grupo Especial. O entendimento do povo foi confirmado quando, em 1998, verificou-se que Acadêmicos de Gravataí ainda não havia atingido a maturidade suficiente para competir com as chamadas grandes Escolas de Samba. Embora a Escola contasse com expressivo número de componentes e destaques de talento, um tempo maior de competição entre as Escolas de nível intermediário se fazia necessário ao aperfeiçoamento da sua harmonia geral. Melhor preparo para a competição no Grupo Especial só poderia ser adquirido com experiência e trabalho dirigido ao Carnaval-espetáculo que se realiza atualmente em Porto Alegre. Em 1999, a Acadêmicos de Gravataí, com o 1º lugar em seu Grupo, foi novamente promovida ao Grupo Especial. Agora, com equipe organizada, terá condições para manter-se junto às grandes Escolas, representando sua cidade de origem.

O quadro abaixo demonstra o desempenho da Acadêmicos de Gravataí desde 1993, quando iniciou a participação nos desfiles oficiais:

Ano	Colocação
1993	8º lugar - Grupo II
1994	4º lugar - Grupo II
1995	3º lugar - Grupo II
1996	2º lugar - Grupo Intermediário B (promovida)
1997	2º lugar - Grupo Intermediário A (promovida)
1998	7º lugar - Grupo Especial (rebaixada)
1999	1º lugar - Grupo Intermediário A (promovida)

Durante o período em que a Escola desfilou no Carnaval de Porto Alegre, de 1993 a 1999, Heitor Francisco Bittencourt exerceu o cargo de presidente.

Na Direção de Carnaval, atuaram Antônio Gomes Alves em 1993, Daniel Borges em 1994, Deoclécio Souza, atual Tesoureiro da AECPARS, de 1995 a 1997. Em 1998, uma equipe da Escola exerceu as funções da direção de Carnaval. No Carnaval de 1999, ficou demonstrada a competência de Luiz Fernando Gomes Medeiros (ex-presidente da Diplomatas de Alvorada e pesquisador do Carnaval) para o cargo.

Em 1993, o conhecido diretor de bateria “Chiquinho” (Álvaro Francisco Capelão de Oliveira), atuou na Direção de Harmonia. Este cargo foi preenchido por Luiz Vicente Fayet em 1996, por “Kako” Alves (Arnaldo Alves Fernandes) em 1997 e por Luiz Tabajara dos Santos Ortiz em 1998. De 1993 a 1998, a comando da batuta que orienta dos ritmistas da Acadêmicos de Gravataí foi de Ubirajara Barcelos Vianna, o “Birinha”. Em 1999, “Chiquinho” retornou ao comando da bateria.

O figurino da Escola foi desenhado pelo jovem e talentoso Daniel Borges durante o período 1993-1995. Em 1996, “Paulinho” (Erson Paulo Trindade Pereira) mostrou sua arte nos desfiles da Acadêmicos. Em 1997 e 1998, a função voltou a ser exercida por Daniel Borges, que foi substituído, em 1999, por Marlene Souza Costa. No mesmo ano, o carnavalesco Ronald Mauro Pinto recebeu a indicação de **“melhor dos melhores”** no quesito alegorias e adereços.

O ano de 1993 trouxe aos desfiles a porta-estandarte Cláudia Eliane. Em 1994, Berenice Pinheiro conduziu o estandarte da onça negra e, de 1995 a 1996, a função foi de Débora Teresinha Nunes. O desfile de 1997 da Acadêmicos de Gravataí trouxe Saionara Ferreira como porta-estandarte, revelando mais um talento da premiada passista do nosso Carnaval. Kátia “Cherry”, de extenso currículo carnavalesco e comprovada competência, foi a porta-estandarte da vermelho, preto e branco em 1998. Na função, em 1999, desfilou Adriana Machado Medeiros, porta-estandarte revelação dos anos noventa.

Inivalda Martins Gonçalves, a “Ada”, foi passista da Acadêmicos de Gravataí de 1993 a 1996. Seus companheiros de “samba no pé” foram, em 1993, Flávio Luiz Ferreira Simões, o “Fumaça”, em 1994 e 1995, Giovane Gonçalves e, em 1996, Roberto Moni. No desfile de 1997, a Escola trouxe como passistas Lizandro Salustiano e Silvana

Beatriz Ferreira dos Santos. Silvana permaneceu como passista em 1998, ao lado de Glaucemar Moura, o “Mano”. Em 1999, foram passistas da Acadêmicos de Gravataí, revelando seu talento, Luciano Rosa da Silva e Patrícia Pereira Fontoura.

A bandeira da Acadêmicos de Gravataí foi apresentada por Júlio César e Sílvia Maria em 1993. No ano seguinte, Márcio Souza e Carla Rosane Salazar foram mestre-sala e porta-bandeira. Carla foi a porta-bandeira também em 1995, ao lado do mestre-sala Cristiano Anselmo Barrego, o “Quitanda”, e em 1996, novamente com Márcio Souza. Em 1997, Renato Vladimir Moura e Ivana Goretti conduziram e apresentaram a bandeira da Escola, sendo substituídos, em 1998, por José Roberto dos Santos Crescêncio, o “Betinho”, e Irma Soraia Lima de Souza. “Betinho” continuou na função de mestre-sala em 1999, apresentando sua arte ao lado da porta-bandeira Nire Lima Gonçalves.

Temas de Enredo

1993 - NO PAÍS DA MARACUTAIA, FAZ O QUE EU DIGO MAS NÃO FAZ O QUE EU FAÇO (crítica a situação do país após a queda de Fernando Collor) – Autor: Heitor Bittencourt.

“...a juventude de cara pintada, toda emocionada, foi prá rua e derrubou o charlatão, o safado que ficou com nosso dinheiro... sabemos que dói, mas somos otimistas e temos esperanças...”

1994 - UM TRIBUTO À CULTURA POPULAR – MEU BRASIL BRASILEIRO (narra os festejos populares do Brasil e sua origem) – Autor: Daniel Borges.

“...no sentido da cultura não ser esquecida, revivemos fatos e lendas que marcaram nossa História, desde os tempos do descobrimento do Brasil, da descoberta das riquezas, a colonização ordenada pelo Rei de Portugal, a miscigenação...”

1995 - DE ALDEIA DOS ANJOS A GRAVATAÍ – UM TRIBUTO DA ACADÊMICOS (conta a história do município de Gravataí e salienta a importância da Escola para sua cultura) – Autores: Heitor Francisco Bittencourt e Deoclécio Souza.

“Para aproveitamento da mão-de-obra indígena, que era abundante, foi construído o primeiro moinho movido à água do Rio Grande do Sul, à beira do rio Gravataí. As centenárias fontes do Forno e da Moringa,

com esses nomes devido ao seu formato, foram de grande utilidade para o povo, que se abastecia de sua preciosa água cristalina...”

1996 - NO BALANÇO DESSE MAR, NAVEGAR É PRECISO (fala sobre a magia e a fascinação do mar) – Autora: Solange Dornelles.

“Tudo começou há vários milênios, quando o oceano surgiu, invadindo a terra, despertando nos homens o desejo das conquistas...Navegando entre ondas de tanta beleza, iniciamos a viagem...pedindo as bênçãos de Iemanjá, pois navegar é preciso...”

1997 - EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, A ACADÊMICOS NÃO METE A COLHER (satiriza a vida de um casal, com seus momentos felizes e conflituosos) – Autor: Gilson Lucena.

“...a Escola quer mostrar como se faz a união de homens e mulheres através dos tempos e provar que, sem amor, não há união verdadeira...Casado é aquele que bem vive...”

1998 - MARAVILHAS DE ATLÂNTIDA, A FANTÁSTICA ILHA DO ENCANTO (conta a história do continente perdido de Atlântida, fala de seu povo e de sua cultura lendária) – Autores: Jorge Ramos e Sérgio Peixoto.

“...Com o passar dos anos, consultando o oráculo, os sacerdotes previram grandes catástrofes, pois a boa convivência foi se degenerando, a natureza foi agredida, os recursos naturais exauriram-se devido ao mau uso... Para sobreviver, teriam que desenvolver asas para voar e guelras de peixes para viver no fundo do mar...”

1999 - DE VERMELHO, PRETO E BRANCO, A ACADÊMICOS ENSABOA, ENSABOA E VAI SE ENSABOANDO (conta a história do sabão) – Pesquisa e adaptação – Luís Fernando Gomes Medeiros – **1º lugar no Grupo Intermediário A.**

“...Os óleos balsâmicos, de fato, outra coisa não eram senão um sabão em forma líquida.”

Bambas da Orgia

A mais antiga Escola de Samba do Carnaval de Porto Alegre foi fundada em 6 de maio de 1940. Seu símbolo é a águia e suas cores o azul e o branco. A nova sede, à rua Voluntários da Pátria, 1387, é o local onde dirigentes, destaques e componentes apaixonados buscam resgatar a história da Escola, imprimindo características modernas à administração.

O funcionamento de uma quadra de Escola de Samba na Voluntários da Pátria, rua discriminada pela maioria dos porto-alegrenses por ser tradicional reduto de prostituição, trouxe uma imagem positiva ao local. Bambas da Orgia, nos quatro últimos anos, vem contribuindo para quebrar o tabu, até então existente, de que a Voluntários é imprópria para o lazer das famílias da cidade. A quadra da águia poderá ser o ponto inicial para um novo espaço de cultura popular em Porto Alegre.

Na década de noventa, os resultados não favoreceram a gloriosa história de Bambas da Orgia. Durante sete anos, os avaliadores do Carnaval de Porto Alegre insistiram em classificar a Escola no 3º lugar do atual Grupo Especial, penalizando-a por razões que, nem sempre, estão relatadas nas planilhas de julgamento. Dois segundos lugares, em 1995 e em 1997, comprovam que Bambas da Orgia sempre esteve próxima do título máximo, deixando de obtê-lo por particularidades muitas vezes subjetivas, como pode ser comprovado a quem tiver acesso às notas dos julgadores. Finalmente, em 1998, chegou ao 1º lugar, dividindo-o com Imperadores do Samba. Em 1999, novamente o 3º lugar.

O quadro abaixo, embora apenas relacione cronologicamente as colocações da Escola, pode servir como base para reflexão de “bambistas” e carnavalescos em geral.

Ano	Colocação
1990	3º lugar - Grupo 1A
1991	3º lugar - Grupo 1A
1992	3º lugar - Grupo 1A
1993	3º lugar - Grupo 1A
1994	3º lugar - Grupo 1A
1995	2º lugar - Grupo 1A
1996	3º lugar - Grupo Especial
1997	2º lugar - Grupo Especial
1998	1º lugar - Grupo Especial
1999	3º lugar - Grupo Especial

De 1990 a 1992, a Escola de Samba Bambas da Orgia esteve sob a presidência de Ariovaldo Alves Paz, solista de antigos Carnavais e dedicado à Escola. Homem que fez Carnaval com talento e competência, foi considerado uma “raposa” por seus pares, pela astúcia em tomar decisões, sendo lembrado com saudade por todos os que com ele conviveram. No período 1993-1996, outro ex-solista do Carnaval comandou a Escola: Cláudio José Gonçalves Vieira, dirigente com igual capacidade e conduta extremamente política, com livre trânsito junto ao Conselho de Presidentes, atualmente exercendo as funções de Conselheiro Fiscal da AECPARS. Em 1999, Cláudio Vieira foi o Coordenador Geral do desfile, substituindo Ari Chagas Nunes. De 1997 a 2000, é presidente da Bambas da Orgia um componente de raiz, “cria da casa”, Odilon das Neves Vieira. Sua atuação tem se caracterizado por expor toda a rivalidade existente entre Bambas da Orgia e Imperadores do Samba, rivalidade essa que, se antes era administrada politicamente, com reservas, hoje é vista como fato incontestável. É em cima de um fato, anteriormente velado e hoje publicamente admitido, que Odilon Vieira gerencia o Carnaval-competição, como componente apaixonado por sua Escola.

Na direção de Carnaval da Bambas da Orgia atuaram carnavalescos de capacidade e conhecimento, como Hermes Souza em 1991, 1992 e 1995, o atual presidente Odilon Vieira em 1993, Carlos Viana dos Santos em 1994, José Ademir Santos da Silva em 1996 e 1997, e Carlos Alberto da Silva, o “Fau”, em 1998 e 1999.

Os dirigentes de Bambas da Orgia, Escola de Samba do Grupo Especial *mater* por antiguidade, têm revelado preocupação constante

com a harmonia musical. Por isso, seus diretores se destacam pela correta atuação e por ter conduzido seu trabalho de forma coerente com os objetivos da Escola. João Avelino Bittencourt, o “Camurça”, comandou a harmonia em 1993 e também em 1998, ano em que recebeu o prêmio de **“melhor dos melhores”** no quesito. Em 1994, Wilson Nei dos Santos, nosso poeta maior, orientou o trabalho musical. Em 1995, Luiz Fernando Soares de Lima, o “Meneca”, mostrou sua competência, já comprovada como intérprete. Luiz Alberto Porto Alex, em 1997, acumulou as funções de intérprete com a de responsável pela harmonia musical. Em 1999, exerceu as funções de diretor de harmonia o radialista Gustavo Adolfo Giró.

De 1990 a 1991 e de 1994 a 1996, Nilton Deoclides Pereira regeu os ritmistas de Bambas da Orgia, imprimindo sua marca e criando um estilo, seguido por muitos outros diretores de bateria. Extremamente criterioso e detalhista, Mestre Nilton introduziu na Escola o gerenciamento da bateria, conceituando-a como ala, com registro de seus componentes, manutenção adequada do instrumental, disciplina e ensaios regulares. É um dos pioneiros na organização do “Grupo Show” devidamente uniformizado e preparado para atuar durante todo o ano. A crítica atribui às suas características de regência uma rigidez semelhante à das bandas marciais, bem como a velocidade crescente na batida da surda-mestra, que conferiu um ritmo acelerado aos sambas-enredo e, conseqüentemente, aos desfiles das Escolas. No entanto, o **1º lugar** em 1990, 1992 e 1994, atribuído a Mestre Nilton por julgadores competentes e preparados, comprova que seu trabalho está adequado às exigências do quesito bateria, em andamento, execução e harmonia. “Carioca”, como é conhecido Rubens Luiz Francisco dos Santos, comandou a bateria azul e branca em 1992 e em 1993 (**1º lugar no quesito**). No ano de 1997, foi a vez de Júlio Cesar de Lucena, o “Mestre Inho”, imprimir seu estilo ao ritmo de Bambas da Orgia. Para o Carnaval de 1998 e também de 1999, a direção de Carnaval da Escola foi buscar Estêvão Renato Pereira, cujo trabalho, muitas vezes premiado, tornou-se conhecido na Estado Maior da Restinga e na Império da Zona Norte. Estêvão recebeu o **1º prêmio**, em 1999, como o melhor mestre de bateria do Grupo Especial.

Astros consagrados no desenho de figurinos para o Carnaval passaram pela Escola azul e branca. Em 1990, o polêmico Dirson Cattani, introdutor do “luxo” nos desfiles carnavalescos; em 1991, Adoniran

Ferreira, conhecido comunicador e artista gráfico. Em 1992, uma “cria da casa” que, nos anos seguintes, viria a consagrar-se como figurinista da maior rival, Imperadores do Samba - Juarez Soares de Lima, filho de Alceu Soares de Lima, fundador da Bambas da Orgia. Pompílio Freitas, conhecido estilista, em 1993, e Guaraci Feijó, reconhecido especialista em Carnaval, em 1994 (com o **1º lugar**), tiveram seu trabalho artístico traduzido no desenho das fantasias “bambistas”. Nos três anos seguintes, de 1995 a 1997, Jurema Beatriz da Silva traçou o desenho do figurino usado por destaques e componentes da Escola. Em 1998, a tarefa coube a Xico Corrêa (**1º lugar**), que já mostrara seu talento com os vários prêmios obtidos nas Escolas de Samba Estado Maior da Restinga e Os Filhos da Candinha. Em 1999, o figurino azul e branco foi responsabilidade de Jonessy Jonard Moreira Nunes.

Merece especial registro a função de porta-estandarte de Bambas da Orgia, exercida, durante o período 1990-1999, exclusivamente, por Rosalina Conceição, a “Rose”, com **1º prêmio** em 1990, 1991, 1992, 1993 e 1994. Com uma coreografia toda particular, Rosalina conquistou a simpatia e o reconhecimento do povo do Carnaval. Sua dedicação ao estandarte da águia é exemplo às mulheres que pensam em exercer a função. Presente e atuante em todos os eventos da Escola, Rose representa a correção e a dignidade de uma porta-estandarte. Rosalina é presidente do Conselho da Escola desde 1999, fato inédito na história do Carnaval brasileiro: uma porta-estandarte na ativa, exercendo cargo executivo da mais alta relevância.

Em sua longa existência como entidade carnavalesca, a Escola revelou passistas de indiscutível talento, com “samba no pé” e alma de artistas populares. Em 1990, Cláudio Machado (Gasparzinho) e Jaci Pereira (Mola). Em 1991, Paulinho e Denise Conceição (ela, no final dos anos noventa, premiada por sua atuação nos desfiles da Escola rival, Imperadores do Samba). O ano de 1992 trouxe para a avenida João Carlos dos Santos Viana (Caio) e Ana Lúcia Machado – ele, várias vezes premiado na Império da Zona Norte e na Estado Maior da Restinga; ela, “cria” da Academia de Samba Praiana e também consagrada na Estado Maior. Em 1993, um passista técnico, Fernando Ernesto Saraiva, lança nova coreografia no desfile da Bambas da Orgia, juntamente com Célia Brito. Leandro Matheus, passista lançado em 1994, quando obteve o **primeiro prêmio no destaque**, permaneceu até 1998. Para o Carnaval de 1999, foi substituído por Éverton Luiz Pereira Rodrigues.

Ao lado de Leandro Matheus, desfilaram Rosângela Aparecida da Silva, a "Pipoca", também **1º lugar em 1994**, Saionara Ferreira (campeoníssima dos anos 80) em 1995, novamente "Pipoca" em 1996 (**1º lugar**) e em 1997, e Rosângela Nascimento em 1998. Considerada por muitos analistas do Carnaval como a revelação dos anos noventa na função, a passista Rosângela Aparecida da Silva, que retornou à função em 1999, merece ser destacada quando relacionamos as estrelas carnavalescas de Porto Alegre. Utilizando coreografia técnica, ao mesmo tempo repleta de sensualidade, Rosângela cultua o samba brasileiro em todos os seus passos e gestos. Por sua qualidade, foi representante do Carnaval de Porto Alegre, em 1996, ao apresentar-se em Sanary-sûr-Mer, cidade francesa que cultua o evento tipicamente brasileiro e possui, inclusive, sua Escola de Samba, "Les Cuicas de Sanary".

Bambas da Orgia é berço, também, de talentosos casais de mestres-sala e porta-bandeiras. Em 1990 e 1991, conduziu a bandeira da águia o casal Luiz Marcelo Rodrigues (Marcelinho) e Sirlei Lopes, obtendo o **1º prêmio** nos dois desfiles. De 1992 a 1997, José Carlos Rodrigues de Oliveira (Zé Cartola) e Neli Teresinha Marques Silva foram os responsáveis pelo porte da bandeira de Bambas da Orgia, recebendo os **primeiros lugares** em 1992 e em 1994. Em 1998, retornou à Escola Luiz Marcelo Rodrigues, formando par com a premiadíssima Michele Moura Lima. O casal permaneceu no quesito até 1999, quando recebeu o prêmio de "**melhor dos melhores**". Marcelinho é merecedor de comentário especial. Unanimemente considerado "Nota 10" na função de mestre-sala, iniciou sua carreira ainda menino. Sua maior qualidade é manter-se na corte à porta-bandeira e no gestual de respeito ao símbolo da Escola, sem pretender tornar-se a figura central durante a evolução do quesito, como vem ocorrendo com um crescente número de mestres-sala. Para felicidade dos apaixonados pelo Carnaval, Bambas da Orgia trouxe Michele Moura Lima para compor, com Marcelinho, o casal principal da Escola. Michele é, indiscutivelmente, a porta-bandeira de maior talento natural já surgida nos Carnavais de Porto Alegre. Descoberta pela carnavalesca Célia Louruz, a "Nenê da Praiana", foi na verde e rosa que Michele iniciou sua gloriosa trajetória. A postura de rainha, o bailado graciosamente técnico e o respeito à bandeira já a fizeram ser aplaudida no Rio de Janeiro, centro que se arvora

em apresentar os melhores destaques no quesito Porta-bandeira e Mestre-sala.

Temas de Enredo

1990 - BAMBAS, A GLÓRIA DA MANHÃ (exaltação às primeiras horas do dia, através dos acontecimentos característicos) – Autor não referido.

“...O marcador do tempo seguiu sua caminhada, sua engrenagem marcou a chegada da madrugada. O encontro dos boêmios, os cabarés, os seresteiros, todos se encontram na confraternização da vida, da solidão...”

1991 - TRIBUTO À ÁGUIA NUM CENÁRIO AZUL E BRANCO (um vôo imaginário da águia ao Rio de Janeiro, em visita à Escola de Samba Portela, e seu retorno ao Sul) – Autor não referido.

“...Rompendo auroras, deixando as longínquas terras da Cordilheira dos Andes, gloriosa, a águia voa para o Rio de Janeiro, através dos ventos da liberdade e do amor. É vendaval de alegria, derramando raios de luz, numa viagem encantada de sonho e ilusão. Pela porta da imaginação, pousou na Portela...”

1992 - QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO (sobre a influência francesa na cultura brasileira, com a colonização do Nordeste e as lendas e costumes daí surgidos) – Autores: Juarez Soares de Lima e Carlos Eliseu Dias Mendes.

“... em um dos seus relatos, falam de um reino perdido nas profundezas do mar, todo em ouro e prata, sob o governo de uma rainha-deusa, que transformou as palmeiras em lindos candelabros para iluminar as vastas praias brancas... neste reino, escravos foram transformados em ilustres personagens e os nativos da terra em belos pássaros reais...”

1993 - AI, QUE SAUDADES QUE EU TENHO! – REMINISCÊNCIAS (retorno saudoso a antigos Carnavais, com suas características próprias e tipos humanos marcantes) – Autor: Sidnei Souza Medeiros.

“...Lua, dá-me no cálice daquela fulgurante estrela, o néctar do sonho. Sonho do tempo em que música era melodia, as fantasias eram suavidade, doçura, emoção... Farsa do Carnaval, momesco desabafo!... Mas a fonte divina que emana da alma do sambista há de saciar a sede

das futuras gerações. Depois, cinzas, fragmentos e novas esperanças... em outros Carnavais.”

1994 - POMPAS PARA IYANASSÔ AKALÁ (história de uma princesa africana, exilada na floresta amazônica, e de seu amor por Eledá Orun) – Autores: Guaraci Feijó, Mário Nienow, Sidney Medeiros e Iara Deodoro.

“...assim quis o deus de Ébano. A princesa Iyanassô Akalá veio ter ao Brasil e as aves verdes e falantes, suas súditas, deram-lhe de presente, em plena floresta amazônica, um palácio feito de esmeraldas, folheado à ouro e decorado com sua própria plumagem. Neste principado, viveriam em harmonia índios, negros e brancos, animais e os seres fantásticos da floresta...”

1995 - FESTA DE BATUQUE (homenagem aos orixás e à religião africana) – Autor: Álvaro Machado – 1º lugar no Grupo 1 A.

“O batuque é a identidade resumida da religião africana manifestada pelo povo que foi escravizado no Brasil, destacando-se aqueles das nações Gêge, Nagô, Igexá e Cabinda. O batuque em solo brasileiro possui ritual próprio, repleto de dogmas e mistérios. Tem seu apogeu em uma festa em que os filhos de determinada casa, devidamente paramentados, reúnem-se para dançar e cantar homenagens aos orixás, devidamente paramentados...”

1996 - O DELIRANTE VÔO DA ÁGUIA NAS MAGIAS E ALQUIMIAS DA CORTE DO REI ARTHUR (inspirada na obra “As Brumas de Avalon”, a história lendária da ascensão do Rei Arthur ao poder nas ilhas inglesas) – Autor: Álvaro Machado - 1º lugar no Grupo Especial.

“Esse enredo conta a trajetória de Artur, rei de toda a Bretanha (atual Inglaterra). Muito mais que uma lenda, narra e retrata a caminhada de um povo em direção à nova ordem social e religiosa. Retrata a luta da magia, herança de antigas gerações, contrapondo-se à fé cristã recém-chegada. São os Cavaleiros da Távola Redonda e as deusas da Ilha de Avalon ...”

1997 - “TÁ” TODO MUNDO LOUCO (uma sátira à loucura) – Autor: Álvaro Machado.

“...o ser humano encontra-se perdido entre o certo e o errado, o normal e a loucura, o real e o imaginário. A loucura invade as praças, amontoa-se em torno dos monumentos, dorme nas casas, divide com o homem

seu tempo. A identidade das pessoas passa a ser alterada...”

1998 - O BARÃO DE CATAS ALTAS, SENHOR DAS MINAS GERAIS (a história de João Batista de Souza Ferreira Coutinho, um dos brasileiros mais ricos que já existiu, símbolo da época do ouro no território de Minas) – Autor da pesquisa: Augusto Henrique Alves.

“...Todos os historiadores são unânimes em destacar a prodigalidade do Barão de Catas Altas e sua mania de exibição, contando, alguns deles, como o homem costumava espatifar de encontro às paredes taças do finíssimo cristal da Boêmia e como mandava colocar, nos vários quartos do palácio, penicos inteiramente feitos de ouro, alguns dos quais desapareciam nas malas dos visitantes quando estes partiam...”

1999 - A NOITE QUE SE FEZ LUZ (uma lenda karajá sobre a origem da luz) – Autor da pesquisa: Simão Assayag

“Conta a lenda que Kananciuê, depois de desencantar a luz, voltou a ser deus e retornou a Byu-e-tekê, a tenda da chuva, o céu, na forma de uma grande águia branca, simbolizando a claridade do mundo e deixando o povo karajá em festa e feliz para sempre.”

Imperatriz Dona Leopoldina

Considerada a quarta força do Carnaval de Porto Alegre, a Imperatriz Dona Leopoldina pode ser classificada, por seu desempenho na década de noventa, como a Escola de Samba com maiores possibilidades de fazer frente às campeãs Imperadores do Samba, Bambas da Orgia e Estado Maior da Restinga.

Fundada em 5 de janeiro de 1981, traz como símbolo uma coroa de imperatriz, cercada pelos louros da vitória. Suas cores são o branco, o laranja e o preto.

Com uma quadra ampla e bem construída, à rua Martin Félix Berta, 38, a Imperatriz é Escola de Samba de comunidade, com grande maioria de componentes e simpatizantes moradores na zona norte da cidade, especialmente no Jardim Leopoldina.

Mesmo reconhecendo o trabalho de Alvino da Silva Machado nos grandes desfiles da Escola em anos anteriores, temos a registrar que o Carnaval de 1999 da Imperatriz Dona Leopoldina foi o mais qualificado, em termos de espetáculo, dentre todos os demais apresentados durante a década. O grandioso show apresentado na avenida deveu-se, principalmente, à competência de Álvaro Machado, carnavalesco de indiscutível e comprovado talento, revelado ao público nos anos noventa.

Ingressando no Carnaval oficial através do Grupo Extra (atual Grupo de Acesso), a Imperatriz percorreu trajetória brilhante no período 1990-1999, classificando-se, de 1995 a 1999, entre os quatro primeiros lugares no grupo das maiores Escolas de Samba. Seu crescimento está comprovado no quadro abaixo e podemos afirmar que a Escola preenche todos os requisitos para participar, competir e obter vitórias no Carnaval-espetáculo. Apenas um alerta cabe aos atuais dirigentes: estar entre os primeiros não implica acomodação. Cada vez tornam-se mais exigentes as regras que dirigem o Carnaval de Porto Alegre. Qualquer deslize, uma falha mesmo pequena, podem significar penalização mínima em número mas decisiva para a classificação ou para o rebaixamento.

Ano	Colocação
1990	5º lugar - Grupo 1B
1991	6º lugar - Grupo 1B
1992	1º lugar - Grupo 1B (promovida)
1993	5º lugar - Grupo 1A
1994	7º lugar - Grupo 1A
1995	4º lugar - Grupo 1A
1996	4º lugar - Grupo Especial
1997	3º lugar - Grupo Especial
1998	4º lugar - Grupo Especial
1999	4º lugar - Grupo Especial

A Escola de Samba Imperatriz Dona Leopoldina teve, em sua Presidência, destacados nomes do Carnaval de Porto Alegre: em 1990, José Luiz de Souza; em 1991, Carlos Alberto Nunes Vieira; em 1992, Jacques Machado (que, embora não tenha realizado na Imperatriz os Carnavais de impacto que trouxe à avenida com a Império da Zona Norte, permanece merecendo a admiração e o respeito dos carnavalescos). Tiaraju Ricardo da Silva foi Presidente da Leopoldina em 1993 e 1994. De 1995 a 1997, o cargo foi exercido por Carlos Alberto Nunes Vieira, o “Pelé”, que gerenciou belos Carnavais da sua Escola. Victor Hugo Rodrigues Amaro assumiu a Presidência no biênio 1998-99.

A Diretoria de Carnaval foi ocupada por conhecedores dos mistérios do Carnaval: Léo Zinelli em 1993; Silvio Nunes Alves, o “Silvio Branco” em 1994; Pedro Paulo de Souza em 1995; Deoclécio Souza em 1996 e em 1997, neste ano dividindo as atribuições com Victor Hugo Amaro; Paulo Freitas e Argeu Nascente em 1998. O Carnaval de 1999 teve como diretor Edson Brum dos Santos.

Na Direção de harmonia musical, em 1993, a Imperatriz Dona Leopoldina foi representada por Léo Zinelli (acumulando com a Direção de Carnaval); em 1994, foi seu intérprete Luiz Alberto Porto, o Porto Alex, quem acumulou funções. Carlos Alberto Oliveira da Rocha, o “Cabeto”, foi diretor de harmonia musical em 1995. Porto Alex retornou à função em 1996, sendo substituído por Wilson Nei, nosso poeta maior, em 1997. Em 1999, o intérprete Luiz Alberto Porto Alex exerceu, novamente, as funções de diretor de harmonia musical.

Já reconhecida pelo público é a bateria da Leopoldina. Em 1990, à frente dos ritmistas, desfilou Adoniran Ferreira e, em 1991, Luiz Vicente Fayet, o "Negrita", que retornou à função em 1993 e 1994. O consagrado Mestre Nery "Caveira" teve passagem brilhante pela Escola em **1992**, recebendo o **1º prêmio no quesito**. De 1995 a 1999, o comando da bateria pertence ao mestre Jorge Luiz Neves Antunes, o Jorge "Tharol", talentoso no ritmo e compositor de reconhecida competência na criação de sambas-enredo.

Desde os primeiros desfiles, a Escola destacou-se por seu figurino. No período 1990-1999, seus modelos foram desenhados por artistas premiados como Adoniran Ferreira, em 1990 (acumulando com a direção de bateria), e Benedito Francisco dos Santos em 1991. Alvinho da Silva Machado, carnavalesco responsável por grandes temas-de-enredo e belos desfiles da Imperatriz, chegou à Escola em 1992, retomando seu trabalho competente de 1995 a 1998. De 1993 a 1994, o desenho dos modelos coube a José Marciano. Luiz Cláudio Fernandes, ex-mestre-sala da Estação Primeira da Figueira, desenhou o figurino de 1999.

A função de porta-estandarte da Escola foi exercida por excelentes destaques: Raquel da Silva Oliveira, **1º lugar no quesito em 1990**; Ana Cristina Peres de Oliveira, de 1991 a 1992; Sílvia Regina Silva de Sales, em 1993; a premiada Livia da Silva Campos (ex-Vila do IAPI), em 1994; e Vera Cristina Prestes Neves, em 1995. Iniciando em 1996 na função de conduzir o estandarte da coroa real, Juciane Frazzino Ferreira, a "Ju", arrebatou o **1º prêmio no destaque em 1996 e em 1997**, desfilando na função até 1999.

Como passistas da Imperatriz Dona Leopoldina, desfilaram Augusto Alencar e Índia Jaciara, em 1990. No ano seguinte, o passista foi Edson Souza Rodrigues. Paulo André Ribeiro Corrêa e Ana Paula Lopes Pereira mostraram sua arte no desfile de 1993. Em **1994**, com o **1º lugar no destaque**, Gustavo Adolfo Giró, o "Girozinho", e Anelise Dias desempenharam, com sucesso, essa função. Hamilton Silva de Moraes, o "Salsicha", foi o passista que mais se identificou com a Imperatriz na década de 90, desfilando de 1995 a 1997 e realizando belo trabalho. Na função, foi parceiro de Kizie Lins e de Helena Beatriz Fernandes Silva, a Heleninha (ex-Mocidade Independente da Lomba do Pinheiro). Em 1998, a Escola trouxe novamente Heleninha, formando par com Ewerton Rodrigues. Iverton do Nascimento e Débora Gonçalves

Marques foram os passistas da Imperatriz em 1999

A bandeira amarela e preta foi apresentada, em **1990**, por José Ademir da Silva e Solângela Borges, que receberam o **1º prêmio no quesito**. O casal retornou em **1992**, sendo novamente premiado com o **1º lugar**. No desfile de 1991, Eduardo Fernandes da Silva Júnior e Lisiane Antunes Alves foram o mestre-sala e a porta-bandeira, funções exercidas por Luiz Augusto Alencar, o "Guto", e Inajara Amorim Tejito, a "Naná", em 1993. Outro casal premiado na arte de apresentar o pavilhão de uma Escola de Samba também desfilou pela Leopoldina: Jorge Luiz Santos do Nascimento, o "Zoca", e Itanajara Dione do Nascimento, a "Ita", em **1994**, com o **1º lugar**. A porta-bandeira Cíntia Machado da Rosa, considerada uma das mais perfeitas da nova geração de destaques, iniciou seu trabalho na Escola em 1995, ao lado de Edson da Silva Garcia. De 1996 a 1998, seu mestre-sala foi Tadeu (Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira). O casal recebeu o prêmio de "**melhor dos melhores**" em **1996**. O talento de Cíntia continuou sendo mostrado no porte da bandeira durante o desfile de 1999, com a guarda de um dos mais competentes mestres-sala dos anos noventa, Alexandre Geraldo Barbosa.

Temas de Enredo

1990 - AXÉ, BRASIL! A FORÇA DAS TRÊS RAÇAS (fala da contribuição das raças negra, branca e índia à formação do povo brasileiro) – Autor: Orestes Britto Canabarro.

"... o indígena que, ainda hoje, tenta preservar da invasão os seus domínios naturais... os europeus, que foram essencialmente os conquistadores das terras até então desconhecidas... Xico Rei, Xica da Silva, Mãe Quelé, a escrava Anastácia, Ganga Zumba e Zumbi fazem parte dessa mistura que resultou em Brasil..."

1991 - SALVE, SALVE A ESPERANÇA (fala do sentimento do ser humano, à espera de dias melhores desde o ventre materno) – Autor: Benedito Francisco dos Santos (Chico).

"... a esperança bate à noite, tentando o coração. Esperança no amor... Há esperança desde o ventre materno, do pequeno ser que cresce para a vida... salve a esperança desse povo carnavalesco, sofrido e alegre..."

1992 - NÃO EXISTE PECADO ABAIXO DO EQUADOR (o tema-de-enredo

compara terras brasileiras com o Éden, o paraíso perdido pelos seres humanos) – Autora: Rosa Magalhães.

“...o paraíso existe, como provam os seus descobridores. Está maltratado e esquecido, mas precisamos lembrar que ele não pode acabar. Se somos inoperantes, precisamos de ajuda. Que venham em nossa ajuda os caiporas, as sereias, os sacis, a mãe d’água. Eles, que já guardavam o paraíso, que também continuem a nos proteger.”

1993 - MARQUÊS QUE É MARQUÊS, DO SASSARICO É FREGUÊS (apresenta a história do Marquês de Sapucaí, que dá nome à passarela do Carnaval carioca) – Autora: Rosa Magalhães.

“...Mas que marquês é esse, tão falado? Trata-se de um senhor nascido em 1793, há duzentos anos, conselheiro de Dom Pedro II... é possível que tal marquês aderisse a um bom batuque... E lá de onde estiver, o marquês assistirá aos desfiles, com ar de aprovação...”

1994 - NO AMANHECER DOS SONHOS, NEGRO É LINDO, NEGRO É REI (exaltação à raça negra, à sua cultura e à sua religiosidade) – Autor: José Marciano Cunha.

“...a beleza dessa raça, sua alegria e esperança... essa grandeza de cor, os cabelos carapinhados, os lábios grossos, o caminhar maneiro e sua dança peculiar, o gingar muito próprio... o resgate de sua cultura virá do ventre de uma grande mãe negra, que dará à luz um rei...”

1995 - IMPERATRIZ É FOGO E COM FOGO NÃO SE BRINCA (fala do fogo das paixões, do “fogo” das bebedeiras e do fogo que queima a matéria, salientando sua importância desde a pré-história) – Autor: Alvino da Silva Machado.

“São seres alados, envoltos por línguas de fogo. Seres de silhuetas esguias e sensuais, que dançam em torno da fogueira das vaidades, das paixões e das ideologias... do fogo da pré-história, no momento em que o homem aprendeu que o choque entre duas pedras produzia faíscas e chamas, até o momento em que aprendeu a dominá-lo...”

1996 - MOSTRA TUA ARTE, BRASIL (exaltação ao Movimento Modernista que resgatou nossa arte e brasilidade, através de homenagem aos artistas brasileiros) – Autor: Alvino da Silva Machado.

“Tudo começou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1922, início da Semana de Arte Moderna no Brasil, que deu origem às três noites de

Carnaval. Entendemos que temos o dever de divulgar nossa arte, abrindo nossos braços a todo o tipo de manifestação artística, respeitando todos os artistas, nos bares, nas calçadas, nas praças, nos salões e nas favelas.”

1997 - POR FAVOR, QUE HORAS SÃO? (contando a evolução do relógio, evidencia sua importância na marcação do tempo) – Autor: Alvinho Machado.

“...muito antes do homem sentir necessidade de pautar e medir o ritmo dos seus dias, o sol erguia-se e ia até o ocaso, assinalando no quadrante do céu as duas faces do tempo: o dia e a noite...”

1998 - QUE PAPEL É ESTE? (descreve a importância histórica da invenção do papel e sua utilidade através dos tempos) – Autor: Alvinho da Silva Machado.

“...E assim, o papel passou a exercer importante função no dia-a-dia, em diversos campos: na higiene... no trabalho do papelheiro... na arte... no papel que universaliza a música... na técnica do papel machê... no diploma, papel que representa cultura e conhecimento...”

1999 - A VISITA DE DONA LEOPOLDINA AO REINO DA SBORNIA (descreve a viagem fictícia da Imperatriz Dona Leopoldina ao reino imaginário, criado pelos atores Hique Gomes e Nico Nicolaiewski) – Autores: Álvaro Machado e André Machado.

“...acompanhados de Dona Leopoldina, vamos visitar essa terra, da qual um dia o poeta disse que se implantando, tudo cresce e vira sucesso...o povo sborniano vive em paz, deliciando-se com a vasta gama de possibilidades encontradas no lixo cultural do país...”

Imperadores do Samba

A Escola de Samba por seis vezes campeã de desfiles do Carnaval de Porto Alegre, no período 1990-1999, foi fundada em 19 de janeiro de 1959, na rua Joaquim Nabuco, bairro Cidade Baixa. Os dois leões africanos que guardam a coroa imperial são o símbolo da Imperadores do Samba, representando a “garra” característica dos seus componentes. Suas cores são o vermelho e o branco.

Embora muitos carnavalescos argumentem que os anos noventa têm sido os anos do sucesso da Estado Maior da Restinga, o quadro das colocações da Imperadores do Samba revela que a Escola obteve dois campeonatos a mais que sua concorrente do Grupo Especial. O que se comprova, nas pesquisas e nos resultados, é que a Estado Maior consolidou o conceito de Carnaval-espetáculo através dos seus desfiles no início da década e que a Imperadores soube aprender, crescer e obter vitórias a partir daí.

Após o sucesso de Moitará, tema-de-enredo que levou a Imperadores ao campeonato de 1990, a análise dos fatos leva a crer que houve excessiva autoconfiança e ausência de gerenciamento técnico adequado. Como resultado, a Escola recebeu um 4º e um 2º lugares que não correspondiam ao seu estágio de desenvolvimento e inaceitáveis para seus componentes. É a partir de 1993 que se observa o salto de qualidade da Imperadores, com sua adequação crescente às exigências do Carnaval competitivo. Fator de importância para o crescimento da Escola foi a mudança do local de sua quadra de ensaios, que no início da década de noventa situava-se à Avenida Ipiranga, esquina com a avenida Erico Veríssimo, para a avenida Padre Cacique, onde foi construída uma sede digna da “massa vermelha-e-branca”. Nesta quadra, a direção vem obtendo, através de eventos relacionados ou não aos aspectos culturais carnavalescos, uma receita capaz de fazer frente às despesas necessárias aos desfiles. Pode-se dizer que, dentre todas as Escolas de Samba que participam do Carnaval-espetáculo de Porto Alegre, é a Imperadores do Samba a única que pode manter-se exclusivamente com o resultado da venda dos seus produtos.

A administração centralizada em objetivos, mas participativa em tarefas, resultou em campeonatos que, por sua vez, são prêmios aos verdadeiros espetáculos carnavalescos que a Escola ofereceu ao povo do Carnaval.

Ano	Colocação
1990	1º lugar - Grupo 1A
1991	4º lugar - Grupo 1A
1992	2º lugar - Grupo 1A
1993	1º lugar - Grupo 1A
1994	2º lugar - Grupo 1A
1995	1º lugar - Grupo 1A
1996	1º lugar - Grupo Especial
1997	1º lugar - Grupo Especial
1998	1º lugar - Grupo Especial
1999	2º lugar - Grupo Especial

As atuações dos presidentes da Imperadores do Samba sempre foram marcantes por sua capacidade de liderança e pelo conhecimento de Carnaval. Em 1990, a Escola foi presidida por José Gonçalves Ananias e, de 1991 a 1992, por Saturnino Manoel da Rosa, o "Saturno".

A partir de 1993, a Imperadores passou a ser liderada por Roberto Corrêa Barros, o Betinho, componente com a "cara" da Escola que, por sua vez, imprimiu à ela um conceito próprio de Carnaval como espetáculo e competição. Hoje, Imperadores tem a "cara" de Roberto Corrêa Barros. Homem esclarecido e líder incontestado, Betinho é presidente sem deixar de ser componente, característica que o aproxima do povo vermelho e branco e, de forma mais ampla, de todo o povo do Carnaval. Méritos de sua administração são, externamente, a participação mais intensa da Escola nas decisões do Conselho de Presidentes da AECPARS e o relacionamento politicamente correto com o poder público. Internamente, qualifica-se por conduzir a Escola, de forma crescente, à perfeição técnica imprescindível ao Carnaval-espetáculo, cercando-se de artistas talentosos e diretores especialmente preparados. Sua maior realização, que supera em valores a todo e qualquer título que possa obter, será a construção da Vila Olímpica da Imperadores do Samba, no Campo da Tuca, atualmente em fase inicial. A finalidade do projeto é de apoiar socialmente, ministrar cultura e oportunizar o desenvolvimento das crianças e dos jovens oriundos de famílias de baixa renda. A exemplo da Estação Primeira da Mangueira, do Rio de Janeiro, uma Escola de Samba mostrará, em Porto Alegre, a capacidade de trabalho e a consciência de cidadania do povo carnavalesco, discriminado e marginalizado pela maioria dos cidadãos

de sua cidade. E isso, com certeza, ficaremos devendo a Roberto Corrêa Barros. Porém, sua manifestação no desfile dos campeões de 1999, criticando os resultados, provocou revolta e tristeza entre os carnavalescos de Porto Alegre. Infelizmente, o povo das arquibancadas, os dirigentes das entidades co-irmãs e os convidados especiais ouviram e não aprovaram o discurso de Roberto Corrêa Barros, que afirmou, entre outras coisas, que “no Carnaval de Porto Alegre, só ganha quem paga”, depreciando, inclusive, os quatro campeonatos anteriores obtidos por sua própria Escola. “Essa aqui, sim, é uma Escola de Samba”, foi outra afirmação do presidente da Imperadores que feriu a todos os seus pares, ao excluir do conceito as outras 26 entidades carnavalescas que abrilhantaram o Carnaval de 1999. Justamente por considerar Roberto Corrêa Barros a mais qualificada liderança surgida do povo carnavalesco na década de noventa, devemos pensar que suas palavras foram motivadas unicamente pela emoção do componente, que anulou, naquele momento, a racionalidade obrigatória ao dirigente de uma Escola de Samba.

De 1990 a 1993, Imperadores do Samba teve competentes diretores de Carnaval, entre os quais destaca-se o “temista” Sérgio Carlos Peixoto da Silva. A partir de 1994, foi oficializada a vice-presidência de Carnaval, representada, até 1999, por Elbdes Luiz Meirelles Rodrigues, o conhecido “Turco”. Suas atribuições são as mesmas dos diretores da harmonia-geral das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, pois lhe compete executar, com a aprovação da presidência, todo e qualquer trabalho que venha a resultar no desfile competitivo da Escola, distribuindo tarefas entre diversos diretores.

A direção de harmonia musical da Imperadores do Samba foi exercida, em 1994, por Luiz Carlos Amorim Borges. Desde 1995 até 1999, João Guaraci Barbosa Pontes, o consagrado “João Aruanda”, é o diretor da harmonia musical, contribuindo com sua cultura musical e talento de violonista para a conquista dos quatro campeonatos consecutivos. Também a capacidade de liderança demonstrada por “João Aruanda” faz dele representante autêntico da Escola vermelha e branca.

No período compreendido entre 1990 e 1997, Imperadores do Samba teve somente dois diretores de bateria, ambos com a competência que permite sua qualificação como “mestres”. De 1990 a 1992, Carlos Alberto de Lucena, o “Gudinho”, comprovou a tradição de um sobrenome

que honra a história do Carnaval do Rio Grande do Sul. Provou, também, que um jovem profissional pode chegar a mestre de bateria, desde que demonstre conhecimento, recebendo o **1º lugar do quesito em 1990**. “Gudinho” é talento carnavalesco que não pode estar fora do maior espetáculo popular. Com certeza, o povo das arquibancadas deseja seu retorno às grandes Escolas de Samba, o que poderá ocorrer se ele assim o desejar, refletindo sobre a necessidade de reformular idéias e posturas. A partir de 1993, Nery Soares Gonçalves, o “Nery Caveira”, trouxe seu indiscutível talento ao comando do ritmo da Escola, recebendo o **1º prêmio do Grupo Especial em 1993, 1994 e 1996**. Nery é personagem obrigatória nos compêndios que possam ser escritos sobre o Carnaval. Verdadeiro “mestre de bateria”, reúne as qualidades de músico eclético (participa em festivais nativistas e em outras manifestações da MPB) e de disciplinador, conhecendo perfeitamente cada um dos instrumentos que integram o ritmo da Escola de Samba. Em 1998 e 1999, devido a problemas de saúde que impediram a participação do “mestre” no desfile, Nery foi substituído por “Brinco” (Alessandro Mendonça da Silva) e “Gravador” (Sandro Machado dos Santos), seus dois competentes auxiliares.

A arte de desenhar fantasias foi expressa, na Imperadores do Samba, por figurinistas nota 10. Em **1990** (com o **1º lugar**) e em 1991, Juarez Soares de Lima, o “Ju”, irmão do “Meneca” e filho do Alceu, enfeitou a avenida através das fantasias dos componentes da Escola, retornando em 1993 e permanecendo na Imperadores até 1997 e saindo dela para integrar um time de estrelas em outra dimensão. Nesse período, “Ju” recebeu novamente o **1º prêmio em 1994 e em 1996**. Em **1993**, Juarez dividiu a tarefa e o **1º lugar** com Erson Paulo Trindade Pereira, o “Paulinho”, que havia sido premiado como melhor figurinista do Carnaval em 1992. Com Roni Rocco, consagrado como carnavalesco da Estado Maior da Restinga, “Ju” também dividiu as atribuições de figurinista em 1997. No ano de **1998**, Evandro Roberto da Silva Barbosa, o “Barbosinha”, oriundo da Escola de Samba Copacabana e filho de “Chiquinho do Pandeiro”, desenhou as fantasias da Imperadores do Samba, sendo premiado como **“melhor dos melhores”**. No último Carnaval do milênio, Imperadores do Samba voltou a contar com a arte de Evandro na proposição dos modelos de fantasia.

O estandarte dos leões foi conduzido, em 1990, por Rosane

Alves de Almeida. Em **1991**, coube a Paula Verônica Zylberstejn a função de porta-estandarte, sendo **1º lugar no destaque**. Mais tarde, Paula se revelaria talentosa porta-bandeira na Imperadores e em outras Escolas de Samba. Quando se fala no símbolo máximo da Escola, é o nome de Deníria Dailane da Silva Faleiro, a “Tiquita”, que se destaca nos anos noventa, pois foi dela a função de 1992 a 1999, com o **1º lugar em 1993**. Filha de Edília, consagrada porta-estandarte da Imperadores do Samba nos anos oitenta, “Tiquita” herdou da mãe não só o talento, mas também a dedicação à Escola e a técnica coreográfica necessária ao trabalho que exerce.

Na Imperadores, passista teve um nome destacado na década: Jorge Glênio de Souza Lopes, o “Gudi”. De 1990 a 1997, com o **1º lugar em 1993**, “Gudi” revolucionou o conceito desse destaque, transformando as apresentações do Grupo Show da Escola em verdadeiros espetáculos de dança, inovando em coreografia. Outros passistas mostraram, na avenida e nos ensaios, o samba da Escola: em 1991, foi a vez de “Caio”, João Carlos dos Santos Viana; em 1992, Jaime Pedrolino da Silva e, em 1998 e 1999, José Alexandre dos Santos, o “Caco”. As passistas da Imperadores também são destaque do Carnaval de Porto Alegre, fazendo história e encantando por seus passos de dança. Em 1990, Ana Lúcia Machado; em 1991, Anelise da Silva Dias; no ano de **1992**, um **1º lugar** recompensou o talento de Márcia Cristina Martins Azevedo e, em 1993, o público aplaudiu Tatiana Santos do Nascimento, a “Dendeca”, de gloriosa passagem pela Escola em anos anteriores. A partir de 1994 e até 1999, o “samba no pé” tem a beleza e a competência de Denise Calheiro da Conceição, a mulata de corpo escultural que obteve o **1º lugar no destaque em 1998**.

Alexandre Geraldo Barbosa foi mestre-sala da Imperadores do Samba de 1990 a 1998, (**1º lugar no quesito do Grupo 1 A em 1990, 1993, 1995 e melhor dos melhores em 1997**), sendo um dos poucos destaques do Carnaval que, como Rose na Bambas da Orgia e Ana Marilda Bellos na Império da Zona Norte, permaneceu durante muitos anos fiel às cores de sua Escola, evoluindo à perfeição na função que exerce. Infelizmente para o povo da vermelha-e-branca, que estava acostumado ao seu talento, e para alegria da massa carnavalesca da zona norte, Alexandre transferiu-se para a Imperatriz Dona Leopoldina em 1999. Neste ano, guardando a bandeira da Imperadores, desfilou o mestre-sala Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira, o “Tadeu”.

Cortejadas por Alexandre, de 1990 a 1998, as porta-bandeiras da Imperadores do Samba são exemplo de atuação correta e contribuíram com sua arte para a grandeza do Carnaval. De **1990 (1º lugar do quesito no Grupo 1 A)** a 1992 e retornando em **1995 (1º lugar no quesito do Grupo 1 A)**, Isabel Cristina Costa apresentou, até 1999, a bandeira dos dois leões com originalidade ímpar, sendo imbatível pela beleza que confere ao seu desempenho e recebendo o prêmio de melhor das melhores em 1997. Em **1993 (com o 1º lugar)** e 1994, depois de levar o estandarte, Paula Verônica Zylbersztein, comprovou seu talento também como porta-bandeira.

Temas de Enredo

1990 - “MOITARÁ” (desenvolve os acontecimentos que cercam o encontro entre tribos indígenas brasileiras para troca de alimentos e objetos artesanais, com seu significado social) – Autores: Sérgio Peixoto e Jaime Santos - **1º lugar no Grupo 1 A.**

“...uma visão dos vários aspectos da cultura indígena brasileira, mostrando a arte de um povo criativo e ligado às tradições. As lutas dos índios, seu crescente acultramento... Estas semelhanças e diferenças entre as sociedades indígenas as levam ao encontro chamado Moitará, um ritual de sentido econômico que favorece a confraternização...”

1991 - DA MAGIA À ALEGRIA, IMPERADORES NO UNIVERSO DA DANÇA (o tema-de-enredo apresenta a dança como manifestação dos sentimentos humanos) – Autor não referido.

“... a dança como única forma do ser humano manifestar os seus mais íntimos sentimentos e temores, suas crenças, alegrias e revoltas, na certeza do poder mágico e misterioso dos gestos

e passos... para cada sentimento, uma dança, para cada gesto um ser mais livre, voando além da imaginação...”

1992 - TEATRO DE BONECOS, ARTE POPULAR (conta a origem do teatro de bonecos e sua expansão pela arte brasileira, exaltando os bonequeiros) – Autor: Sérgio Peixoto.

“...nessa massificação, nessa força popular, os bonequeiros atingem seu auge na crítica mordaz aos costumes, à vida, à justiça, aos homens públicos, a tudo que representa o poder. E mexem, com sua arte, no

que temos de mais singelo: a arte de fazer rir...”

1993 - LUPI, PODES ENTRAR QUE A CASA É TUA (homenagem a Lupicínio Rodrigues) – Autor: Sérgio Peixoto – **1º lugar no Grupo 1 A.**

“...Lupi sempre estará em algum lugar, em algum bar, em mais uma rodada. E era necessário que aquele homem simples cantasse o drama dos simples, paixões impossíveis e fracassadas, amores em sambas nostálgicos que dessem vontade de chorar ou de beber...”

1994 - GHANDI, O GUERREIRO DA PAZ (homenagem ao pacifista indiano Mahatma Ghandi e à sua pregação contra a violência entre os povos) – Autor: Sérgio Peixoto - **1º lugar no Grupo 1 A.**

“...pretendia banhar o mundo com sabedoria, justiça e harmonia, pois acreditava que a base para a libertação da Índia e de todo o planeta passava pela água e pelo sal... em liberdade, viu seu sonho se partir, o sonho pelo qual sempre lutara, o sonho da unidade da nação...”

1995 - O FANTÁSTICO MUNDO DE MONTEIRO LOBATO (um enfoque histórico e político da obra do escritor Monteiro Lobato) – Autora: Jurema Danigno – **1º lugar no Grupo 1 A.**

...por seu engajamento na luta pelo petróleo nacional, Monteiro Lobato foi perseguido e preso. Pobre, doente e amargurado, morreu em 1921. Seus livros de literatura infanto-juvenil o tornaram eterno nos corações dos brasileiros...”

1996 - PERFUME, UM BANHO DE CHEIRO (a história do perfume, das lendas que o envolvem e da sua importância na sociedade de todos os tempos) – Autora: Vera Costa.

“O perfume, esse cheiro agradável e penetrante, nos estimula nos rituais, nas curas, no sexo e na vida. A perfumaria é uma arte e uma ciência. As matérias-primas da perfumaria têm tradição rica e romântica que atravessa os séculos da História da humanidade. Inicialmente, eram usadas apenas como oferendas para os deuses...”

1997 - IMPERADORES – SÉCULO XXI (uma visão da cultura no próximo século, com proposta de um movimento pela harmonia universal) – Autora: Neusa Teles – **1º lugar no Grupo Especial.**

“...todos saberão o que fazer e tudo se ajustará harmonicamente. O desejo de posse e riqueza será esquecido. A satisfação da emoção no Carnaval tomará conta de todos. A força e a energia virão das florestas,

dos rios e das montanhas. A verdade espiritual norteará as pessoas.”

1998 - BRASIL, MOSTRA A TUA CARA (ilustração dos momentos marcantes da formação do país e do povo brasileiro) – Autora: Iara Silva – **1º lugar no Grupo Especial.**

“...Todo esse conjunto de aspectos nos levam a pensar em uma nova ordem social. Mas como tudo na vida tem começo e final, por mais que a sociedade tente modificar os rumos da História, são eles, os tupiniquins, os eternos e verdadeiros donos desta terra chamada Brasil.”

1999 - A LENDA DO ARCO-ÍRIS (apresenta as várias lendas que explicam a existência do arco-íris) – Autor: Rony Rocco – **1º lugar no Grupo Especial.**

“...Finda a tarefa, notou Sete-Luzes que ainda sobravam muitas cores e atirou-as ao sol... Na mitologia grega... Ires, filha de Taumante e Electra, que toma as cores do arco-íris ao sol... A profecia diz que, após grandes dificuldades, os índios recuperarão seu espírito e ensinarão ao homem branco a reverência pela terra sagrada. Então, todas as raças vão se unir sob o arco-íris...”

União da Vila do IAPI

No dia 21 de março de 1980 foi fundada a Escola de Samba União da Vila do IAPI, adotando como símbolo a locomotiva da alegria e as cores vermelha, azul e branca.

Caracterizando-se por desfiles alegres e por adotar temática criativa, a Vila, como o povo a denominou, teve rápida ascensão nos anos oitenta e escreveu páginas de importância comprovada na história da cultura popular da cidade.

No período 1990-1999, embora iniciando no grupo das maiores Escolas de Samba (antigo Grupo 1 A), a União da Vila do IAPI passou por dificuldades que provocaram seu rebaixamento. No entanto, a garra dos seus dirigentes e os reforços trazidos ao Departamento de Carnaval a reconduziram ao lugar que ocupa hoje, no Grupo Especial. Sem dúvida, 1991 é o ano do desfile mais empolgante da Vila durante a década. No entanto, 1997 e 1998 revelaram uma Escola de Samba disposta a fazer o verdadeiro Carnaval-espetáculo, com coragem e talento. No desfile de 1999, a União da Vila do IAPI, única Escola do Grupo Especial a evoluir sob a forte chuva que caiu sobre a cidade no início da noite, mostrou que tem condições de continuar fazendo Carnaval de forma a fazer vibrar o povo das arquibancadas.

No quadro, o desempenho da União da Vila do IAPI no período 1990-1999.

Ano	Colocação
1990	6º lugar - Grupo 1A
1991	2º lugar - Grupo 1A
1992	6º lugar - Grupo 1A
1993	6º lugar - Grupo 1A
1994	6º lugar - Grupo 1A
1995	7º lugar - Grupo 1A
1996	8º lugar - Grupo Especial (rebaixada)
1997	4º lugar - Grupo Intermediário A
1998	2º lugar - Grupo Intermediário A (promovida)
1999	5º lugar - Grupo Especial

A Vila teve como Presidente, em 1990, Airton Guedes, o “Pingo”, de tradicional família carnavalesca. Sílvio Nunes Alves, o “Sílvio Branco”, assumiu a presidência em 1991, ano de muitas realizações e prêmios, permanecendo até 1992. É de “Sílvio Branco” o mérito de haver construído a bela quadra de ensaios da Vila, até hoje compartilhada por seus aficionados. De estilo diferenciado das demais, a quadra foi inaugurada oficialmente em 1º de dezembro de 1990 e contribuiu para o crescimento qualitativo dos Carnavais da entidade. No biênio 93-94, a Escola foi presidida por Cláudio Luiz Dias Rodrigues (ex-presidente da Academia de Samba Relâmpago nos anos 80). “Sílvio Branco” retornou à presidência em 1995, sendo substituído na função por Irineu Conceição da Silva em 1996. De 1997 a 1998, ano em que voltou ao Grupo Especial, a Vila foi presidida por Maria Lara Rosa da Silva, mulher de espírito forte e de coragem comprovada que, mesmo com recursos limitados, demonstrou capacidade de gerenciamento e consciência do papel de sua Escola no Carnaval competitivo. Em 1999, assumiu a presidência um representante da nova geração de dirigentes, Jorge Luiz Sodré dos Santos, que revelou ser conhecedor dos rumos gerenciais do Carnaval-espetáculo.

Como Diretores de Carnaval, atuaram na Escola, em 1990, Sílvio Nunes Alves (que ocuparia a Presidência no ano seguinte) e, de 1991 a 1992, o carnavalesco premiado Luiz Mauro Barbosa. No ano de 1993, Nilton Deoclides Pereira, mestre de bateria várias vezes campeão por Bambas da Orgia, ocupou a Direção de Carnaval, seguido na função, no ano seguinte, por João Carlos da Silva, o “Gago”, controversa figura da Império da Zona Norte. Cleusa Astigarraga exerceu as funções de Diretora de Carnaval em 1995. Em 1996, as atribuições da função foram divididas entre Paulo Fernando Freitas e Nilson Guedes, irmão do ex-presidente Airton Guedes. Oriundo da Diplomatas de Alvorada, Luiz Fernando Gomes Medeiros aplicou sua experiência na Direção de Carnaval em 1997, sendo substituído, em 1998, por Deoclécio Souza, atual Tesoureiro da AECPARS. Ademir Inácio da Conceição, autor do tema-de-enredo de 1999, exerceu as funções de diretor de Carnaval nesse ano, atuando de forma mais direta junto aos destaques e nos ensaios da Escola.

Grandes nomes do Carnaval de Porto Alegre comandaram a harmonia musical da União da Vila do IAPI. “Queixinho” (Édio Onofre Gonçalves) foi Diretor em 1990. Em 1991, o ano das grandes vitórias,

teve João Guaraci Pontes, o “João Aruanda”, na Direção de harmonia musical. Wilson Nei, nosso grande poeta, dividiu as atividades da função, em 1992, com o músico Jorge Roberto Nogueira Ramos, que faria o mesmo trabalho em 1995 e em 1997. Wilson Nei também retornou em 1998, trazendo a nota 10 para a harmonia musical da Vila. Gilberto Machado ocupou o cargo em 1994. No ano de 1996, foi do intérprete Roberto Costa a responsabilidade pela Direção de Harmonia. Edson Vieira, de forma competente, foi o diretor de harmonia no Carnaval de 1999, recebendo nota máxima dos julgadores.

Para realizar seu Carnaval alegre e descontraído, a Escola não descuidou da bateria, trazendo para regê-la nomes comprovadamente competentes. De 1990 a 1991, Mestre Irajá Guterres comandou o ritmo, sendo substituído, de 1992 a 1993, por Mestre Nilton Deoclides Pereira, **1º prêmio do quesito em 1992**. “Chiquinho” (Álvaro Francisco Capelão de Oliveira) esteve à frente dos ritmistas de 1994 a 1995. Em 1996, a função foi de César Augusto e, em 1997, de Renato Francisco da Silva. O desfile do ano de **1998** mostrou a capacidade de “Sarrinho” (Antônio Carlos Gomes dos Santos) à frente da bateria, justamente premiado com o **1º lugar** no quesito. “Sarrinho” permaneceu na função em 1999.

Grande parte das Tribos e das Escolas de Samba não divulga os nomes de seus carnavalescos, profissionais imprescindíveis à realização dos desfiles. Na União da Vila do IAPI, um nome merece destaque nos anos de 1997 e 1998: Dirceu R. Brum, o “Mano Brum”, maior revelação de talento carnavalesco da década de noventa. “Mano” é um artista competente e criativo, responsável pelo crescimento da Vila nos dois últimos anos e por seu retorno ao Grupo Especial. O Carnaval de Porto Alegre evoluiu com suas idéias e realizações. Ainda de forma privilegiada, pela comprovada competência do artista, a Vila contou com Guaraci Feijó na função de carnavalesco no Carnaval de 1999.

A arte de grandes figurinistas contribuiu para a trajetória da Vila. Alvinho Machado, em 1990 e em 1994, e Edmar Batista dos Santos, em 1993, desenharam as fantasias. Os anos de 1991, 1992 e 1995 mostraram o renomado talento de Guaraci Feijó no figurino, com o **1º prêmio no quesito em 1991**. Sérgio Pinto, talentoso carnavalesco e alegorista, fez os figurinos da Escola em 1996. Com a função de idealizar e revelar as fantasias com que a Vila desfilaria de 1997 a 1999, Daniel Borges mostrou sua arte de estilista. Em 1998, complementando o trabalho de Daniel, a Escola revelou o talento adolescente de Luiz

Augusto Quadros Lacerda.

Cumprindo a finalidade de Escola de Samba, a União da Vila do IAPI trouxe destaques ao Carnaval de Porto Alegre, que mostraram, no decorrer dos anos noventa, sua capacidade profissional. Na condução do estandarte, Juciane Frausino Ferreira, a "Ju", em **1990 (1º lugar no Grupo 1 A)** e em 1994, demonstrou a arte que seria também premiada na Imperatriz Dona Leopoldina. De **1991 a 1992**, a porta-estandarte Livia Aparecida Silva Campos inovou e encantou, obtendo o **1º prêmio do destaque** nos dois desfiles. Kátia Beatriz Junqueira de Oliveira, a "Kátia Cherry" trouxe sua experiência na apresentação do estandarte da locomotiva, obtendo o **1º lugar no destaque em 1993**. Lucimara Costa, a "Nega Tê", em 1995, e Charlene de Azevedo, em 1996 e 1998, exerceram as funções de porta-estandarte. O desfile de 1997 contou com a talentosa Adriana Machado Medeiros, revelação do estandarte nos anos noventa. Em 1999, Kátia Beatriz Junqueira de Oliveira, a "Kátia Cherry", conduziu mais uma vez o estandarte da União da Vila do IAPI.

Ser passista da Vila representou, no período 90-99, ser sucesso na avenida. Sucesso foi o resultado dos desfiles de Cleon Diniz, o "Sementinha", e Cláudia Machado de Oliveira, em 1990; de "Gudi" (Jorge Glênio Lopes), **1º lugar do destaque em 1991**, tendo Cláudia também como par. Em **1992**, "Gudi" mostrou seu samba junto a Denise Conceição, obtendo ambos o **1º lugar no destaque** e estreando como a dupla que se consagraria na Imperadores do Samba alguns anos mais tarde. José Pedrolino da Silva ("Caio Treme-treme") foi o passista em **1993**, quando Mariê Cristine Fortes Rocha mostrou beleza e talento premiados com o **1º lugar no destaque**. Em 1994, os passistas foram Altemir Oliveira da Silva, o "Chocolate", e Simone Silva Ribeiro. No ano de 1995, Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira, o conhecido mestresala "Tadeu", dançou ao lado da consagrada "Dendeca" (Tatiana Renata do Nascimento). Desfilaram como passistas da Vila, nos anos seguintes: José Elias e Andrelise Cristine Pereira, em 1996; José Alexandre dos Santos (Caco) e Shirlei Regina Vilar da Costa, em 1997; e André Oliveira Rosa e Solange Ferreira de Matos, em 1998. André permaneceu na função em 1999, ao lado da competente passista Patrícia de Oliveira.

Com a responsabilidade de apresentar a bandeira azul, vermelha e branca, alguns famosos casais de mestres-sala e porta-bandeiras desfilaram pela União da Vila do IAPI. O mestre-sala Hamilton Dias

Garais cortejou as porta-bandeiras Livia Aparecida Silva Campos em 1990 e Carmem Lúcia Ananias em 1994. Gustavo Adolfo Giró e Michele Moura Lima foram **campeões do quesito em 1991**. Michele retornou à bandeira em **1992**, ao lado do grande mestre-sala Luiz Marcelo Rodrigues, o "Marcelinho", com um novo **1º lugar no quesito**. No ano de **1993**, foi "Marcelinho" quem retornou ao desfile, desta vez cortejando a beleza da brilhante porta-bandeira Isabel Cristina da Silva Costa, ambos recebendo o **1º lugar do quesito no Grupo 1 A**. "Marcelinho" guardou mais uma vez a bandeira da Vila em **1995**, obtendo novamente o **1º prêmio** com a porta-bandeira Paula Verônica Zylbersztejn. Em 1996, revelaram-se a capacidade e a arte de um casal de mestre-sala e porta-bandeira, já citado e considerado, por especialistas do Carnaval, como a dupla mais competente surgida da década: Gilberto Koboldt Soares, o "Maiko", e Gislaine Freitas, a "Gisa". Márcio de Souza Lopes, outro mestre-sala revelado nos anos noventa, formou par, em 1997, com Fernanda Ferreira Bittencourt, premiada em anos anteriores por seu belíssimo trabalho na condução do estandarte de Os Filhos da Candinha. O desfile da Vila em 1998, mais uma vez, revelou talentos: Antônio Ricardo Silveira, o "Chula", que apresenta as características dos consagrados mestres-sala cariocas, ao lado de Sílvia Barreto como porta-bandeira. "Chula" permaneceu na função de mestre-sala em 1999, ao lado da porta-bandeira revelada neste ano pela Vila, Cristiane Santos Silva.

Temas de Enredo

1990 - A UNIÃO FAZ A FORÇA – A VILA CANTA PAZ E AMOR (um libelo contra a violência, a favor da alegria e da harmonia na maneira de viver) – Autor: Alvino da Silva Machado.

"..Mas estamos de volta e alguém nos lembra que esta locomotiva, há dez anos, faz diferentes viagens, nos levando ao reino da alegria. Já estão os jovens estudantes nos esperando, pois serão eles a dar aulas de paz..."

1991 - ANTES DE SAMBA...SEMBA (história da evolução do samba, desde a África até o Brasil) - Autor: Guaraci Feijó - **1º lugar no Grupo 1 A**.

"... eram noites de muitos anos. Negros e negras incandesciam na escuridão, enfeitados pela cadência do semba. Viajavam na mais longa

batucada, dançando jongo, lundu e a obscena bangulê... o semba e a batucada foram se transformando e chegaram aos dias de hoje de roupa nova... receberam simplesmente o nome de samba..."

1992 - CORPO DE DANÇA, GESTOS E FORMAS (narra a história da dança através dos tempos) - Autores: Guaraci Feijó e Paulo Filandro.

"... talvez o ritual indígena mais conhecido seja o Quarup, a comemoração da última lembrança dos mortos. A primeira de suas danças se chama Mavurauá... a dança dos eleguns de Xangô tem início no começo da tarde... a parte falada dos maracatus foi sendo eliminada lentamente, resultando em música e dança para homenagear a coroação do rei... o bumba-meu-boi é praticado em arena, com o público ao redor..."

1993 - DAS ORGIAS DO EGITO ÀS FOLIAS DO AREAL (trajetória e evolução das festas carnavalescas) - Autor: Nilton Deoclides Pereira.

"...teve sua origem nas orgias do Egito antigo, quando o povo comemorava suas vitórias através de festividades extravagantes, com muita bebida e comida, onde não faltava a dança e a sensualidade imperava livre... nobres e plebeus misturavam-se e se confundiam... no Brasil, sofreu influência do entrudo de Portugal, até que o sapateiro Zé Pereira fez um surdo e saiu tocando pelas ruas do Rio de Janeiro..."

1994 - NOSSA, QUE LOUCURA! (sátira às manifestações reais e duvidosas da loucura no comportamento da humanidade) – Autor: Álvaro Machado.

"...a doidice de querer descobrir terras, saiu em viagem e, devido ao sopro de uma brisa, veio bater às portas do Brasil, descobrindo nesse Braçuca a loucura da corrupção... Napoleão com suas guerras, é um general cheio de alegria, que dava o tapa e escondia a mão..."

1995 - DO CAMPO DOS SONHOS, UMA HISTÓRIA DE REIS (história das Copas do Mundo de futebol vencidas pelo Brasil) – Autores: Alcides Borba e Guaraci Feijó.

"Quase duas gerações de ídolos azarados, galinhos de pé quebrado, doutores de calcanhar de vidro, até que os deuses decidiram que chegara a hora da redenção. A bordo do trem, vão as esperanças da nação brasileira: Brasil, tetra-campeão de futebol."

1996 - MUITO ALÉM DOS SONHOS (fala dos sonhos verdadeiros e

daqueles que são fruto da imaginação e do desejo humano) – Autores: Sérgio Pinto e Luiz Carlos Amorim.

“Quem não sonha? ...mínima é a extensão de cada sonho, imensa e intrigante é a variedade deles, da qual não nos lembramos ao voltar dessa viagem...os sonhos fazem parte da nossa vida, por isso vale a pena e é necessário sonhar...”

1997 - A HISTÓRIA DE KRAKORÊ E AKALAUJA NO REINO ENCANTADO DA PRINCESA NAURU (lenda sobre o amor de um guerreiro havaiano e de sua amada) – Autor: Mano Brum.

“...certa noite, Krakorê resolveu que não tinha mais sentido a vida sem sua amada e atirou-se nas águas para morar no reino de Nauru, junto com sua querida Akalauja, nas profundezas do oceano... assim, todas as noites de lua cheia, Krakorê se transforma em imensa onda e vai até os arrecifes de coral ao encontro de Akalauja, que o recebe de braços abertos e o acalma, transformando-o em espuma branca e macia...”

1998 - ABRE A MÃO E VEM PRÁ VILA QUE A CIGANA VAI LER TUA SORTE (apresenta os hábitos e costumes do povo cigano desde sua origem nômade) – Autores: Deoclécio Souza e Mano Brum - **1º lugar no Grupo Intermediário A.**

“...Usam o punhal para abrir os caminhos, a estrela de cinco pontas, o castiçal de três velas... Colocam em suas tendas ramos de ervas cheirosas para espantar o mau-olhado... Com sua chegada à Nova Canaã, o Brasil, encontraram um povo receptivo à sua cultura e crendices religiosas... acreditam que o Brasil é a terra do fogo que irá unificar todos os povos...”

1999 - NA PASSARELA EM ALTO ESTILO, MILKA (homenagem à obra da estilista de moda Milka Wolff) – Autor: Ademir Conceição.

“A Escola não pretende contar a vida da estilista, mas mostrar seu início, seu mundo fashion, viajar por diversos países através dos seus desfiles temáticos...”

Estado Maior da Restinga

Trazendo como símbolo o cisne branco, a Estado Maior da Restinga, fundada em 20 de março de 1977, escreveu páginas de reconhecida importância na história do Carnaval de Porto Alegre durante a década de noventa.

A Escola, que adotou as cores vermelho, verde e branco, colocou-se sempre entre as quatro maiores entidades carnavalescas da cidade. Um dos aspectos mais brilhantes dos desfiles da "Tinga" tem sido o extremo cuidado com suas alegorias, elaboradas com luxo e requinte. Carros alegóricos de elevado nível artístico, adequados à temática, têm feito a alegria da arquibancada. Componentes vestindo fantasias criativas e perfeitamente adereçadas também revelaram-se como característica das apresentações da Escola.

Responsável (assim como a Império da Zona Norte) pela introdução do Carnaval-espetáculo nos desfiles de Porto Alegre, com técnica imitada por suas concorrentes, a Estado Maior, ao final da década, mostra-se como exemplo de organização, tendo sido a primeira colocada do Grupo Especial, no último Carnaval do milênio.

Outro aspecto que deverá ser imitado pelas co-irmãs é a organização do material de trabalho dos barracões da "Tinga", tanto na quadra quanto nos locais em que constrói suas alegorias. A Estado Maior da Restinga é uma das poucas Escolas de Samba, se não for a única do Grupo Especial, que mantém almoxarifado de matéria-prima virgem e reciclável.

Oferecendo aos seus componentes uma quadra bem construída e com infraestrutura que permite o comparecimento e a participação de milhares de foliões, a "Tinga" é, hoje, motivo de orgulho para sua comunidade e para a cidade de Porto Alegre.

É a Escola do coração do Presidente da AECPARS, Evaristo Barbat Mutti.

O quadro abaixo revela o desempenho da Estado Maior da Restinga na década de noventa:

Ano	Colocação
1990	2º lugar - Grupo 1A
1991	1º lugar - Grupo 1A
1992	1º lugar - Grupo 1A
1993	2º lugar - Grupo 1A
1994	1º lugar - Grupo 1A
1995	3º lugar - Grupo 1A
1996	2º lugar - Grupo Especial
1997	4º lugar - Grupo Especial
1998	3º lugar - Grupo Especial
1999	1º lugar - Grupo Especial

De 1990 a 1997, César Rodrigues Ribeiro, sempre assessorado pela competente Lídia Ribeiro, apaixonada pelo Carnaval, presidiu a Estado Maior da Restinga. Componente de garra e capacidade de trabalho, de temperamento forte e suscitando polêmicas com suas idéias e conceitos, César Ribeiro, sem dúvida, é personagem marcante na história da cultura popular em Porto Alegre. De 1998 a 1999, a nova geração de dirigentes de Escolas de Samba é representada pelo presidente Aldo Luís Rabello Carlos.

A Escola do bairro Restinga teve, de 1990 a 1995, uma competente e forte direção de Carnaval, na pessoa de Jorge Alberto de Mattos, o “Kid”, que retomou as atribuições em 1998. Em 1996, “Kid” foi substituído por Ubirajara Franco de Oliveira e, no ano de 1997, Lídia Ribeiro assumiu, de direito, o Carnaval que já fazia de fato. Em **1999**, visando reformulações e com a finalidade de distribuir tarefas, a direção de Carnaval foi distribuída a uma comissão de dirigentes, entre os quais o conhecido Hélio Garcia. A premiação de **“melhor das melhores”**, neste ano, coube à Direção de Carnaval da Estado Maior.

A harmonia musical sempre foi objeto de muito cuidado da direção da Escola, tendo à sua frente Delmar Barbosa Pavão, reconhecido profissional e tradicional carnavalesco, em 1993, e Carlos Viana em 1996 e 1997. Jorge Alberto de Mattos, o “Kid”, acumulou as funções de diretor de Harmonia e de Carnaval em 1994, 1995 e 1998. Delmar Barbosa Pavão foi o responsável pela direção de harmonia musical no Carnaval de **1999**, recebendo o **1º prêmio no destaque** do Grupo Especial.

De 1990 a 1993, Estêvão Renato Pereira foi mestre de bateria na Estado Maior, obtendo o **1º lugar em 1990, 1991 e 1992**. Em **1994**, outro **1º lugar** foi concedido à bateria da Tinga, na pessoa de Rubens Luiz Francisco dos Santos, o “Carioca”. Mestre Estêvão retornou à função de 1995 a 1996. Em 1997, uma revelação da Escola, Flávio Luciano Conceição, esteve à frente dos ritmistas da Estado Maior. No ano de **1998**, o premiado e talentoso Mestre “Inho”, Júlio César de Lucena, no comando da bateria da Escola, obteve o **1º prêmio** do quesito no Grupo Especial. Flávio Luciano da Conceição voltou a comandar a bateria da Restinga em 1999.

Xico Corrêa, considerado um dos maiores e melhores artistas do figurino do Carnaval em Porto Alegre, desenhou os modelos da Estado Maior da Restinga de **1990 a 1994**. Nesse período, recebeu o **1º prêmio no destaque** em todos os desfiles. Em 1993, dividiu as atribuições de arte com Rony Rocco, outro destacado e premiado carnavalesco. Rony foi o figurinista do Carnaval de 1995 e, em 1996, trabalhou em parceria com Guaraci Feijó. Guaraci fez os figurinos da Estado Maior em 1997 e 1998, demonstrando toda a competência exigida para o quesito e o talento artístico que faz parte do seu extenso currículo no Carnaval. O consagrado e premiado João Francisco Corrêa, o Xico Corrêa, mostrou seu talento novamente em 1999, desenhando os modelos de fantasias.

Porta-estandarte que serviu de exemplo por todas as que exerceram essa função, Vera Lúcia Rodrigues, a premiada “Vera Furacão”, conduziu o símbolo da Tinga de 1990 a 1992, recebendo o **1º prêmio do destaque em 1991**. Em 1993, a função foi exercida com a competência de Tânia Regina de Freitas. “Kátia Cherry” foi a porta-estandarte da Estado Maior de 1994 a 1995, tendo seu talento premiado com o **1º lugar em 1994**. Desde 1996, a Escola tem, na condução e apresentação do estandarte, a revelação da função nos anos noventa, Guislaine Pereira Santos, considerada pelos especialistas como a mais competente porta-estandarte surgida na década. Essa qualificação se deve ao fato de Guislaine desfilar sempre apresentando o estandarte, tanto ao público quanto aos destaques e autoridades na avenida com coreografia original, o que, infelizmente, vem sendo descuidado por outras detentoras da função. Premiando sua arte e competência, Guislaine recebeu o **“estandarte de ouro” em 1999**, como a melhor porta-estandarte do Grupo Especial.

Viviane Guedes Mendes foi a passista da Estado Maior da

Restinga de 1990 a 1991, sendo Lucimar seu parceiro em 1990 e Cláudio Roberto Machado no ano seguinte. Em 1992 e 1993, a Escola trouxe ao desfile os passistas João Luiz Santos dos Santos (**1º lugar em 1992**) e Alessandra Silva Farias. Ana Lúcia Machado foi a **campeã no destaque em 1994**, retornando em 1995, ao lado de Luiz Fernando Rosa Chaves. De 1996 a 1999, “Caio” (João Carlos dos Santos Viana) fez bela trajetória como passista da Estado Maior, obtendo o **1º lugar em 1996 e em 1998**. Ao lado de “Caio”, tivemos, nos quatro últimos anos, o brilho e a malícia de Tatiana Renata Santos do Nascimento, a “Dendeca”. Em **1999**, os julgadores concederam ao casal “Caio” e “Dendeca” o prêmio de **“melhor dos melhores”** como passistas do Grupo Especial.

O mestre-sala Oldair Laci dos Santos, um bailarino de gestos perfeitos, é mais um dos destaques do Carnaval a quem tributamos homenagem especial por permanecer em uma mesma Escola durante todo o período 1990-1999. Fazendo par com Tânia Regina de Freitas nos dois primeiros anos, Oldair e sua porta-bandeira conquistaram o **1º prêmio do quesito em 1990 e em 1992**. De 1993 a 1996, Michele Moura Lima foi a porta-bandeira cortejada por Oldair, tendo o casal obtido o **1º prêmio em 1994**. Em 1997, Oldair revelou o talento de Rita de Cássia Gomes Cunha no porte da bandeira verde, vermelha e branca. Em 1998 e em 1999, a apresentação do pavilhão “restinguense” coube à talentosa porta-bandeira Paula Zylbersztejn Marques.

Temas de Enredo

1990 - GUAÍBA, OS ENCANTOS DE UM RIO SOB UM PÔR DE SOL FASCINANTE (conta a origem do nome Guaíba e exalta o pôr-do-sol sobre suas águas) – Autores: Rony Rocco e Xixo Corrêa.

“... E, à tardinha, nada mais poético do que ver o pôr-do-sol. As águas e o céu se unindo em tons de dourado e púrpura, dando ao poeta a oportunidade de escrever, em prosa e verso, seu amor

pelo Guaíba na reunião encantada das águas com o firmamento...
O belo rio recebe aquela

imensidão de barcos com pessoas que acompanham, em cortejo, a procissão da Senhora dos Navegantes...”

1991 - ÁFRICA, RAÍZES NEGRAS NA TERRA DO SAMBA (conta como o negro vivia em sua terra antes de ser escravizado pelo branco e vir para o Brasil) – Autor: Rony Rocco - **1º lugar no Grupo 1 A.**

“... Acostumados à liberdade, à vida saudável junto à natureza, com fauna e flora ricas em variedade, o negro vivia na África de forma despreocupada e livre... o aprisionamento, o

afastamento de sua terra, de sua família... não restou aos negros senão sua grande fé e a esperança na liberdade... conseguiu implantar suas raízes em solo brasileiro...”

1992 - LENDÁRIO E FASCINANTE, O MAR, MISTERIOSO MAR (fala dos mistérios e magias dos mares e de Atlântida, o continente perdido, homenageando as entidades religiosas relacionadas ao mar) – Autor: Rony Rocco - **1º lugar no Grupo 1 A.**

“...diz a lenda que Netuno, tendo recebido a ilha de Atlântida como presente, instalou nela os filhos que tivera com Clito. Embelezou a ilha... fez jorrar do chão fontes de água fria e quente, ordenando que a terra produzisse alimentos variados e abundantes...”

1993 - DAS MARAVILHAS DO ÉDEN AOS SETE PECADOS CAPITAIS (propõe comentários satíricos sobre os sete pecados capitais: a ira, a gula, a inveja, a luxúria, a soberba, a avareza e a preguiça) – Autor: Rony Rocco – **1º lugar no Grupo 1 A.**

“...Do gesto impensado de Adão e Eva, surge o homem pecador. O ser humano ficou avarento, conheceu a soberba, orgulho desmedido, a arrogância, viu-se vítima da luxúria, da ostentação, passou a manifestar a ira, tornou-se invejoso, preguiçoso e guloso...”

1994 - ÁFRICA – 300 ANOS DE ZUMBI DOS PALMARES (narra os costumes no Quilombo dos Palmares e a fraternidade que reinava entre seus habitantes, exaltando a missão de Zumbi) – Autor não referido - **1º lugar no Grupo 1 A.**

“...ali conviviam em harmonia índios, mamelucos, cafusos e todas as etnias negras... todos em busca da alegria de viver e, principalmente, da liberdade... diferentes no aspecto exterior, se irmanavam internamente – irmãos livres, imortais e serenos... o rei Zumbi soube utilizar toda a educação de homem livre recebida dos seus antepassados...”

1995 - NA MAGIA DO CIRCO, O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA (o mundo do circo, com suas personagens, aparece na temática carnavalesca) – Autor: Rony Rocco – **1º lugar no Grupo 1 A.**

“Hoje aqui, amanhã em outro lugar, o circo prossegue em sua aventura, levando alegria e emoção a pessoas de todas as idades. Quem não sente saudade de ouvir os anúncios da chegada do circo?...”

1996 - A RIQUEZA DESTA NEGRA ME FASCINA (ressalta a ação escravagista e colonialista dos

europeus contra os povos africanos, a exploração e o esgotamento das riquezas do continente negro) – Autor: Guaraci Feijó.

“Negra mãe fascinante, exuberante fonte de vida! O grito da tua liberdade anda muito longe, poucos o ouvem. Nosso lamento, nossos batuques, precisarão de mais vozes, nossa união precisará de mais braços, nosso pulsar precisará ser ouvido em todos os cantos do mundo. A lição deixada por nossos antepassados fará surgir um novo sol...”

1997 - CORTES INVASORAS EM TERRAS TUPINIQUINS (narra os momentos marcantes da

história brasileira, do período pré-colonial até a elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal) – Autores: Guaraci Feijó e Sérgio Peixoto.

“...de onde vieram estes homens brancos de pêlos ruivos e os outros, de pele negra como a noite? De onde vieram os homens que mudaram nossa terra e nossas vidas em nome de Tupã? De onde vieram esses homens brancos e negros? E agora, juntos, para onde iremos nós, os tupiniquins?”

1998 - ALIMENTO – RESERVA ENERGÉTICA DO ORGANISMO HUMANO (apresenta a importância dos alimentos para o desenvolvimento social, econômico e cultural da humanidade, enfocando curiosidades em relação a determinados hábitos alimentares) – Autor: Guaraci Feijó

“...alimentar-se bem, nos dias de hoje, é privilégio de poucos, mas existem os que podem e comem de tudo o que vêem pela frente. Para estes, uma oportuna defesa: a boca é a parte do corpo que não somente recebe alimentos mas também que expressa a busca humana da superação de angústias e frustrações. Por isso é que alimentar-se dá a sensação de alimentar sentidos e desejos...”

1999 - BAILADO DO CISNE NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO (conta a viagem do cisne, símbolo da Escola, em rotas futuristas) – Autora: Comissão de Carnaval.

“O cisne, nosso símbolo de tantas glórias, com suas asas maravilhosas, será o condutor da nossa imaginação nessa odisséia de sonhos e esperanças.”

Unidos de Vila Isabel

Tendo por símbolo as mãos unidas junto à pomba da paz, a Unidos da Vila Isabel foi criada no dia 7 de abril de 1979, em Viamão, representando essa cidade no Carnaval oficial de Porto Alegre durante o período 1990-1999. Nas cores da bandeira e do estandarte traz o azul, o amarelo, o verde e o branco.

A Vila Isabel, como é carinhosamente chamada pelo povo carnavalesco, passou por momentos difíceis durante os anos noventa, como se vê no quadro abaixo, mas sua recuperação se traduz pelas colocações obtidas em 1997 e 1998. Seu retorno ao Grupo Especial em 1999, é a justa premiação ao esforço de dirigentes e componentes, com apoio da comunidade.

Em 1990, a presidência da Unidos da Vila Isabel foi exercida por Fineu Porto Alegre. De 1991 a 1993, Jorge Ferreira de Mello e, em 1994, Marino Balbino dos Santos foram os presidentes da Escola. A partir de 1995 e até 1999, uma administração diferenciada, caracterizada pelo dinamismo e pela capacidade de trabalho passou a liderar a Escola de Samba de Viamão. Juarez Gutierrez de Souza, conhecido político do município vizinho, caracteriza-se pela visão correta dos requisitos exigidos pelo Carnaval competitivo. Com a assessoria de carnavalescos competentes em suas funções, Juarez, com o competente assessoramento de sua esposa Cláudia, reconduziu a Vila Isabel ao Grupo Especial, ao qual a Escola pertencia no início da década.

Ano	Colocação
1990	8º lugar - Grupo 1A (rebaixada)
1991	5º lugar - Grupo 1B
1992	3º lugar - Grupo 1B
1993	9º lugar - Grupo 1B (rebaixada)
1994	7º lugar - Grupo II
1995	4º lugar - Grupo II
1996	4º lugar - Grupo Intermediário B
1997	1º lugar - Grupo Intermediário B (promovida)
1998	1º lugar - Grupo Intermediário A (promovida)
1999	6º lugar - Grupo Especial

Como Diretores de Carnaval, atuaram na Escola Adalberto Soares, de 1991 a 1994, o reconhecido carnavalesco Ismar Silveira da Silva em 1995, Nilson Nejaír Gomes, o “Neja”, competente mestre-sala e conhecedor dos segredos do Carnaval, em 1996, e Luiz Carlos Amorim em 1997 e 1998. Jean Boesch foi o diretor de Carnaval em 1999.

Na harmonia musical, a Unidos da Vila Isabel teve a colaboração dos diretores Adão França em 1991, Marcelo Garcia da Silva, o “Pastel”, também ensaiador de bateria, em 1993, “Neja” em 1994, Ari da Silva Rodrigues, o conhecido compositor e intérprete Arizinho, em 1995, Odacir Silva, o “Mug”, com Carlos Alberto Oliveira da Rocha, o “Cabeto”, em 1996, e “Mug” novamente, em 1997 e 1998. Para o Carnaval de 1999, a harmonia musical foi dirigida por Jefersandro Sampaio dos Santos, o “Sandro Sampa”.

Plauto Alcântara, que viria a ser julgador do Carnaval, foi 1º lugar no destaque diretor de bateria da Escola em 1990. Em 1991, Valdir de Souza, o “Macaco”, comandou os ritmistas. No desfile de 1992, “Pastel” (Marcelo Garcia da Silva) regeu a bateria, retornando em 1994 e permanecendo até 1999. “Sarrinho” (Antonio Carlos Gomes), que depois seria diretor de bateria da União da Vila do IAPI, exerceu as funções em 1993.

Os figurinos da Vila Isabel tiveram o traço de nomes famosos na arte do desenho, entre os quais, o saudoso Djalma do Alegrete, em 1990. No ano seguinte, a tarefa foi entregue a Leandro Conceição. Sérgio Pinto, artista plástico inovador e criativo, fez os figurinos de 1992, 1993, 1994 e de 1997 a 1998, recebendo o **1º prêmio em 1992**. Em 1995, foi a vez de Dirson Catani propor os modelos da Escola, dividindo o trabalho com Fabiano de Almeida em 1996. Alvino da Silva Machado, talentoso carnavalesco, foi o autor dos figurinos em 1999.

No estandarte, a Vila Isabel apresentou Flávia Beatriz Carvalho em 1990. No ano seguinte, a porta-estandarte Kátia Rodrigues Mendes foi **1º lugar do destaque no Grupo 1 A**, embora tenha ocorrido o rebaixamento da Escola. Kátia retornou à função em 1993 e 1994. Cláudia Adriana de Oliveira Borges apresentou o estandarte em 1992. Desde 1995, Rosângela Lopes de Vargas, a “Dandi”, é a porta-estandarte da Escola de Samba de Viamão.

João Carlos Viana, o “Caio”, iniciou a década de 90 como passista da Vila Isabel, ao lado de Cristina Mendes, que continuou na

função em 1991, com Jorge Augusto dos Santos. Cristina retornou à função de passista em 1993, formando par com Rogério Vasconcelos, o “Borracha”. Em 1992, estrearam na Escola os passistas Paulo André Ribeiro Corrêa e Isabel Cristina de Lima. Paulo André seria o **campeão do destaque em 1996**, retornando à Vila Isabel nos desfiles de 1996 a 1998. Em 1994, o passista foi novamente Rogério Vasconcelos com a passista Cláudia Santarém. Cláudia permaneceu na função até 1996, dançando ao lado de Luiz Roberto Silva em 1995 e outra vez com Paulo André em 1996. De 1997 a 1998, a parceira de Paulo André foi Cristina Garcia. Para o desfile de 1999, a Vila Isabel trouxe novamente Paulo André Corrêa, ao lado da revelação Ana Paula Fagundes.

Na Unidos da Vila Isabel, uma porta-bandeira fez seu nome e engrandeceu a Escola: Iara Rosa. Levando a bandeira das mãos unidas, Iara desfilou em 1990, foi **1º lugar no quesito em 1992**, desfilou novamente em 1993 e em 1995. Os mestres-sala que cortejaram Iara Rosa foram Cláudio Almeri Macedo da Silva em 1990, José Luiz Vitória Azevedo (**1º lugar**) em **1992**, e José Laurencindo da Silva, o “Lalá”, em 1993 e em 1995. No ano de 1991, a Vila Isabel apostou em um novo talento como mestre-sala: José Roberto Santos Crescêncio, o “Betinho”, que cortejou a porta-bandeira Rosane de Cássia Fernandes Paz. “Lalá” foi novamente o mestre-sala em 1994, ao lado da porta-bandeira Márcia Bittencourt, e de 1996 a 1997, com Kátia Rodrigues Mendes. Em **1996**, o casal foi **campeão do quesito no Grupo Intermediário B**. No desfile de 1998, a Vila Isabel apresentou Luiz Roberto como mestre-sala e Iara Silva como porta-bandeira. Luiz Augusto Alencar, o “Guto” foi o mestre-sala e Kátia Mendes retornou como porta-bandeira no Carnaval de 1999.

Temas de Enredo

1990 - MACHADO DE ASSIS (homenagem ao escritor brasileiro e às suas principais obras) – Autor: Djalma do Alegrete.

(a Escola não apresentou texto do tema-de-enredo)

1991 - A UTILIDADE DO DEDO (realça as habilidades do dedo humano, como primeira parte do corpo a chegar antes das ações) – Autor: Adalberto Soares.

“... o dedo é o primeiro a chegar em quase tudo o que fazemos. No trabalho, no amor, no lazer... como consolo, ficamos com o dedo na boca... na roda de malandragem, o dedo-duro é odiado... o compadre

convida para dois dedos de prosa e pede dois dedos de pinga... sempre o intrometido bota o dedo onde não é chamado..."

1992 - DE QUEM SÃO ESTES VENTOS? (narra os efeitos dos ventos sobre a Terra e os relaciona a Iansã, orixá africana que os rege) – Autor: Guaraci Feijó.

"De quem são estes ventos? Ventos que varrem de sul a norte, de leste a oeste, o céu e o mar. Ventos que engravidam a Terra, fazem germinar e aflorar a vida. De quem são estes ventos? Ora fortes e incómodos, ora brandos e aquecidos, capazes de embalar os sonhos. De quem são estes ventos? músicos, cantores que trazem aos nossos ouvidos os acordes da natureza."

1993 - BOCAGE, O POETA POPULAR – VIVA A SACANAGEM NO PLANALTO CENTRAL (referência ao poeta português, precursor do romantismo erótico, e ao que comporia inspirado nas irregularidades cometidas pelos governantes brasileiros) – Autor: Carlão.

"... foi autor, também, de poemas eróticos, por vezes de grande beleza. Estes, como os satíricos, contribuíram para uma celebridade negativa... a mediocridade da vida cotidiana em seu tempo é responsável por uma existência desordenada... foi um inadaptado, vítima da discriminação social que pesava sobre sua condição de poeta..."

1994 - DAS MÁGOAS DA VILA AOS BARES DA VIDA (fala da frustração dos carnavalescos da Vila Isabel em relação aos últimos desfiles, exaltando-os a ter esperança em melhores Carnavais) – Autor: Carlos Eliseu Mendes.

"...o desencanto da comunidade da Escola com os últimos desfiles... mostraremos os monstros, que aterrorizaram a história do nosso Carnaval..."

1995 - DO ESPLENDOR DE UM SONHO, O BRILHO NEGRO DA ESTRELA DA LIBERDADE (homenagem a Rolihlahla, que criou o Congresso Nacional Africano) – Autor: Ismar Silveira da Silva.

"...a figura carismática de um negro oriundo dos thembas, tribo africana, cujo nome em dialeto xhosa é Rolihlahla, que foi um dos fundadores do Congresso Nacional Africano... Pimpinela Escarlata, Negro de Ouro, um símbolo de luta que tinha como maior valor o seu ideal ..."

1996 - A CRIAÇÃO DA ÁFRICA NEGRA NO PAMPA GAÚCHO (a história

do negro no Rio Grande do Sul, com enfoque ao papel dos “lanceiros negros” da Guerra dos Farrapos e à lenda do Negrinho do Pastoreio) – Autor: Vanderlei Fogo.

“a referência que se faz aos negros que substituíram os senhores na proporção de 10 por 1, Guerra do Paraguai...destacamos a lenda do Negrinho do Pastoreio, a mais gaúcha de todas...nas artes, na culinária, na religião, a influência dos negros no Rio Grande do Sul...”

1997 - SOU LOUCO POR TI, AMOR (OU OS CAVALHEIROS DOS AMORES INCESSANTES) (resume as histórias de grandes amores da ficção e da realidade) – Autor: Sérgio Pinto – **1º lugar no Grupo Intermediário B.**

“...o amor é como bomba de ar que explode nos pulmões, faz a adrenalina e os hormônios dançarem nas veias, desmancha as couraças e faz com que os amantes dissolvam no sentimento suas tensões crônicas...amores e flores rimam com todas as épocas, em todas as culturas, em todas as crenças. Seu buquê tem o perfume do universo...”

1998 - PORTAL DO UNIVERSO É A VILA ISABEL (uma viagem através do Sistema Solar, falando dos seus planetas) – Autor: Sérgio Pinto.

“...A Vila Isabel então abre o portal do universo, com alegria e satisfação, para todos viajarmos juntos a um turbilhão de estrelas, por essa esteira celestial...”

1999 - DE VERÍSSIMO A VERÍSSIMO E SUAS OBRAS (homenagem à obra literária de Érico e Luiz Fernando Veríssimo) – Autora: Cláudia Gutierrez.

“...tantas coisas em comum nas duas gerações, Érico e Luiz Fernando, motivo de orgulho para todos nós...A Vila Isabel vem exaltar aqueles que, na cultura musical e literária, exerceram prazer, talento, vocação e paixão, em dois tempos distintos, deixando sua marca até nossos dias.”

